

**MARTINHO CONDINI**

# **DOM HÉLDER CÂMARA:**

**MODELO DE ESPERANÇA NA CAMINHADA PARA A PAZ E JUSTIÇA SOCIAL**

**Mestrado em Ciências da Religião**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo  
2004**

**MARTINHO CONDINI**

# **DOM HÉLDER CÂMARA:**

**MODELO DE ESPERANÇA NA CAMINHADA PARA A PAZ E JUSTIÇA SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, sob orientação do Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito.

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo  
2004**

## **Comissão Julgadora**

---

---

---

Dedico este trabalho à minha esposa, Ivana, e à minha filha, Luiza, as chamas de esperança que iluminam e aquecem a minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito, orientador, amigo e incentivador, em todos os momentos;

aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, especialmente ao Prof. Dr. José J. Queiroz e o Prof. Dr. Waldecy Tenório, pelas relevantes sugestões e críticas, as quais procurei incorporar nesta dissertação;

à Andréia, secretária do departamento, sempre tão solícita aos meus pedidos de esclarecimento;

à Maria de Jesus, funcionária do Instituto Dom Hélder Câmara, pela prontidão no atendimento às minhas necessidades;

a Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Cândido Padim, Leonardo Boff e Joseph Comblin, pelos exclusivos depoimentos a respeito de Dom Hélder;

a todas as pessoas que estiveram envolvidas com o meu trabalho, direta ou indiretamente, e colaboraram para a sua realização;

a CAPES, pela bolsa concedida, sem a qual este trabalho não poderia ter sido realizado.

Sonhei que o Papa enlouquecia  
E ele mesmo ateava fogo  
Ao Vaticano  
E à Basílica de S. Pedro...  
Loucura sagrada,  
Porque Deus atiçava o fogo  
Que os Bombeiros  
Em vão  
Tentavam extinguir.  
O Papa, louco,  
Saía pelas ruas de Roma,  
Dizendo adeus aos Embaixadores,  
Credenciados junto a ele;  
Jogando a tiara no Tibre;  
Espalhando pelos Pobres  
O dinheiro todo  
Do Banco do Vaticano...  
Que vergonha para os Cristãos!  
Para que um Papa  
Viva o Evangelho,  
Temos que imaginá-lo  
Em plena loucura!...

*(Meditações de Dom Hélder)*

## RESUMO

Esta dissertação procura mostrar a atuação de Dom Hélder Pessoa Câmara, um modelo de esperança na sua incansável busca pela paz, e a luta pela justiça social, no Nordeste, no Brasil e no Mundo. Também destaca a sua importante participação no processo de transformação da Igreja Católica a partir da segunda metade do século XX. No Brasil, sua renovação tem início antes da realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), mas alcança maior visibilidade com a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB –, em 14 de outubro de 1952. Se o Concílio Vaticano II significou abertura para a Igreja em todo o mundo, muito mais para a Igreja latino-americana. A II e a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968) e Puebla (1979) foram uma releitura dos ensinamentos do Concílio a partir da realidade da América Latina, marcada pela pobreza, pela desigualdade e pela repressão imposta pelos militares. E Dom Hélder participou intensamente de todo esse processo de renovação da Igreja e de luta pelos direitos humanos na sociedade, tornando-se, ao longo dos anos, o mediador da esperança, um profeta para a Igreja no Brasil. Esta dissertação colhe a esperança que a atuação de Dom Hélder desperta na Igreja e fora dela, pois a esperança é uma presença constante na vida de Dom Hélder.

## **ABSTRACT**

In this dissertation it is sought to show the actuation of Dom Hélder Pessoa Câmara, a model of hope in his tireless search for peace and social justice, in the north-east of Brazil, in Brazil as a whole, and in the World. It also highlights his important participation in the process of transformation of the Catholic Church from the second half of the twentieth century on. Before the realization of the Council Vatican II (1962-1965), the Catholic Church of Brazil started a process of renewal. This process of renewal of Brazilian ecclesiastic life took on greater visibility with the foundation of the National Conference of Bishops of Brazil (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, the CNBB, on the 14<sup>th</sup> of October of 1952. If the Council Vatican II meant opening for the Church all over the world, much more for the Latin-American Church. The second and third General Conference of Latin-American Episcopate in Medellín (1968) and Puebla (1979) were a rethink of the teachings of the Council from the perspective of the Latin America, branded by poverty, social differences, and the repression imposed by the military regimen. Dom Hélder participated intensely in all this process of renewal of the Church and fight for human rights in the society. The dissertation reaps the hope that the actuation of Dom Hélder awakes inside and outside of the Church. Over the years, Dom Hélder became the mediator of hope, a prophet for the Church in Brazil.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	09
CAPÍTULO 1	
ESPERANÇA CONSTRUÍDA E AMADURECIDA NA LUTA .....	12
1.1 Dom Hélder e a CNBB .....	14
1.2 O trabalho nas favelas do Rio de Janeiro .....	18
1.3 A operação esperança em Recife .....	24
CAPÍTULO 2	
O SACERDOTE GUERREIRO .....	31
2.1 O enfrentamento com os Militares .....	33
2.2 As divergências com a Igreja .....	46
CAPÍTULO 3	
OS SONHOS NA ESPERANÇA DE DOM HÉLDER .....	55
CAPÍTULO 4	
DOM HÉLDER E A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA .....	78
CONCLUSÃO .....	99
ANEXO I	
D. Paulo Evaristo Arns .....	102
ANEXO II	
Joseph Comblin .....	108
ANEXO III	
Leonardo Boff .....	114
ANEXO IV	
D. Candido Padim .....	118
BIBLIOGRAFIA .....	123

## INTRODUÇÃO

A História da Igreja no Brasil e na América Latina, nos últimos quinhentos anos, se confunde com a própria história do país e do continente. Sabemos que a colonização europeia provocou uma intensa invasão cultural sobre os povos que viviam neste continente. E, nesse processo de dominação imposta aos povos latino-americanos, a Igreja Católica teve um papel muito importante enquanto instituição, exercendo mesmo um papel de destaque na História do Brasil e da América Latina.

Esse passado se faz presente ainda hoje em nossa história. Entramos no século XXI alegres e receosos, pois, apesar de tanta tecnologia, sentimos que falta esperança e perspectiva na construção de um mundo melhor, com paz e justiça social a todos.

O interesse em desenvolver um trabalho sobre Dom Hélder Câmara surgiu em função desse quadro descrito acima, pois estamos diante de alguém que teve, durante sua vida religiosa, a preocupação com a injustiça social independente de quem a cometia. E dessa preocupação nasceu um modelo de esperança que se tornou referência de luta a favor dos excluídos e injustiçados.

Este trabalho destacará dois aspectos importantes da vida de Dom Hélder: a busca na construção de uma sociedade mais justa, seja na relação entre os homens como também entre as nações, na medida em que ele foi um crítico severo da exploração imperialista das nações industrializadas capitalistas sobre as nações do terceiro mundo; e um segundo aspecto mais relacionado com a estrutura da própria Igreja, pois foi através de suas idéias e ações que ele conseguiu não só modificar e renovar a estrutura da Igreja brasileira, mas teve significativa atuação também na Igreja latino-americana a partir da segunda metade do século XX.

Toda essa trajetória de Dom Hélder foi permeada pela esperança – uma espécie de fio terra para a sua reflexão e ação. Como aquele nordestino miúdo de gestos largos, firmes e meigos conseguia contagiar as pessoas com sua esperança?

Para que se possa entender as atitudes e a postura de Dom Hélder em diferentes situações, serão contextualizados historicamente aqueles momentos com o objetivo de se ter uma visão mais clara a respeito das ações que foram tomadas. A trajetória de Dom Hélder, como religioso, e o seu engajamento político, em função do contexto social, são de fundamental importância para que entendamos a sua maneira de pensar e agir, como, também, consigamos dessa maneira preservar o pensamento e as práticas daquele que foi o mais importante religioso latino-americano entre os anos 40 e 80 do século XX.

Um primeiro problema que se apresenta, então, é o de investigar se o pensamento e a ação de Dom Hélder é algo restrito à sua realidade regional, nordestina, ou se tem perspectivas universalizantes, que permitam ampliá-lo para o Brasil, América Latina e mundo.

Uma outra ordem de problema diz respeito à atuação de Dom Hélder no campo religioso: sua agenda eclesial é profundamente renovadora e transformadora, o que lhe traz tensões e incompreensões no seio da própria Igreja, principalmente da ala conservadora; ainda que, por outro lado, seja profundamente respeitoso com o que o Vaticano, na pessoa do Sumo Pontífice, pede e recomenda. Crítico das estruturas monárquicas da Igreja enfrentou problemas *ad intra* e *ad extra*. Além disso, foi militante do integralismo nos anos 30, o que nos leva a investigar como Dom Hélder, fez a passagem de “integralista” para incentivador, formulador e defensor da “Igreja Popular” gestada a partir dos anos 60. Como ocorreu a transformação de um religioso, que tinha suas idéias baseadas no conservadorismo autoritário do integralismo e da Igreja tradicional conservadora, para o profeta do século XX, idealizador de uma Igreja progressista, envolvida no processo de conscientização da sociedade a fim de que a mesma pudesse ser agente de sua transformação e atingir a sua liberdade? Que fatores foram fundamentais para que essa mudança ocorresse e produzisse uma das principais lideranças da Igreja progressista da América Latina?

Para responder a essas questões é necessário criar um caminho metodológico que resgate a relação do contexto histórico com a atuação do

personagem principal, Dom Hélder. Isso possibilita perceber, com maior ênfase, o particularismo, a singularidade e a originalidade de sua atuação diante das divergências, bem como seu crescimento nas adversidades. Isso será feito a partir da interpretação de escritos de Dom Hélder (discursos, palestras, conferências), além do exame de dados bibliográficos, análise de suas atitudes práticas que colaboraram na construção de um modelo de esperança como religioso e como homem, e suas respostas aos diferentes problemas enfrentados no século XX.

## **CAPÍTULO 1**

### **ESPERANÇA CONSTRUÍDA E AMADURECIDA NA LUTA**

Início do século XXI; o desenvolvimento tecnológico é incontestável; atingiu-se o mais alto nível de progresso vivido pela humanidade. Mas, que esperança o homem atual tem no mundo diante de tantas dificuldades e injustiças? Onde ele busca esperança para vislumbrar um mundo mais digno e justo?

Todas essas indagações nos levam à lembrança de Dom Hélder Câmara. Ele que foi, ao mesmo tempo, um religioso, um poeta, um profeta, que construiu ao longo da história do século XX um modelo e uma pedagogia da esperança para os excluídos sociais. Este homem tornou-se, com sua luta, a voz dos que não têm voz no Brasil e na América Latina; um nome de referência mundial quando se trata dos direitos humanos. Sua vida religiosa, desde sua ordenação em 1922, em Fortaleza, até o final do seu bispado, em 1985, como Arcebispo de Olinda e Recife, foi caracterizada pelo aspecto polêmico de sua postura política e religiosa, diante da realidade de cada época. Na década de 30, foi integralista, nas décadas de 40 e 50 o chamavam populista e nas décadas de 60 a 80 foi identificado como comunista.

Ainda que estas diferentes posturas não lhe proporcionassem uma situação confortável, diante de parte da Igreja e de outros grupos sociais, Dom Hélder não deixou de colocar em prática suas idéias. Ao contrário, foi nos momentos de maiores dificuldades que as mesmas ganharam força e ele, então, tornou-se o principal nome da Igreja no Brasil na segunda metade do século XX. Sua atuação, como religioso, foi de grande importância não só para a história da Igreja Católica do Brasil e da América Latina, mas para o catolicismo em âmbito mundial. Como afirmou Joseph Comblin a respeito de Dom Hélder: “Escrever a biografia de D.

Hélder é fazer a história da Igreja no Brasil desde 1940, a história da Igreja Latino-Americana desde 1955 e a história da Igreja Católica desde o Vaticano II".<sup>1</sup>

Dom Hélder carregou consigo o entusiasmo e a esperança de se construir uma sociedade mais igualitária e uma Igreja mais engajada e preocupada com a realidade dos menos favorecidos. Acontece que esta esperança possui uma característica singular: ela foi construída na luta – na luta pela edificação de uma Igreja voltada para os pobres; pela reforma agrária; pela democracia e respeito aos direitos humanos e, finalmente, pelo fim do imperialismo econômico e político que as nações imperialistas industrializadas exercem sobre as nações do terceiro mundo. Ao seu modo, Dom Hélder era um guerreiro que acreditava na paz entre os homens e na igualdade de direitos de todos. Sua esperança não nasceu apenas de modelos teóricos, pelo contrário, ela foi sendo redimensionada na diuturna vivência com as classes populares, assim como com o clero, com os militares, e até mesmo no dia a dia com seus inúmeros afazeres.

Ele era um homem de ação consciente e com a coragem de poucos em prol dos injustiçados e excluídos; sempre contemplativo com o olhar poético dos místicos, conseguia ver além da pura realidade. Isso ele demonstrava em suas meditações e pensamentos, e os expunha em suas conversas, conferências e escritos. Em sua reflexão, *A Situação do Mundo*, Dom Hélder mostra a sua preocupação com a injustiça e a miséria da humanidade:

[...] A injustiça é una e indivisível: atacá-la e fazê-la recuar, aqui e ali, é sempre fazer avançar a justiça. [...] É preciso não esquecer que a miséria e a injustiça são sempre mais difíceis de suportar no Terceiro Mundo, as raízes mais fundas do mal se encontram no coração, nos interesses e práticas dos países ricos, com a cumplicidade dos ricos dos países pobres.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Frei FRANCISCO, *O Dom da Paz*, p. 7. Comblin faz essa afirmação devido à atuação de Dom Hélder na Igreja Católica brasileira no século XX. Nas décadas de 30 e 40, ainda padre, Hélder utilizou do seu conhecimento pedagógico para dedicar-se ao ensino religioso em nível nacional. Criou a revista catequética e, como assistente da Ação Católica, criou a Revista do Assistente Eclesiástico. Nos anos 50 conseguiu autorização em Roma para a Criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), sendo secretário geral por três mandatos consecutivos. Organizou o Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro. Colaborou com a criação do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), sendo vice-presidente duas vezes consecutivas. Na década de 60, teve uma atuação importante no Concílio Vaticano II convocado por João XXIII e mais tarde por Paulo VI. Foi um dos principais articuladores no processo de renovação da Igreja, principalmente na América Latina.

<sup>2</sup> Zildo ROCHA (Org.). *Hélder, O Dom*, p. 21.

O processo de construção da esperança de Dom Hélder se deu no decorrer de sua vida religiosa. E foi caracterizado por denunciar e agir, isto é, não se preocupava apenas em expor os problemas, mas, principalmente, propor soluções para questões sociais, econômicas, políticas e religiosas. Este processo pode ser dividido em dois períodos, porque engloba diferentes regiões geográficas e momentos diferentes no contexto histórico brasileiro. A semelhança entre esses dois períodos está no objetivo do trabalho e a quem ele queria atingir: conscientizar as pessoas de que elas podiam modificar a sua história, e serem donas do seu destino, e atingir as camadas mais carentes da sociedade. O primeiro período se deu na cidade do Rio de Janeiro, onde chegou em 1936, lá ficando até 1964. O segundo ocorreu na cidade de Olinda e Recife, em Pernambuco, desde 1964, sendo arcebispo até 1985. No decorrer deste capítulo iremos descrever como se desenvolveram os trabalhos nessas regiões.

### **1.1 Dom Hélder e a CNBB**

No período em que esteve na cidade do Rio de Janeiro, sua esperança estava voltada para as questões religiosas, preocupando-se especialmente com os bispos. Ele achava que estes deveriam ter mais facilidade e oportunidade de reunirem-se para, assim, poderem atuar de maneira mais organizada e unificada.

Acreditava que as distâncias do território nacional dispersavam a ação do episcopado e isso poderia comprometer o futuro da Igreja Católica no Brasil. Era necessário criar um secretariado nos moldes da Ação Católica Brasileira<sup>3</sup>, para poder estudar, analisar e discutir os problemas referentes às questões religiosas e àquelas que extrapolavam as dioceses; isso os ajudaria a tomar decisões, atuar de maneira coesa, além de facilitar o diálogo com o Estado, pois daria um peso maior aos porta-vozes da Igreja.

---

<sup>3</sup> Ação Católica Brasileira (ACB) foi instituída oficialmente em 9 de junho de 1935. Esta entidade possui várias seções: Juventude Católica, Juventude Estudantil Católica, Juventude Universidade Católica, Juventude Operária Católica. A ACB volta-se para o apostolado em geral e em especial para o apostolado social. Cf. BIRK, *Um Mundo a Construir*. No CEDIC (Central de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”) pode-se encontrar uma vasta documentação sobre a ACB. Sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o CEDIC vem reunindo, ao longo dos últimos anos, uma vasta e preciosa documentação sobre a Ação Católica no Brasil. Cf. também Romeu DALE (Org.), *A Ação Católica Brasileira*.

É importante salientar que, numa Igreja Católica tradicional e conservadora como a brasileira, a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil<sup>4</sup> foi um acontecimento surpreendente. Na época, padre Hélder teve o apoio da Secretaria Geral do Estado do Papa Pio XII e dos bispos brasileiros que também acreditavam ser necessário modernizar a administração da Igreja, unificar o episcopado com vistas a ampliar a influência política e social da Igreja Católica no Brasil e, também, ver os bispos engajados de maneira mais efetiva nos problemas sociais brasileiros.

Padre Hélder, em audiência com o subsecretário de Estado do Papa Pio XII, monsenhor Giovanni Batista Montini<sup>5</sup>, justifica a fundação da CNBB:

Monsenhor Montini, nós temos, no Brasil, a possibilidade de criar um modelo quase ideal de relacionamento entre Igreja e Estado. O catolicismo entre nós não tem o estatuto de religião oficial, mas há um grande respeito mútuo entre Igreja e o governo, e trabalhamos em leal colaboração. Uma assembleia episcopal será um instrumento que facilitará enormemente esta colaboração.<sup>6</sup>

Dom Hélder preocupou-se em criar uma base sólida para a futura entidade. Nesse sentido, os encontros regionais seriam da maior importância, pois levariam os bispos a se conhecerem e tecerem relações mais sólidas entre si. A Igreja estava também interessada em incrementar as iniciativas governamentais, ou seja, ter uma maior participação nos programas sociais elaborados pelo governo. Essa ação se deu, principalmente, no governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960)<sup>7</sup>, sua

<sup>4</sup> CNBB, idealizada e fundada pelo padre Hélder Câmara, na cidade do Rio de Janeiro, em 1952. A CNBB surgiu com o intuito de aproximar os bispos brasileiros para que juntos, de maneira coesa e organizada, pudessem a partir daquele momento compreender e propor soluções concretas para os problemas da Igreja e da sociedade brasileiras. A entidade promoveu a centralização do episcopado e a renovação do catolicismo no país. Sempre demonstrou preocupação com os temas relacionados com justiça social, condição de vida das camadas sociais desfavorecidas e estruturas econômico-sociais marginalizadoras. Para uma visão ampla da CNBB ver: Gervásio F. de QUEIROGA, *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: Comunhão e Corresponsabilidade*; e INSTITUTO NACIONAL DA PASTORAL (Org.), *Presença Pública da Igreja no Brasil*.

<sup>5</sup> Giovanni Batista Montini (1897-1978) ou Papa Paulo VI no período de 1963 a 1978. Padre em 1920 fez, a partir de 1924, uma longa carreira no secretariado de Estado, tornando-se em 1952, com o título de secretário de Estado do Vaticano, o colaborador mais próximo de Pio XII. Arcebispo de Milão e depois cardeal, sucedeu, em 1963, João XXIII, cuja obra de reforma eclesial e pastoral aprofundou, através do Concílio Vaticano II, que encerrou em 1965.

<sup>6</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.183.

<sup>7</sup> O lema deste governo era “Cinquenta anos de progresso em cinco de governo”, governo este que se caracterizou por uma intensa política de nacionalismo desenvolvimentista, que tinha como principal objetivo levar o país a um estágio avançado de desenvolvimento econômico através da expansão da industrialização. Entre os anos de 1955-1961, a indústria cresceu 80% em preços constantes. Os setores que mais cresceram foram: a indústria siderúrgica (100%), a mecânica (125%), a elétrica e de comunicações (380%), equipamentos de transporte (600%). A taxa de crescimento real no período foi de 7%. Para se chegar a esses números, o governo JK estabeleceu

política desenvolvimentista foi acolhida de maneira positiva pela Igreja, fomentando, entre ela e o Estado, uma relação de respeito e diálogo com mútua e fecunda cooperação em prol do desenvolvimento.

Podemos dizer que os motivos que levaram Dom Hélder a idealizar a criação da CNBB foram: o fato de a Igreja não possuir uma coordenação nacional para expandir a formação de outras dioceses, como também a necessidade de participar com maior intensidade nas questões políticas e sociais que envolviam a nação brasileira e os processos de renovação em curso na Igreja.

Em 1952, ocorreram dois encontros regionais preparatórios para a criação da CNBB: na Amazônia e no Vale do São Francisco. Naquela oportunidade, o ainda padre Hélder enviou aos participantes cinco cadernos que apontavam os principais problemas brasileiros. Com essa atitude, ele enfatizou a necessidade de ser criada uma entidade nacional de caráter permanente do episcopado brasileiro para facilitar as discussões e debates, tendo como objetivo chegar às resoluções de maneira mais eficaz. Nestes cadernos, Dom Hélder sustentava posições que se diferenciavam das orientações da maioria do episcopado e punha a Ação Católica Brasileira à disposição para discutir e sugerir soluções para tais problemas. Marina Bandeira, em sua obra, menciona as afirmações a respeito de alguns desses problemas:

[...] Clero. [...] reduzidíssimos, os Seminários mal conseguem cobrir os claros. [...] Vital para o Brasil e Apostolado Leigo.

[...] Comunismo. [...] sem desconhecer a necessidade de alerta, parece-nos que a maneira eficiente e quase única de combater o comunismo é, de um lado, criar para todos uma situação econômica razoável e humana e, de outro lado, firmar tanto nos operários como nos patrões o autêntico espírito cristão.

[...] Heresias. É indiscutível que em país de ignorância religiosa, como o nosso, nada como o esforço positivo de formação cristã no meio rural, no meio operário, no meio estudantil, no meio independente, no meio universitário. Trabalhar, pois, dentro do esquema que estamos sugerindo é atacar na fonte o espiritismo e o protestantismo.

[...] Catequese. [...] catequese não é só feita no catecismo paroquial ou nas escolas. Os vários ramos da ACB, por sua presença nos vários meios, todos a seu modo “estão fazendo catequese”.

---

um *Plano Nacional para o Desenvolvimento*, que incluía uma política de incentivo ao empresariado nacional e ao capital estrangeiro, além de propostas de políticas públicas. Dessa maneira, o governo JK estabeleceu um *Programa de Metas*, que enfatizava a indústria de base e ignorava setores como a agricultura e a educação. O símbolo desse momento de progresso do governo JK foi a construção da nova capital do país, no interior do Brasil, Brasília. Para aprofundar o tema cf. Thomas SKIDMORE, *Brasil: de Getúlio a Castelo*, pp. 203-30.

[...] Reforma Agrária. [...] a grande propriedade agrária deixa de cumprir sua função social cada vez que leva a um monopólio rígido, em proveito de um pequeno número, à utilização insuficiente de capacidade e produção do solo ou a formas de pauperismo devidas à exploração do trabalho, ou a uma pressão demográfica que conduz a uma forte valorização da terra.<sup>8</sup>

Podemos perceber, no texto acima, que havia algumas preocupações específicas da Igreja e que isso motivou Dom Hélder a pensar na criação de uma conferência episcopal para que os bispos, juntos, pudessem refletir sobre os problemas e sugerir soluções. Dois aspectos preocupavam a Igreja naquela época: a expansão de novas religiões, em função do processo de urbanização, e a concentração da terra nas mãos de uma minoria, dificultando o acesso dos camponeses a possuir a sua propriedade.

No momento da fundação da CNBB, em outubro de 1952, Dom Hélder foi o principal líder que tentou, através de suas idéias, fazer com que todo o episcopado nacional abraçasse esse novo projeto para a Igreja. Em relação à atuação social das dioceses nordestinas, havia uma preocupação acentuada a respeito dos problemas sociais. Essa postura mais arrojada iria refletir de maneira positiva na elaboração da conduta da instituição a partir de sua fundação. Bruneau mostra, em sua obra, que havia dois grupos entre os bispos com tendências diferenciadas: “Há, dentro da Igreja, um clichê das tendências sociais dos bispos: os do Nordeste são os mais preocupados com os problemas sociais, e os do Sul são os menos preocupados”<sup>9</sup>.

Além dessas diferentes tendências, havia o predomínio de bispos nordestinos na estrutura da CNBB, e esse fato se explica através da liderança exercida por Dom Hélder Câmara. Ele articulou e direcionou a construção das novas abordagens e influências da Igreja sobre as questões sociais nos doze anos que permaneceu

---

<sup>8</sup> Marina BANDEIRA, *A Igreja Católica na Virada da Questão Social (1930-1964)*, pp. 22 -2.

<sup>9</sup> Thomas BRUNEAU, *O Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*, p.197. Carlos PALÁCIO, em seu artigo, *Uma Consciência Histórica Irreversível*, p.24, sobre a tese de Bruneau, afirma que ela não dá conta da complexa relação entre Igreja e sociedade. [...] estuda as relações entre a Igreja e a sociedade baseando-se em análises de alguns cientistas sociais norte-americanos, cujas categorias interpretativas (influência, desenvolvimento, elite, etc.) não podem ocultar as limitações dos próprios pressupostos ideológicos (mudança isolada do processo histórico concreto; referência a um vago processo de modernização da sociedade, etc.). [...] A sua tese, simplificada ao extremo, é esta: as mudanças da Igreja com relação à sociedade têm a sua origem na reação de medo diante das modificações políticas e sociais; mudando, a Igreja procura defender o prestígio, a influência e o poder. Esta análise privilegia, de maneira desproporcional, o ponto de vista da instituição e opera com um conceito impreciso de sociedade. Dupla abstração pela qual uma distinção metodológica absolutiza um dos aspectos da interpretação. A concentração unilateral no aspecto institucional (no caso da Igreja) abstrai o processo histórico concreto (estrutura social, setores privilegiados na Igreja e na sociedade) e impede compreender as verdadeiras causas do processo de transformação.

secretário geral da entidade. Nesse período, fez da entidade um ativo centro de iniciativas e divulgação da conjuntura nacional em âmbitos diferenciados. Pode-se afirmar que ele conseguiu incorporar na CNBB o estilo de Igreja moldado no Concílio Vaticano II.<sup>10</sup>

## 1.2 O Trabalho nas Favelas do Rio de Janeiro

A grande virada na vida religiosa de Dom Hélder teve início durante a Organização do Congresso Eucarístico Internacional<sup>11</sup>. Foi uma metamorfose e os resultados ecoaram de maneira surpreendente para a Igreja e setores conservadores da sociedade da época. A partir daí começou uma nova trajetória na qual seus princípios e valores ganharam novas dimensões, e com ela uma mudança significativa pode ser observada na história da Igreja do Brasil e da América Latina.

---

<sup>10</sup> Concílio Vaticano II (1962-1965) foi realizado em Roma, Itália, sendo um dos mais importantes eventos do catolicismo em toda a sua história. Foi preparado pelo papa João XXIII, morto em 1963, que presidiu apenas a primeira sessão do conclave. O papa Paulo VI deu continuidade ao processo de renovação da Igreja. O Concílio colocou a Igreja frente a frente a si mesma e às suas relações com o mundo. A Igreja criou as bases para o surgimento de uma nova Igreja que não rompeu com as tradições e preparou seus fiéis para os novos desafios. Houve uma grande preocupação do Concílio com a participação dos leigos nas ações da Igreja e o tom de esperança permeou as discussões conciliares. Foram publicados dezesseis documentos, sendo de valor permanente quatro constituições e três declarações sobre a liberdade religiosa e o reconhecimento pela Igreja de outras religiões não cristãs. Pontos importantes que também foram amplamente abordados – a missão social da Igreja, a responsabilidade do clero, o ecumenismo e as modificações na liturgia para torná-la mais acessível. Apesar do Concílio ser um evento europeu, foi na América Latina que as suas propostas – maior participação dos leigos, justiça social, maior sentido de comunidade, maior coresponsabilidade dentro da Igreja e relações de maior proximidade entre o clero e o povo – foram colocadas em prática com maior ênfase. A Igreja latino-americana, a partir do Concílio, passa a ser referência para as Igrejas de outros continentes, porque, a partir daquele momento, ela faz a opção pela “Igreja dos Pobres”. E teve como principal voz defensora dos pobres e injustiçados, nos bastidores do Concílio, Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, região denominada “Triângulo da Fome”, no nordeste brasileiro. Para uma visão ampla do Concílio Vaticano II cf. Giuseppe ALBERIGO; José Oscar BEOZZO, *História do Concílio Vaticano II*, vols. I e II; e *A Igreja do Brasil de João XIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (Org.), *Presença Pública da Igreja no Brasil*.

<sup>11</sup> O Congresso Eucarístico Internacional, realizado no Rio de Janeiro em 1955, foi, para a época, um mega evento. A cidade tinha aproximadamente 2,5 milhões de habitantes e no local, do Aterro da Glória até diante do atual Hotel Glória, reuniram-se quase um milhão de pessoas. Este número representava mais de um terço da população da cidade. Ali se realizavam as missas e as comemorações festivas do Congresso. Os hotéis ficaram superlotados, milhares de casas de católicos, todas cadastradas pela equipe de Dom Hélder, hospedaram participantes do Brasil e do exterior. Numa época em que o Papa não saía do Vaticano, a presença do seu legado, cardeal Dom Benedetto Aloisi Masella, foi um acontecimento de destaque. Armou-se um imenso altar de madeira, onde é hoje o monumento aos pracinhas mortos na 2ª Guerra, e centenas de bancos de madeira para os fiéis ali foram colocados. O Congresso transformou a cidade, que respirou e viveu intensamente o evento.

A partir da organização deste evento, o olhar de Dom Hélder voltou-se com mais atenção para os pobres; isso não significa, porém, que antes ele não o fizera, mas que, deste momento em diante, após o Congresso, sua dedicação aos pobres da cidade do Rio de Janeiro aumentaria de modo significativo. O que o motivou a iniciar esse trabalho? O que pretendia com essa atitude?

Na verdade, ele foi despertado através de uma conversa com o cardeal francês Gerlier, titular apostólico de Lyon, que veio participar do Congresso Eucarístico, que o procurou e mencionou a surpresa que a organização do evento lhe causara e o quanto este lhe havia sido proveitoso. Acreditava que a ocorrência disso devia-se à competência do organizador, referindo-se a Dom Hélder. Nessa conversa, Gerlier mexeu com os sentimentos do religioso brasileiro ao comentar sobre os problemas das favelas no Rio de Janeiro.

Permita-me que lhe fale como um irmão, um irmão através do sacerdócio, um irmão no episcopado, um irmão em Cristo: por que, meu irmão Hélder, você não põe todo esse talento de organizador que Deus lhe deu a serviço dos pobres? Você sabe que o Rio de Janeiro é uma das cidades mais belas do mundo. Mas é ao mesmo tempo uma das mais pavorosas, porque todas essas favelas, como vocês chamam, são um insulto ao Criador neste quadro de beleza.<sup>12</sup>

Dom Hélder respondeu a Gerlier:

Esta é uma virada na minha vida. O senhor verá que eu me consagrarei aos pobres. Não estou convencido de minha capacidade excepcional de organizador de que o senhor fala, mas garanto que todos os dons que o Pai me confiou eu os porei a serviço dos pobres.<sup>13</sup>

Nesse momento, ele dá um grande salto que irá transformar sua vida religiosa. Começa agora um trabalho sério com os menos favorecidos, de maneira que seu nome passa a ser relacionado com esses grupos sociais. Chamam-no a partir de então de “bispo das favelas”, denominação essa que não lhe incomodava, ao contrário, sentia-se lisonjeado pelo reconhecimento de seu trabalho. É um momento importante para ele, pois a brutalidade do problema das favelas na capital federal começa a ser visto também por setores diferenciados da sociedade que, embora conhecessem o problema, não concordavam com as atitudes do religioso. Alguns grupos sociais chegavam a dizer que as favelas existiam porque tinham

---

<sup>12</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p. 121.

<sup>13</sup> *Ibid.*

funções sociais específicas. Marcos de Castro comenta o que a sociedade carioca da zona sul pensava a respeito das favelas:

As favelas estavam lá porque tinham de estar mesmo, não havia outro jeito. A despreocupação levava esse tipo de raciocínio alienado: a vida é isso aí, as favelas são úteis para o lazer dos outros habitantes da cidade, pois de lá é que vem o samba. E são úteis para as donas de casa que, afinal, precisam de lavadeiras, cozinheiras e babás, de preferência não muito longe de si.<sup>14</sup>

Este trabalho com a população das favelas vai desmistificar a visão folclórica que possuía boa parte da população carioca. Apesar do favelado ser visto como foco de miséria, ele não era mais reconhecido como malandro, mas sim como chefe de família que enfrentava as condições mais adversas e injustas de uma estrutura que o excluía do processo de socialização. Através de seu trabalho, o religioso mostra aos setores preconceituosos e conservadores que o favelado é apenas o resultado da ausência de uma política de reforma agrária séria no país – ele não é um marginal, no sentido policial da expressão, mas um cidadão que vive à margem da sociedade.<sup>15</sup>

O diálogo com Gerlier, após o Congresso Eucarístico Internacional, fez Dom Hélder assumir de maneira definitiva a causa dos pobres. Um grande e ousado projeto foi pensado por ele para erradicar as favelas. Batizado com o nome “Cruzada São Sebastião”, em homenagem ao padroeiro da cidade, o projeto pretendia transferir os moradores das favelas para prédios de apartamentos, sendo que a construção dos prédios seria nos locais de origem das favelas, isto é, próximos das valorizadas áreas da zona sul. Ele almejava com isso superar a luta de classes, ao colocar pobres perto dos ricos, empregados e empregadas próximos do trabalho. Afirma Piletti e Praxedes, em sua obra, que “com o objetivo de dar solução humana e cristã ao problema das favelas da cidade, oficialmente nasceu, assim, em 29 de outubro de 1955, a Cruzada São Sebastião”<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p. 123.

<sup>15</sup> Em meados do século XX, não se falava em tráfico de drogas ou crime organizado nas favelas, esses problemas estruturais vieram surgir em função do descaso das autoridades governamentais, nos últimos 50 anos, nesse período onde houve um aumento significativo da miséria.

<sup>16</sup> Nelson PILETTI, Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 234.

A preocupação de Dom Hélder era não deixar os edifícios transformarem-se em favelas verticais. Para isso organizou, com a ajuda de um grupo de assistentes sociais, um programa para sensibilizar e adaptar os moradores às suas novas condições de vida, a fim de orientá-los como administrar o conjunto habitacional, executar a manutenção dos apartamentos e realizar um trabalho de formação cristã. Dessa maneira, ele achava que as dificuldades e barreiras existentes entre os favelados e as classes sociais mais favorecidas seriam superadas com mais facilidade.

Todavia, para ele, estava evidente que essa ação não iria solucionar o problema de moradia no Rio de Janeiro; era necessário mexer com as estruturas, pois se tratava de uma questão complexa. A seu ver, seria necessário impedir o êxodo rural, principal causador do crescimento das favelas; e isso só seria possível através da implantação de políticas agrárias voltadas para a redistribuição de terra. Sobre as obras da Cruzada São Sebastião, o próprio Dom Hélder comenta: “por necessárias que sejam, não são mais que paliativos. A verdadeira causa das favelas não está aqui, mas sim no campo. É a miséria que empurra os trabalhadores rurais para as grandes cidades”<sup>17</sup>.

Mesmo ciente dessas dificuldades estruturais, sabia que seu trabalho não seria em vão, principalmente porque foi a partir dele que a luta por mudanças se tornou o sentido maior em sua vida. A Cruzada São Sebastião, uma das primeiras experiências de habitação popular do Brasil, teve seus méritos, pois deu a oportunidade para que grupos excluídos da sociedade adquirissem uma moradia digna e fossem reconhecidos como cidadãos.

Outro momento revelador do envolvimento de Dom Hélder no processo de construção da esperança foi sua atuação incisiva a favor dos menos favorecidos, quando da criação do Banco da Providência, primeira experiência brasileira de um banco popular. A idéia da fundação dessa entidade financeira se deu em função das inúmeras pessoas que o procuravam solicitando auxílio. Essa entidade iria centralizar a obtenção de donativos e recursos dos ricos para distribuí-los, de maneira organizada, aos mais necessitados e às entidades filantrópicas. A intenção principal era oferecer, aos marginalizados, os bens e serviços que sobravam entre os ricos. Criou-se um slogan, utilizado pela equipe do Banco da Providência, que

---

<sup>17</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES. *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 246.

era comandada por Dom Hélder, para angariar donativos e despertar a solidariedade das diferentes camadas sociais. A mensagem era: “Ninguém é tão pobre que não tenha o que oferecer. Ninguém é tão rico que não precise de ajuda”<sup>18</sup>.

O esforço de Dom Hélder para que essa nova empreitada se realizasse com sucesso foi intenso. Manteve contatos com vários setores do empresariado a fim de angariar o máximo de doações – havia postos de arrecadação por toda a cidade do Rio de Janeiro e os órgãos de imprensa ajudaram na divulgação. Em uma declaração aos meios de comunicação, Dom Hélder diz:

O Banco da Providência é o Banco de Deus. Surge para atender a uma necessidade: congregar corações bem formados num gigantesco esforço de ajuda mútua [...] Não pretende substituir obras congêneres existentes, mas, ao contrário, dar-lhes a colaboração de que necessitam, para que melhor desempenhem as suas finalidades. Numa palavra: é a prática efetiva da solidariedade humana, no que ela tem de mais nobre e cristã.<sup>19</sup>

Concomitante ao trabalho das obras da Cruzada São Sebastião e do Banco da Providência, Dom Hélder tinha a preocupação de organizar festas, bazares e feiras, no intuito de coletar donativos e recursos em dinheiro para o Banco. Era dessa maneira que ele conseguia manter as atividades do Banco durante o ano todo. E com a mesma facilidade com que conseguia apoio de empresários, intelectuais, artistas, banqueiros e até das forças armadas, as feiras organizadas por ele acabaram entrando para o calendário de eventos da cidade do Rio de Janeiro e passaram a ocorrer anualmente, com a denominação de Feira da Providência<sup>20</sup>. Com isso, o abastecimento do Banco da Providência começava a se dar de maneira mais sistematizada.

Esse trabalho social e religioso, que contava com a participação de leigos, inaugurava um novo momento da presença da Igreja Católica na sociedade. Através da sua liderança, Dom Hélder conseguia atrair pessoas que ao seu lado iriam abraçar a sua causa. As populações marginalizadas passaram a ser vistas e

<sup>18</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 250.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 251.

<sup>20</sup> A Feira da Providência realiza-se até hoje, acontecendo no Rio centro, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Atravessou o século XX e entrou no século XXI, funcionando sempre como sustentação maior do Banco da Providência e da Comunidade de Emaús. Essa comunidade recupera mendigos, bêbados, drogados, gente jogada na rua; pessoas que perderam o sentido da vida, mas têm a oportunidade da reiniciação através de algum tipo de trabalho, com casa, comida e orientação humana.

tratadas com respeito por alguém que tinha a esperança como chama motivadora para a realização das transformações sociais. Essa atividade adquiriu uma dimensão tal que perdurou no tempo. Mesmo após a mudança do religioso para Recife, a Feira da Providência continuou a ser realizada com as mesmas finalidades. Isso comprova a seriedade da proposta de Dom Hélder que, com permanente dedicação, conduzia as mais diversas atividades sociais com as quais se envolvia.

Dom Hélder, através dessas atividades, ações sociais e obtenção de recursos, demonstrava a sua preocupação em relação às camadas menos privilegiadas. Apesar de alguns comentarem que esse trabalho tinha um aspecto limitado e assistencialista, Dom Hélder tinha consciência da sua importância, mas reconhecia que seria necessário se aprofundar nas raízes dos problemas sociais, para ser possível acabar definitivamente com o problema das injustiças sociais no país. A este respeito, ele comenta:

Muitas vezes penso que na guerra contra a injustiça, oitenta por cento do tempo e dos esforços devem ser dedicados à mudança das estruturas e à promoção humana, mas os vinte por cento restantes devem estar disponíveis para socorrer os feridos, as vítimas da guerra.<sup>21</sup>

Ele estava ciente de que as más condições de vida da população existiam devido à injusta formação da estrutura social brasileira, cuja origem está na chegada dos portugueses ao Brasil. A partir do século XV, temos o processo de concentração de terras nas mãos dos portugueses, a utilização da mão de obra escrava negra africana e a produção voltada para os interesses das metrópoles. No século XVIII, passamos a abastecer, de matérias-primas, as nações capitalistas industrializadas e, para ele, o mais grave era o colonialismo interno – no século XX, dentro do próprio país, onde ocorreu o enriquecimento de uma minoria da população em detrimento de uma maioria explorada que vivia em condições sub-humanas.

Todo esse contexto construiu uma nação submissa, constituída por um povo que teve a exclusão e a exploração como modelos em sua formação. O legado desse processo foi a profunda situação de miséria em que mergulhou a maioria da população brasileira no século XX – quadro que sofreu poucas alterações neste início de terceiro milênio.

---

<sup>21</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 255.

O maior desafio para Dom Hélder era atacar as causas dessas injustiças: a concentração da renda, da propriedade e a exploração do trabalho. Em sua opinião, a pobreza urbana só seria resolvida com mudanças estruturais na sociedade brasileira, a execução de uma reforma agrária e uma política econômica que possibilitasse uma eficiente e justa distribuição de renda. Ele entendia também que essas mudanças estruturais só iriam ocorrer com uma mudança de mentalidade da população carente, isto é, freqüentar a escola, participar de sindicatos, discutir sobre seus direitos e deveres, politizar-se, adquirir consciência para conduzir o seu destino e fazer a sua própria história. Dessa maneira, iriam perceber que exercem um importante papel como seres humanos, como sujeitos e fundamentos da sociedade.

Segundo Dom Hélder, o colonialismo interno, que esmagava e excluía milhões de pessoas, poderia levá-las a se rebelar através do ódio e do derramamento de sangue e para evitar esse processo não seria suficiente conscientizar apenas a massa, mas também, a elite. Em um discurso, ele menciona a importância da conscientização: “Rebelar-se, então, contra conscientização é pretender impedir que as massas infra-humanas se tornem Povo; é pretender que pessoas humanas não usem a inteligência e a liberdade, não usem a consciência”<sup>22</sup>.

Sua ação social era intensa. Com o auxílio dos leigos, nos projetos da Cruzada São Sebastião e do Banco da Providência, Dom Hélder adquiriu notoriedade no âmbito clerical e viu na CNBB um órgão de difusão de uma nova sensibilidade entre os bispos e os fiéis, assim como um instrumento para pressionar as mudanças que a Igreja e o país necessitava naquele momento.

### **1.3 A Operação Esperança em Recife**

Dom Hélder foi um sonhador que realizou, que praticou suas crenças e a sua esperança. Uma esperança construída sobre os problemas e dificuldades das

---

<sup>22</sup> Hélder CÂMARA, *Superação do Colonialismo Interno*, discurso de paraninfo na formatura da Escola de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, em 08.12.1966. O termo conscientização foi criado por Dom Hélder e expandido pelo continente americano pelo pedagogo Paulo Freire na década de 60. Para Dom Hélder, a conscientização da sociedade foi algo de extrema importância. Ele acreditava que era através de um processo de conscientização que cada grupo social – rico ou pobre – teria a capacidade de reconhecer o seu papel na sociedade, levando os homens a uma interação mais justa e fraterna. No quarto capítulo trataremos do tema conscientização, atrelado à pedagogia da esperança.

camadas mais carentes da sociedade. Com essa afirmação, iniciamos o segundo momento na construção da esperança de Dom Hélder, quando foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife, Pernambuco, em abril de 1964. A transferência para Pernambuco foi uma tentativa de silenciá-lo, deixá-lo mais distante do Distrito Federal e, também, do poder. Na verdade, essa mudança resultou em efeito contrário, pois a transferência, ao livrá-lo da influência do conservador cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, que não gostava da postura política do seu bispo auxiliar, deixou Dom Hélder livre para vãos mais arrojados. Os autores Piletti e Praxedes relembrem essa diferença entre o cardeal e o bispo auxiliar: “Dom Jaime entendia que seu auxiliar deixava em segundo plano o combate ao comunismo ateu, a seu ver o principal causador dos problemas da humanidade, para priorizar a atuação social e política no combate às injustiças”<sup>23</sup>.

Essas diferenças em relação às questões políticas, sociais e religiosas entre ambos, aos poucos foram dificultando não só o relacionamento entre eles, como também as atividades que Dom Hélder executava na cidade do Rio de Janeiro. A transferência era uma questão de tempo. A política intra-eclesial, com sua experiência milenar, sabia esperar. Piletti e Praxedes mostram a preocupação do cardeal em manter um bom relacionamento com o bispo auxiliar, apesar dos pontos discordantes: “Filho, estou percebendo que a única maneira de seguirmos bons amigos é nos separando. Procuraremos, cada um por seu lado, fazer o que lhe seja possível. Teremos que nos separar”<sup>24</sup>.

A chegada de Dom Hélder em Recife se deu em um momento delicado e preocupante em função dos últimos acontecimentos políticos. O golpe militar havia ocorrido em 31 de março de 1964, provocando profundas alterações políticas, sociais, econômicas e culturais na sociedade brasileira, e, com isso, o governo de João Goulart foi deposto do poder. Os militares haviam acabado de assumir o governo e pairavam dúvidas em relação aos rumos que a nação tomaria.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.288.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 290.

<sup>25</sup> Para uma visão mais ampla do golpe cf. Rènè A. DREIFFUS, *1964. A Conquista do Estado: Ação, Poder e Golpe de Classe*; Kenneth P. SERBIN, *Diálogos na Sombra: Bispos e Militares, Tortura e Justiça Social na Ditadura*; Thomas SKIDMORE, *De Castelo a Tancredo*; Elio GASPARI, *A Ditadura Escancarada: As Ilusões Armadas*. A idéia central do movimento era que o golpe militar de 1964, com a criação do Serviço Nacional de Informações e com a difusão entre os oficiais da convicção de que a violência política seria um antídoto contra os perigos que rondavam a sociedade brasileira, acabou por causar grandes danos às instituições democráticas.

O bispo de Olinda e Recife manteve-se numa posição de neutralidade e expectativa, não dando apoio e nem se comprometendo com vencedores ou vencidos. Essa postura deu-lhe a possibilidade de manter-se em diálogo com todos os grupos. Mas sua imparcialidade foi passageira. Assim que começou o seu trabalho em Recife e Olinda, o novo governo iniciou um permanente processo de investigação sobre ele: seus documentos começaram a ser revistados e seus discursos, entrevistas e depoimentos a serem ouvidos e censurados. Essa ação tinha o intuito de molestá-lo e intimidá-lo perante as forças armadas. Mesmo assim ele não se intimidou e durante décadas continuou defendendo os pobres, os oprimidos, os excluídos, os perseguidos políticos, sempre clamando por justiça.

Em seu discurso de posse, Dom Hélder enfatizou que iria trabalhar para todos os cidadãos, independente de credo ou ideologia, de serem cristãos ou não, e que sua atenção estaria voltada para vários lugares. Isso mostra sua singularidade. Ele tinha como um dos seus ideais o ecumenismo entre todas as pessoas. A mensagem do seu discurso tinha um sabor profético, um aguçado teor pastoral e, neste instante, estava sendo plantada a semente que iria prosperar nos próximos 20 anos, duas décadas de luta e esperança. Na posse, como Arcebispo de Olinda e Recife, em Pernambuco, no ano de 1964, Dom Hélder se posiciona:

Um nordestino falando a nordestinos, com os olhos postos no Brasil, na América Latina e no Mundo. Uma criatura humana que se considera irmão de fraqueza e de pecado de todos os homens de todas as raças e de todos os cantos do mundo. Um cristão se dirigindo a cristãos, mas de coração aberto, ecumenicamente, para os homens de todos os credos e de todas as ideologias. Um Bispo da Igreja Católica que, à imitação de Cristo, não vem para ser servido, mas para servir.<sup>26</sup>

O bispo nordestino mostrou, através do seu discurso de posse, que, apesar das mudanças políticas pela qual a nação estava passando, iria ser o bispo de todos. Sua principal preocupação seria com os pobres, marginalizados e excluídos da sociedade. Num outro trecho do seu discurso de posse, como Arcebispo, volta a enfatizar o seu desejo de diálogo com todos os segmentos da sociedade e sua opção preferencial pelos despossuídos.

Ninguém se escandalize quando me vir freqüentando criaturas tidas como indignas e pecadoras. [...] Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes

---

<sup>26</sup> Raimundo C. BARROS; Lauro OLIVEIRA, *Dom Hélder: Artesão da Paz*, p.85.

e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, anti-reformistas ou reformistas, anti-revolucionário ou revolucionário, tidas como de boa-fé ou de má-fé. [...] Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote as suas inimizades. [...] Minha porta e meu coração estarão aberto a todos, absolutamente a todos. Cristo morreu por todos os homens: a ninguém devo excluir do diálogo fraterno. [...] Claro que amando a todos, devo ter, a exemplo de Cristo, um amor especial pelos pobres.<sup>27</sup>

A postura de Dom Hélder demonstra sua coragem e firmeza num momento político complicado; acrescenta-se ainda a forte intolerância daqueles que ocupavam o poder. No próximo capítulo, Dom Hélder um Sacerdote Guerreiro, trataremos dos seus enfrentamentos com o regime militar, a Igreja Católica e o Vaticano. Por enquanto, enfatizaremos a questão social, para a qual canalizou suas forças, lutando para que os menos favorecidos pudessem ser reconhecidos e respeitados como cidadãos dignos.

O início desse trabalho, de maneira mais sistemática, se deu em função de uma calamidade ocorrida na grande Recife. Em julho de 1965, uma inundação deixou centenas de pessoas desabrigadas. Nesse momento, Dom Hélder comandou uma ampla campanha de arrecadação de mantimentos, através dos meios de comunicação e da mobilização de setores diversos da sociedade – militares, partidos políticos, governo, maçonaria, paróquias, escolas católicas – todos para atender os flagelados. Desse empenho inicial surgiu a idéia de se manter a unidade das forças que atuaram nesse trabalho e realizar uma segunda etapa da operação: unir o poder público e privado, numa força tarefa para reconstruir as áreas destruídas e propiciar à população carente uma condição satisfatória de moradia.

Em torno desse projeto Dom Hélder organizou o “Encontro do Nordeste”, em julho de 1965, a fim de discutir um plano de desenvolvimento para a região, elaborado e supervisionado pela SUDENE<sup>28</sup>. Houve a participação de centenas de pessoas, entre eles governadores de Estado, deputados, militares, educadores, estudantes, representantes da indústria, comércio e entidades sindicais. Foi dessa iniciativa que nasceu a “Operação Esperança”, tendo como principal mentor o

<sup>27</sup> Raimundo C. BARROS; Lauro OLIVEIRA, *Dom Hélder: Artesão da Paz*, p 86.

<sup>28</sup> SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), autarquia federal que era vinculada ao Ministério do Interior. Projetada pelo economista Celso Furtado, em 1959, no governo de Juscelino Kubstichek de Oliveira (1955-1960), o JK. O objetivo era impulsionar o desenvolvimento do Nordeste, por meio da modernização do campo e da industrialização. O seu principal mecanismo de atuação era a concessão de incentivos fiscais a pessoas jurídicas que fizessem investimentos em projetos considerados prioritários para a região.

Arcebispo de Olinda e Recife. Essa Operação transformou-se numa entidade registrada em cartório com diretoria e estatuto. Para o Arcebispo, ela havia chegado para criar sinais de esperança no meio do povo desacreditado. Num primeiro momento, sua preocupação era atender às necessidades básicas de moradia e saúde, objetivando partir para projetos de formação de mão-de-obra, visando propiciar ao cidadão o direito ao trabalho.

Uma outra preocupação também estava sempre presente: não ser assistencialista. A organização do povo era o sentido maior, e o principal interesse era que esses pudessem se tornar senhores do seu próprio destino. Neste momento, Dom Hélder se mostra um religioso, um profeta, um homem da esperança, e sintetiza essa postura através de uma célebre frase: “Quanto mais negra a noite, mais carrega em si a madrugada”<sup>29</sup>.

A Operação Esperança, com o passar dos anos, foi ampliando sua ação, não se restringindo apenas aos moradores dos centros urbanos, mas alcançando também as áreas rurais. Essa organização, sendo levada também para o campo, faz com que a esperança atinja também o povo da zona canavieira, tantas vezes tratado como escravos. No documentário, *Dom Hélder: O Dom da Paz*, percebe-se a longevidade da Operação Esperança, onde aparece Dom Hélder explicando para os trabalhadores rurais da comunidade do Engenho Taquari o que é a Operação Esperança:

O trabalho da Operação Esperança, repara o nome como é bonito né: Operação Esperança! Se ela não está sendo esperança, tem que ser. Ela não pode deixar de ser esperança pro povo que está sofrendo, né? Esperança pra essas crianças. Aí você não quer que essas crianças encontrem um mundo tão injusto como vocês encontraram.<sup>30</sup>

Ainda no mesmo documentário, Dom Hélder segue falando sobre a Operação Esperança para a comunidade do Engenho e Guaretama :

O primeiro trabalho que a Operação Esperança fez foi na cidade. Quando havia uma calamidade, uma cheia, muita gente ficava sem casa. A gente em cada lugar nomeava uma comissão. A comissão era assim: três pessoas representando o povo do lugar, uma secretária, que era a professora, e o padre e o pastor evangélico. Porque a gente queria sempre unir todas as forças. A Operação Esperança não

<sup>29</sup> Maria B. POTRICK, *Dom Hélder, Pastor e Profeta*, p.52.

<sup>30</sup> *O Dom da Paz*. Direção Osmar Barbalho. Obras de Frei Francisco. Recife, 1996.

queria pegar em dinheiro, né. Então, o povo... aquela comissão se articulava com o povo, mesmo do lugar, e via casas que tinham sido completamente derrubadas, casas que faltavam madeiras, tudo que faltava. A gente preenchia listas com cópia, ia uma cópia para a SUDENE, a outra ficava com o povo. E o povo, em cada lugar, tinha lugar para receber o material.<sup>31</sup>

Essas atividades da Operação Esperança na cidade e no campo, deram notoriedade ao trabalho realizado na arquidiocese de Olinda e Recife, e tornou-a conhecida no mundo. Dessa maneira, Dom Hélder colaborou para que o povo sofrido e explorado do Nordeste se organizasse e passasse a reivindicar seus direitos com a conscientização de sua importância no contexto histórico de sua época.

A esperança de Dom Hélder, construída e amadurecida na luta, se deu ao longo do seu trabalho, religioso e social, em lugares e momentos diferentes. Primeiramente na cidade do Rio de Janeiro, e depois em Olinda e Recife. Este trabalho é merecedor de destaque, pois, além do seu caráter social, havia a preocupação em conscientizar o povo de sua importância como cidadãos. Para ele, a conscientização da população era fundamental para que tornasse possível a aquisição da força e dignidade necessárias para trilhar seu caminho e escrever a sua história. A esperança também revela o caráter guerreiro do sacerdócio de Dom Hélder. Essa revelação se dá através dos diferentes conflitos, no aspecto religioso e político, que o arcebispo enfrentou no decorrer de sua vida religiosa, pois, no início, no Ceará, esteve envolvido com questões educacionais, principalmente o ensino religioso. Paralelamente, teve uma atuação política, colaborando nas campanhas políticas de candidatos que defendiam os interesses da Igreja Católica. Nos primeiros anos da década de 30 foi integrante da Ação Integralista Brasileira (AIB), corrente político-fascista, por influência de sua formação anticomunista no seminário. Ao final da década de 30, já no Rio de Janeiro, continuou atuando na área da educação, além da reorganização da Ação Católica, a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e na década de 60 colaborou na criação do Movimento de Educação de Base (MEB).

Mas foi com sua chegada ao estado de Pernambuco, em março de 1964, que os enfrentamentos com a Igreja e o Estado começaram a acontecer. Lá, Dom Hélder assumiu a arquidiocese de Olinda e Recife. E trouxe com ele toda

---

<sup>31</sup> *O Dom da Paz*. Direção Osmar Barbalho. Obras de Frei Francisco. Recife. 1996.

experiência dos trabalhos sociais realizados no Rio de Janeiro, como vimos neste capítulo. Era um momento delicado da história do Brasil: os militares tinham acabado de dar um golpe e deposto o presidente João Goulart do poder, pairava pela sociedade brasileira o medo do comunismo e as incertezas em relação aos rumos que os militares dariam na condução da política nacional. Este era o cenário em que Dom Hélder iria atuar nos próximos 20 anos, tendo a constante preocupação com os excluídos e injustiçados sociais, além da incansável defesa do cumprimento dos direitos humanos.

Com essas bandeiras de luta, deu-se início o processo de enfrentamentos entre Dom Hélder, a Igreja e o Estado. Esses enfrentamentos, na maioria das vezes, ocorreram por discórdias ideológicas e de valores éticos e morais que ele carregava consigo e os defendia com propriedade. Apesar das ameaças e da perseguição sofrida por ele e qualquer outra pessoa que estivesse ligada ao seu grupo durante a ditadura militar, não houve esmorecimento em nenhum momento, ao contrário, fortaleceram-se diante das dificuldades.

Tanto os militares quanto a ala conservadora da Igreja viam em Dom Hélder a principal liderança da Igreja Católica e, diante do grande respeito por seus pronunciamentos tanto no Brasil como no exterior, passaram a temê-lo e questioná-lo. É claro que Dom Hélder pagou um preço alto por sua postura progressista: enquanto membros da Igreja e de outros setores da sociedade desfrutaram desse momento de ditadura e opressão, a ala progressista da Igreja, liderada por ele, sofreria todo tipo de patrulhamento ideológico e perseguição política.

Para que possamos entender e aprofundar com mais detalhes esses enfrentamentos e confrontos, trataremos, no próximo capítulo, da relação entre Dom Hélder, a Igreja Católica e o Estado.

## **CAPÍTULO 2**

### **DOM HÉLDER: O SACERDOTE GUERREIRO**

O ano de 1964 foi um marco na história do Brasil em função do golpe militar que depôs João Goulart, o Jango, ocorrido em 31 de março, e para a vida de Dom Hélder que, neste mesmo ano, foi transferido para Recife, em Pernambuco, onde assumiu a arquidocese de Olinda e Recife, depois de ter permanecido no Rio de Janeiro por mais de vinte anos. Entretanto, vale a pena ressaltar que a partir daquele momento o Brasil e Dom Hélder entraram num profundo processo de transformação. O Brasil com o início de uma ditadura militar, cujo objetivo era criar condições para que as elites brasileiras mantivessem seus privilégios políticos, econômicos e sociais. No caso de Dom Hélder, sua transferência para Recife fez com que, no decorrer dos anos, ele se tornasse a principal voz de oposição ao regime militar e a mais eloqüente liderança eclesial. Desse modo, iniciou-se um dos mais importantes processos de transformação política e social dentro da Igreja Católica no Brasil.

Naquele contexto vamos perceber que Dom Hélder enfrentou problemas de ordem política com os militares, com o alto clero brasileiro e com o Vaticano. Esses enfrentamentos ocorreram em função da postura autêntica e transparente de Dom Hélder, que sempre se mostrou um homem e um religioso convicto de seus princípios e ideais.

Ao mesmo tempo em que ele temia a consolidação de um grupo político seguidor do comunismo no Brasil, havia também uma grande desconfiança de sua parte em relação ao grupo de militares que assumia o poder. Que rumo o Brasil irá tomar? Essa era sua grande indagação.

Diante desse quadro político, o clero nacional apresentava-se dividido em diferentes grupos, e cada um tinha um entendimento diferenciado a respeito do momento político pelo qual o Brasil passava.

Naqueles primeiros momentos do golpe militar de 1964, Dom Hélder mais observava do que agia. Inicialmente, o Arcebispo de Olinda e Recife não apoiou os militares e nem fez oposição sistemática ao novo governo. Foi prudente e cauteloso, tendo o cuidado de observar e sentir quais eram as intenções dos que estavam assumindo o poder e quais eram seus interesses diante daquela nova realidade. Essa postura fica clara em seu discurso de posse na Arquidiocese de Olinda e Recife, em 11 de abril daquele mesmo ano:

[...] Em nosso país todos entendem e proclamam a inadiabilidade das reformas de base. Havia, da parte de muitos, desconfiança em relação aos executantes das reformas e, sobretudo, medo da infiltração comunista. Agora que a situação mudou, não temos tempo a perder. Que venham sem demora as esperadas reformas.<sup>1</sup>

A Igreja Católica demonstrou simpatia e apoio ao golpe militar nos seus primeiros meses de atuação. Mas até ao final da década de 60, parte da Igreja passou a ser um dos principais pilares de sustentação de oposição à ditadura. Daí renasceu aquela Igreja que havia surgido na segunda metade da década de 50, com o nascimento da CNBB, uma Igreja engajada nos movimentos sociais e preocupada com os excluídos.

Dom Hélder não se mostrou favorável ao regime e, por isso, no decorrer dos anos da ditadura, passou a sofrer enfrentamentos por parte de setores da Igreja e do Vaticano. A retaliação e perseguição se acentuavam conforme a hegemonia e o poder dos militares se consolidavam. Dom Hélder se posicionava e demonstrava cada vez com mais transparência o seu descontentamento pela não realização das reformas tão esperadas e, principalmente, pelas injustiças sociais e atitudes de desrespeito aos direitos humanos cometidas por parte do novo regime. Ênio Silveira relata o clima de repressão e violência logo após o golpe, que desagradava tanto a Dom Hélder como a maioria do clero brasileiro:

As prisões se encheram, a violência campeou solta. Senhoras altamente católicas e indubitavelmente avós viram possuídas do mesmo furor sanguinário das tricouteuses francesas. As denúncias e delações substituíram o biriba como passatempo familiar,

---

<sup>1</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.303.

e houve padres que se voltaram contra outros padres do púlpito de suas igrejas, irmãos se voltaram contra irmãos. Institucionalizava-se dedo-durismo como virtude cívica. Um silêncio de urubus em cima da carniça desabou, sólido e opressivo, sobre o país.<sup>2</sup>

## 2.1 O Enfrentamento com os Militares

Em 31 de março de 1964, a “revolução” provocou uma profunda alteração nas relações sócio-política-econômica-culturais da sociedade brasileira. O regime militar utilizou-se do autoritarismo, da repressão, da tortura e do extermínio para se consolidar no poder; e implantou a política econômica do “milagre brasileiro” para satisfizer aos interesses da elite brasileira e das nações imperialistas industrializadas. Foi nesse contexto que Dom Hélder assumiu a arquidiocese de Olinda e Recife e, conseqüentemente, as divergências entre o Arcebispo com os militares e com a própria Igreja foram se acentuando no decorrer da ditadura militar. Naquele momento começava a despontar a liderança de Dom Hélder, com sua maneira profética de olhar o mundo e se relacionar com os diferentes setores da sociedade, de conduzir o processo de transformações que ocorreu na Igreja e na sociedade e o corajoso enfrentamento com o regime militar. Como afirma José Ernanne Pinheiro:

Exatamente alguns dias após desencadeado o movimento militar, no dia 12/04/1964, Dom Hélder Câmara assume, como pastor, a arquidiocese de Olinda e Recife, definindo uma posição clara do seu pastoreio diante das tensões em foco. O novo arcebispo de Olinda e Recife vai ser um marco expressivo em toda essa presença profética da Igreja no Nordeste, no Brasil; sem dúvida, também uma janela aberta do Brasil reprimido para o diálogo com o mundo. [...] O confronto dele com as posições dos militares e seu rompimento histórico com o regime militar foram um passo importante para dar mais liberdade à Igreja diante dos poderosos da época.<sup>3</sup>

A postura de Dom Hélder, em se mostrar livre para relacionar-se tanto com os militares quanto com os opositores ao regime, deixava a impressão de que o Arcebispo estava acima dos conflitos entre a direita e a esquerda. Por isso, era visto

<sup>2</sup> Enio SILVEIRA, *Arquiteto de Liberdades*, p.42.

<sup>3</sup> José Ernanne PINHEIRO, sacerdote, trabalhou dezenove anos na Arquidiocese de Olinda e Recife (1967-1986) na formação de seminaristas, como Vigário Episcopal dos leigos, coordenador de Pastoral e diretor do Instituto de Teologia do Recife (ITER). Foi diretor do Centro Cultural Missionário, em Brasília, e atualmente é assessor do setor de “política” da CNBB. Cf. INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.), *Presença Pública da Igreja no Brasil*, p. 260.

como um possível aliado, por ambos os lados, devido à sua atuação política em defesa das reformas de base e sua boa relação com as autoridades civis e militares do país. Seu posicionamento era polêmico com relação à direita e à esquerda. Piletti e Praxedes descrevem essa preocupação:

Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, anti-reformista ou reformistas, anti-revolucionárias ou revolucionárias, tidas como de boa ou de má fé. Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote as suas inimizades.<sup>4</sup>

As relações do clero pernambucano com os militares, nos primeiros meses de governo, foram até certo ponto cordiais. Principalmente na figura de Dom Hélder que, através do diálogo e cordialidade, conseguia resolver os impasses entre o governo militar e os opositores ao regime. Chegou-se a cogitar na época a possibilidade do arcebispo de Olinda e Recife inverter os rumos daquela “revolução” e transformá-la numa iniciativa democrática e cristã, tal era a sua habilidade na arte de dialogar.

Um aspecto importante que o levou a ganhar cada vez mais notoriedade, no período pós-64, foi a ausência de movimentos populares na luta contra as péssimas condições de vida, a repressão, a violência, a tortura e as injustiças sociais. Dom Hélder preencheu com sua intensa atividade um vazio deixado pela falta desses movimentos.

A desintegração da organização social e a repressão política estavam sendo patrocinadas pelo governo militar. Através da ação desse governo, os movimentos sociais, os partidos políticos, os sindicatos e os grupos que representavam os estudantes estavam sob o controle da ditadura ou sendo cassados por eles. Essa postura autoritária incomodava parte do clero nordestino, no qual o arcebispo de Olinda e Recife estava inserido e era a principal liderança. Tal situação fez com que Dom Hélder tomasse atitudes de enfrentamento ao regime com o compromisso cada vez mais arraigado pela causa dos pobres, dos injustiçados, dos perseguidos políticos ou de qualquer tipo de desigualdade social. Como afirma José Ernanne

---

<sup>4</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 303

Pinheiro: “Dom Hélder completou no Recife sua conversão ao pobre e ao compromisso social”<sup>5</sup>.

Foi naquele contexto sócio-político-econômico que Dom Hélder construiu um modelo de esperança e resistência para enfrentar o regime militar. Tornou-se o principal líder da Igreja Católica do Nordeste e, ao longo dos anos, o mais importante religioso da Igreja Católica progressista no Brasil e na América Latina. Isso ocorreu devido à sua postura, conduta e coerência diante dos fatos, além do compromisso a favor dos excluídos. Soma-se a isto, também, a sua constante luta pelo fim das injustiças sociais e a permanente cobrança pelo cumprimento e respeito aos direitos humanos pelo governo comandado pelas forças armadas.

O trabalho do Arcebispo, em Recife, desenvolveu-se concomitante ao período do governo militar. Isso fez com que naquele momento as suas atitudes e atividades, fossem elas sociais, religiosas ou políticas, estivessem sempre sob o foco dos militares; era uma incansável perseguição e patrulhamento do governo ao religioso.

As críticas de Dom Hélder à repressão política, ao custo de vida e até à exploração aos países em desenvolvimento em detrimento dos interesses dos países ricos e suas empresas multinacionais, levou os militares a vê-lo como um opositor. Sempre que ele pronunciava-se e expunha seu parecer relativo às questões políticas, sociais ou econômicas, o comando do IV Exército pedia esclarecimentos, chegando, às vezes, a adverti-lo. Mas o Arcebispo nunca se intimidou com as visitas dos militares e nem concordava com suas advertências.

Em novembro de 1964, ele concedeu uma entrevista a uma emissora de televisão em Recife, na qual falou sobre o Concílio Vaticano II, inflação e a exploração dos países ricos sobre os países pobres. Esse seu pronunciamento levou os militares a adverti-lo verbalmente, alegando que o Arcebispo teve uma atitude anti-governista e de tom demagógico esquerdista. Dom Hélder não concordou com a advertência e declarou aos amigos particulares que teria uma outra postura a partir desse momento: “Não pretendo cometer nenhuma imprudência. Mas não desejo, de modo algum, acovardar-me e silenciar”<sup>6</sup>.

A perseguição a ele se deu de diferentes maneiras e por motivos diversos como, por exemplo, por ocasião de sua negação em comparecer às comemorações

---

<sup>5</sup> José Ernane PINHEIRO, in INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.), *Presença Pública da Igreja no Brasil*, p. 260.

<sup>6</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.327.

de aniversário do golpe de 1964, de suas viagens ao exterior, de denúncias, por parte do Arcebispo, de que havia práticas de tortura e desrespeito aos direitos humanos no Brasil. Chegou-se ao ponto de a Diplomacia brasileira impedir que o Arcebispo recebesse, no início dos anos 70, a indicação para o prêmio Nobel da paz.

Para reforçar a afirmação acima, temos os casos das comemorações do golpe militar. Em 31 de março 1965, Dom Hélder, estava em viagem ao exterior e, por isso, não celebrou a missa comemorativa ao primeiro aniversário do golpe militar, como desejavam as autoridades militares do IV Exército. Essa sua atitude desagradou o comando do IV Exército.

Em abril de 1966, as relações entre Dom Hélder e o governo militar começaram a mudar radicalmente, na figura do General Muricy, quando foi cobrada a presença do Arcebispo nas comemorações do segundo aniversário do golpe. Por via das dúvidas, mesmo sem a concordância do religioso, anunciava-se, nos meios de comunicação, a sua presença. Sua decisão foi de enviar uma carta e não comparecer às comemorações, o que provocou certa tensão entre os militares e o bispo. Piletti e Praxedes descrevem essa passagem:

Em consciência, acabei sentindo a impossibilidade de celebrar a missa campal de abertura dos festejos do segundo aniversário da Revolução. A cerimônia é tipicamente cívico-militar e não religiosa. E há sérias razões para nela descobrir um indiscutível nota política. O capelão chefe celebrará a Santa Missa. Privadamente, pedirei a Deus que ilumine os chefes revolucionários, de modo a poderem corresponder, sempre mais, às graves responsabilidades que assumiram ante o País. Disponha sempre, Ex.<sup>a.</sup>, do amigo em J.C.<sup>7</sup>

A reação dos militares à decisão de Dom Hélder foi a pior possível. A represália a ele e às pessoas a ele ligadas foram diretas, como a prisão de vários militantes do movimento estudantil, do MEB<sup>8</sup> e da JUC<sup>9</sup>. A cúpula militar do

<sup>7</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 332

<sup>8</sup> O Movimento de Educação de Base (MEB) foi um movimento nacional, criado em 1961 pelo presidente Jânio Quadros em acordo com o bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara, o bispo auxiliar de Natal, Dom Eugênio Sales e o bispo de Aracaju, Dom José Távora. O MEB surgiu da experiência das escolas radiofônicas lançadas por Dom Eugênio Sales, em Natal, em 1958. No caso do MEB, o Estado financiava os custos e a Igreja executava o programa de educação básica. Este programa visava à alfabetização, à mobilização social e à politização. Isso era feito através da conscientização, entendida como um despertar da consciência. Esse despertar da consciência era levar o cidadão a perceber o seu valor humano e a sua capacidade de aprender, agir e crescer, e assim promover mudanças, ser agente da sua própria história e traçar o seu destino. O MEB desenvolveu-se muito nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Norte de Minas Gerais, consideradas as mais subdesenvolvidas do país. Este programa de educação de base, com a

estado maior de Pernambuco o denunciara aos superiores como comunista e “pessoa não grata à Revolução”. Os militares do IV Exército queriam sua saída de Recife.

Dom Hélder, através de um poema escrito na vigília de 03 de abril de 1966, intuiu a possibilidade de sua transferência:

A velha árvore  
Será de novo transplantada  
quem sabe até para terreno distante e estranho?...  
Se és árvore nem pensar, pensas.  
Estás em absoluto  
nas mãos do Pai...<sup>10</sup>

Sua transferência da Arquidiocese de Olinda e Recife, como desejava os militares do IV Exército, não ocorreu por dois motivos: o prestígio de Dom Hélder no Vaticano e seu ótimo relacionamento com o Papa Paulo VI, e o desinteresse do governo brasileiro em criar uma situação embaraçosa e de conflito com a Igreja, fato esse que poderia causar um mal estar de proporções irrecuperáveis ao regime militar.

---

proposta de alfabetizar e conscientizar tornou-se, na época, uma ameaça às estruturas sócio-políticas da elite brasileira.

<sup>9</sup> A Juventude Universitária Católica (JUC) foi criada em 1930, como uma extensão da Ação Católica Brasileira (ACB). No seu início, foi um movimento conservador, clerical, cujo objetivo era cristianizar a elite jovem. A partir da década de 50, a JUC tornou-se mais autônoma e com maior envolvimento com os universitários e os grupos de esquerda. Em 1959, a conferência nacional da JUC decidiu assumir a ação política como seu compromisso evangélico. Na década de 60, a JUC esteve ativamente envolvida com os católicos progressistas, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B), constituindo-se os principais grupos de esquerda do país. De 1961 a 1964, a JUC teve uma importante atuação no movimento estudantil através da direção da União Nacional dos Estudantes (UNE). Essa intensa atuação política da JUC e a afirmação do movimento na defesa de uma visão progressista da fé provocaram uma série de protestos e o distanciamento dos membros da JUC dos bispos conservadores. Entre 1964 e 1966, as represálias ao movimento acentuaram-se, assim como as divergências internas. A JUC entra em declínio e o seu espaço acabou sendo ocupado por outros movimentos como a Ação Popular (AP), o MEB e o movimento Paulo Freire. Para aprofundar os assuntos JUC e AP cf. José Oscar BEOZZO, *Cristão na Universidade e na Política: História da JUC da AP*; José Luís SIGRIST, *A JUC no Brasil: Evolução e Impasse de uma Ideologia*; Luiz Alberto Gomes de SOUZA, *A JUC: Os Estudantes Católicos e a Política*; Haroldo LIMA, *História da Ação Popular da JUC ao Pc do B*.

O Movimento Paulo Freire consiste em um conjunto de idéias, princípios e práticas pedagógicas defendidas pelo Prof. Paulo Freire a partir do final da década de 50 em Recife, Pernambuco. Esse movimento se caracterizou por um trabalho prático na educação, que enfatiza a alfabetização como um processo de conscientização e capacitação dos oprimidos através dos instrumentos de leitura e escrita. Dessa maneira, os menos favorecidos poderiam ter consciência do seu cotidiano e do mundo em que eles viviam e a modificá-lo através da ação política adquirida no processo pedagógico. Sua metodologia foi utilizada no Brasil e em vários países da América Latina e África. Para aprofundar o assunto consultar obras de Paulo Freire: *Educação como prática da liberdade*, *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Esperança* e *À Sombra desta Mangueira*.

Naquela mesma época, Dom Hélder foi à Paraíba fazer um discurso de boas vindas a Dom José Maria Pires, o Dom Pelé, que tomara posse na Arquidiocese de João Pessoa. O discurso teve tom forte e polêmico para a época; defendia a reforma agrária e um modelo de desenvolvimento voltado para a melhoria das condições de vida dos nordestinos e denunciava o “colonialismo interno”, que fazia com que a elite agrária e burguesa se enriquecesse por meio da exploração das camadas mais humildes da população do meio rural e urbano. Neste mesmo dia Dom Hélder fez um comentário sobre o seu discurso em João Pessoa:

[...] é difícil prever a reação do discurso pelo Brasil afora. Aqui, foi um delírio. Temi que a multidão não seguisse o tema que eu vinha desenvolver. O Nordeste está maduro para entender o desenvolvimento. Tive de fugir para não roubar a noite a Dom José Maria (que, no entanto, causou a melhor das impressões). Tive de fugir para não ser linchado às avessas [...] Está firmado o eixo Recife-João Pessoa. O arcebispo endossou, de público, o meu discurso de ontem. Estamos perfeitamente sintonizados [...] Tive a impressão de que as armas se dividiram: enquanto a Marinha aplaudia, o Exército e a Aeronáutica fechavam a carranca [...] O governador João Agripino disse e repetiu: “Sou seu aliado. Nas horas difíceis, lembre-se disso.”<sup>11</sup>

Aproximavam-se as comemorações do terceiro ano do golpe militar de 1964 e Dom Hélder foi novamente convidado a comparecer ao evento e celebrar a missa campal. Foi uma situação delicada, pois seu relacionamento com os militares estava cada vez mais abalado e não comparecer seria complicado, porque reforçaria a situação vigente. Por outro lado, não havia motivação alguma para ele comparecer a tal evento, afinal suas convicções políticas e sociais estavam em total desarmonia com os encaminhamentos que os militares davam às prometidas reformas estruturais.

Às vésperas dessas comemorações, ele recebeu o general Souza Aguiar, comandante do IV Exército, e lhe explicou os motivos da sua não participação às comemorações do terceiro aniversário do golpe militar. O registro dessa justificativa está na correspondência que Dom Hélder habitualmente enviava aos amigos do Rio de Janeiro:

Recife, 30/31-3-1967

3º aniversário da revolução brasileira. Vigília mais longa pedindo por nossa terra. O general do IV Exército esteve em nossa casa para visitar-me e fazer-me apelo de amigo: que eu celebrasse a missa de aniversário da Revolução... Que ao menos dela

<sup>10</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 333.

<sup>11</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 331.

participasse! Fui amavelmente firme. Intransigente. Sou pastor. Se tenho filhos que vêm no movimento de 31-3/1-4 a salvação nacional, tenho outros, não menos numerosos, feridos, esmagados, de maneira injusta, por ele. Nem se quer neguei o meu próprio pensamento: o movimento não merece ainda o nome de revolução; impediu, em grande parte, a arrancada do desenvolvimento, pelo bom pretexto de sanear nossa moeda; sacrificou demais o povo; humilhou demais o Brasil diante dos Estados Unidos.<sup>12</sup>

Ele demonstrou, naquele momento, a sua coerência de princípios e, apesar das represálias, não se curvou aos pedidos das forças armadas. Com a firmeza que lhe era peculiar, recusou-se a participar também da terceira comemoração e justificou-se de maneira transparente, sem hesitar em suas explicações. Dom Hélder, ao longo de sua vida religiosa, sempre atuou em vários movimentos como a Ação Católica (AC) e o Movimento de Educação Básica (MEB). Naquele momento ambos os movimentos tiveram uma atuação significativa em relação às críticas ao sistema político e econômico que vigorava no país. Por isso seus militantes sofreram intensa represália e perseguição por parte do regime. Apesar dessa situação, o Arcebispo de Recife sempre considerou os membros desses grupos seus “filhos espirituais”, e sempre os protegia a fim de que não fossem presos e torturados pelo governo.

Mesmo com tantas diferenças, havia, ainda, um bom diálogo entre os integrantes da cúpula militar e o Arcebispo de Olinda e Recife, mas quando este optou por ficar ao lado de seus “filhos espirituais” – em função das perseguições, prisões, torturas e exílios – e utilizar de sua influência para protegê-los, iniciou-se uma crise sem volta no relacionamento entre o governo militar e Dom Hélder. Segundo Thomas Bruneau: “[...] elementos do Exército estavam tentando isolar Dom Hélder da instituição maior, implicando que a Igreja era pura e fiel, mas ele e seus adeptos estavam tentando corrompe-la [...]”<sup>13</sup>.

Ao mesmo tempo em que Dom Hélder começava receber todo tipo de acusação, principalmente por parte dos militares de Pernambuco, ocorreu uma reação de leigos, padres e bispos de todo o Brasil, das “alas” progressista e conservadora, em solidariedade a ele e com a intenção também de defender a instituição religiosa de ataques externos. No meio militar houve também demonstração de apoio a Dom Hélder, por parte general Amaury Kruel: “[...] o

<sup>12</sup>Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 333.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 338.

incidente entre o exército e Dom Hélder é uma intromissão lamentável dos militares na Igreja, que procura resolver os problemas sociais daquela região”<sup>14</sup>.

Ao final do mês de outubro de 1968, os ataques ao Arcebispo se acentuaram de maneira ostensiva e violenta. Isso ocorreu quando o muro da Igreja das Fronteiras foi metralhado, nos fundos da qual residia Dom Hélder desde janeiro do mesmo ano, quando se mudou do Palácio São José de Manguinhos, residência oficial do Arcebispo. A justificativa para tal mudança era o seu interesse em viver com despreendimento material, pois já havia optado em trabalhar numa Igreja servidora e pobre. Os autores do atentado eram membros do CCC – Comando de Caça aos Comunistas<sup>15</sup>. Alguns dias depois, um novo atentado atingiu a Igreja das Fronteiras, mas, em ambos, o Arcebispo não se encontrava em sua residência.

Esses acontecimentos fortaleceram sua campanha contra a violência e a luta por justiça social através de movimentos como a Ação Justiça e Paz liderado por Dom Hélder, em outubro de 1968. Sua atitude de não entrar em pânico com as ameaças aumentaram ainda mais a sua popularidade e mística no Brasil e no exterior em torno da sua firmeza e coragem no enfrentamento com a ditadura militar.

A decretação do Ato Institucional nº 5 – o AI-5 – em dezembro de 1968, assinada pelo presidente Costa e Silva, provocou o fechamento do Congresso Nacional, a eliminação das liberdades civis e de imprensa e as Forças Armadas tiveram carta branca do governo para exterminar a oposição. Com isso, movimentos sociais, associações e sindicatos opositores ao regime foram vigiados, cassados e fechados. O mesmo acontecia aos cidadãos, que foram perseguidos, interrogados, presos, torturados, exilados e mortos.

Apesar de todo o quadro adverso, com perseguição e intimidação, em relação a Dom Hélder, nos últimos anos, ele mantinha canais abertos de comunicação com os militares. Queria acreditar que o AI-5 poderia ser útil e ajudar o

---

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 339.

<sup>15</sup> COMANDO DE CAÇA AOS COMUNISTAS (CCC), organização de extrema-direita que surgiu em 1968, em apoio à Ditadura Militar. Tinha como principal função perseguir todos os cidadãos (operários, professores, estudantes, intelectuais, artistas e religiosos) e entidades (organização de estudantes, sindicatos, universidades, teatros e igrejas), considerados subversivos e opositores ao regime. Suas ações se deram em todo Brasil. Algumas obras que mencionam o Comando de Caça aos Comunistas (CCC): Thomas SKIDMORE, *Brasil de Castelo a Tancredo*, pp. 160, 177 e 257; Kenneth P. SERBIN, *Diálogos na Sombra*, pp. 108 e 387; Elio GASPARI, *A Ditadura Envergonhada*, pp.251, 299 e 324; idem, *A Ditadura Escancarada*, p.259.

governo a consolidar o projeto de transformação do país que, em sua opinião, ainda estava apenas no discurso feito pelos militares quando da tomada do poder.

No início de 1969, ele, que a princípio não apoiava e nem rejeitava o AI-5, dizia que o mesmo:

[...] grande serviço prestaria a Ação, Justiça e Paz ao país e ao continente, se obtivesse, de todos os seus integrantes, quebra de preconceitos antimilitares (todo preconceito é fraqueza intelectual, ou primarismo cultural...) e especializasse alguns de seus membros, os mais qualificados, de modo a conquistarem o direito de rever, com militares-chave, conceitos básicos para a marcha do desenvolvimento e da paz, como os de segurança nacional e ordem social.<sup>16</sup>

A partir de 1969, no governo do General Emílio Garrastazu Médici, entrou-se nos chamados “Anos de Chumbo” da ditadura militar, pois essa repressão e opressão intensificaram-se ainda mais sobre os opositores ao regime militar. Em pouco tempo Dom Hélder percebeu que os objetivos do AI-5 eram outros, totalmente diferentes daqueles pensados por ele. Naquele momento, ele decidiu continuar apoiando as manifestações estudantis e lançando manifestos contra qualquer tipo de opressão e cassação. As represálias ao Arcebispo tornaram-se constantes novamente e, apesar de sua respeitabilidade dentro e fora do país, foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional<sup>17</sup>. O patrulhamento a ele foi acentuando-se com o passar dos anos, principalmente entre os anos de 1969 a 1977. Neste período seus textos, discursos, entrevistas e depoimentos passaram a receber uma maior atenção

<sup>16</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 354. Com relação à pretensão de legitimidade do regime militar cf. Maria José de REZENDE, *A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade 1964-1984*. Nesta obra, a autora analisa as diversas estratégias (econômica, política, militar e psicossocial) do regime militar que revelam quanto era ditatorial o seu projeto de sociedade.

<sup>17</sup> A Doutrina da Segurança Nacional foi estruturada nos cursos da Escola Militar, e foram criados para aprimorar as Doutrinas de Segurança Nacional e que se consagraram inteiramente a essa tarefa, por exemplo, a Escola Superior de Guerra no Brasil. Através da Doutrina da Segurança Nacional, os militares tinham o dever de defender a nação dos inimigos internos tanto quanto dos externos. Em 1967, o presidente Gal. Castelo Branco, decretou a Lei de Segurança Nacional (LSN) tornando a segurança nacional um dever cívico, estabelecendo as políticas repressivas que deram sustentação ao regime. Para uma visão mais ampla sobre o tema cf. José COMBLIN, *A Ideologia da Segurança Nacional: O Poder Militar na América Latina*. Nesta obra, o autor mostra como foram criadas as doutrinas da Segurança Nacional na América Latina, a influência norte-americana e especifica a questão brasileira. Cf. também Kenneth SERBIN, *Diálogos na Sombra*, obra na qual o autor faz um recorte da história do Brasil, mais especificamente os anos 70, mostrando o confronto entre o episcopado e as Forças Armadas. Através da criação de uma Comissão Bipartite em 1970, inicia-se um processo de diálogo secreto entre Igreja e Estado a fim de que pudessem chegar a acordos a respeito de tortura e direitos humanos. Cf. Thomas SKIDMORE, *Brasil: de Castelo a Tancredo*, obra na qual o autor faz uma profunda análise sócio-político-econômica do Brasil pós-64 até 1984, utilizando-se de um rico e vasto material documental, o que possibilita um entendimento profundo desse momento histórico brasileiro.

por parte do governo e foram censurados pelo ministério da justiça. Lembra Serbin:

Silenciado em seu próprio país, tornou-se o mais importante crítico do regime no exterior. Para deter Dom Hélder, o ministro da Justiça Alfredo Buzaid propôs ao presidente Médici que o governo revogasse o passaporte especial do arcebispo. O ministro das relações exteriores Mário Gibson Barboza, um moderado, vetou a medida como sendo ilegal.<sup>18</sup>

O carisma, respeito e projeção que envolviam a pessoa de Dom Hélder, tanto nacional como internacionalmente, fizeram com que estas retaliações feitas a ele acontecessem de maneira indireta, atingindo pessoas de sua confiança. O maior exemplo dessa ação foi o assassinato do padre Antônio Henrique Pereira Neto, jovem religioso, que trabalhou no apostolado da juventude, principalmente com universitários, e tinha uma relação muito próxima com o Arcebispo. Dom Hélder descreve aquele momento difícil a procura do companheiro:

Saí com Dom Lamartine [...] fomos primeiro aos hospitais. Padre Henrique não estava em nenhum deles. [...] Quando chegamos ao necrotério, lá estava nosso padre Henrique, como um cadáver desconhecido. [...] seu corpo era uma coisa impressionante, tinha sido trucidado. Porque além de uma bala na cabeça, a queima roupa, ele também tinha sido estrangulado [...].<sup>19</sup>

Essa foi uma das formas utilizadas pelos militares para minar o trabalho daqueles que se encontravam junto a Dom Hélder, que mesmo estrangeiras, essas pessoas eram presas e exiladas. Conforme Magalhães menciona em sua obra:

[...] Religiosos e animadores que participavam do projeto de campo “Operação Esperança”, o qual uma associação de camponeses comprava a terra e os próprios nela trabalhavam, foram perseguidos. Encardinados na diocese de Olinda e Recife os padres norte-americanos, Dario Rupiee e Peter Grans Oblatas de Maria Imaculada foram expulsos em 26 de dezembro de 1968. Em 1974, a polícia pernambucana prendeu e torturou brutalmente o pastor jornalista norte-americano Fred Morris, amigo de Dom Hélder; no ano seguinte o pastor foi expulso, num quadro de novas prisões de amigos de Dom Hélder e colaboradores do movimento de Evangelização [...].<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Kenneth SERBIN, *Diálogos na Sombra*, pp. 171-2.

<sup>19</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p. 148.

<sup>20</sup> Valdo de Barros MAGALHÃES, *A Prisão de Padres Estrangeiros no Brasil – 1968/1980: Uma Controvérsia de Interesses entre a Igreja Católica e o Regime Militar*, pp. 86-7.

Nem mesmo o assassinato ou as perseguições aos que estavam próximos de Dom Hélder impediram-no de expor suas idéias, princípios e defender os seus pontos de vista, sempre que procurado pelos meios de comunicação que lhe davam espaço para se pronunciar.

Para impedir a ação de Dom Hélder nos meios de comunicação, imprensa, rádio ou televisão, as quais ele utilizava para denunciar as injustiças sociais, a exploração dos ricos sobre os pobres e a repressão, os militares resolveram aplicar-lhe um “cala boca”. O Arcebispo passou a ser boicotado por todos os tipos de órgão de imprensa. No início dos anos 70, o Ministério da Justiça do governo Médici impõe forte censura a Dom Hélder, que não seria ouvido pelos órgãos de imprensa nos próximos 7 anos:

[...] No início de setembro de 1970 uma ordem oficial começa a chegar às redações dos órgãos de imprensa de todo país, enviada pela Polícia Federal, com uma mensagem clara: De ordem do sr. Ministro da Justiça (Alfredo Buzaid), ficam proibidas quaisquer manifestações na imprensa falada, escrita e televisada contra ou a favor de Dom Hélder Câmara.<sup>21</sup>

Se por um lado, Dom Hélder foi calado pelo governo militar, impedindo que a imprensa mencionasse o seu nome de maneira positiva ou negativa, no exterior queriam ouvir o “Arcebispo vermelho”, denominação dada a ele pela cúpula militar. A partir daquele momento, o Arcebispo passa a fazer palestras e conferências em vários países do mundo. Dizia que “não se sentia estrangeiro em nenhum lugar do mundo, e sim, irmão de todos, livre para dizer o que pensava fazendo as críticas que julgasse justas”<sup>22</sup>.

Em maio de 1970, Dom Hélder, no Palácio dos Esportes em Paris, na França, fez uma palestra para aproximadamente 10 mil pessoas, e outras 10 mil ficaram para fora do ginásio. Ele iria falar sobre a responsabilidade da França no contexto mundial da época. Porém, momentos antes lhe foi solicitado que falasse sobre a realidade política brasileira. O argumento para convencê-lo foi: “[...] ou ele fazia aquela denúncia publicamente aos franceses ou perderia a força moral para denunciar as injustiças e os absurdos que passam nos outros países”<sup>23</sup>. Assim, Dom Hélder improvisou um novo título para a sua palestra: “Quaisquer que sejam as

<sup>21</sup>Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, pp.386-7.

<sup>22</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p.212.

conseqüências”, e denunciou a repressão, as prisões e as torturas que estavam acontecendo no Brasil. Ele citou fatos dos quais tinha conhecimento e informações detalhadas. Trecho de seu pronunciamento:

Um dia li nos jornais da cidade que um desses estudantes tinha se atirado da janela do prédio da polícia. Imediatamente, fui ao hospital com meu bispo auxiliar. Então, nós dois, junto com o médico, junto com a polícia que estava lá, vimos o ferido, os membros quebrados. Perguntei-lhe: “o que aconteceu?” Então Luís de Medeiros respondeu –me: “Ah! Dom Hélder! Eu sofri torturas terríveis e no momento em que descobri que elas iam recomeçar eu preferi me jogar pela janela”.<sup>24</sup>

Pela primeira vez, alguém teve a coragem de fazer uma denúncia tão contundente contra o regime militar. Essa sua atitude irritou profundamente os militares, que já estavam incomodados com suas saídas do Brasil e diziam que ele ia ao estrangeiro para difamar e denegrir a imagem do país. Segundo palavras de Dom Hélder: “[...] O que fiz foi defender a justiça. Se combato as injustiças quando são cometidas em qualquer parte do mundo, por que haveria de calar quando as injustiças e arbitrariedades passam dentro do meu país?”<sup>25</sup>

Sua principal preocupação era com a defesa da justiça. E as conseqüências não demoraram a vir. Como o próprio título da palestra já previa, as suspeitas presentes no título já se confirmaram, Dom Hélder pagou pela sua coragem e ousadia em dizer a verdade a respeito do que estava acontecendo no Brasil. Oficialmente o governo Médici impõe a lei do silêncio, e mais nada será falado a respeito de Dom Hélder: foi decretada a sua morte civil.

Dentre os fatos mais relevantes que comprovam toda perseguição e represália sobre Dom Hélder foi o boicote ao seu nome para o recebimento do prêmio Nobel da paz nos anos 70. Essa atitude do governo militar demonstra o quanto o nome do Arcebispo naquele momento incomodava as autoridades brasileiras, apesar de todo o prestígio e reconhecimento internacional do profeta nordestino. Vários foram os fatores que motivaram a indicação de Dom Hélder, para receber o prêmio, nos quatro primeiros anos da década de 70. O primeiro deles foi a notoriedade que Dom Hélder adquiriu por causa da sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano II. O segundo foi uma somatória de fatores, como por exemplo: sua constante mensagem de não-violência na América Latina em decorrência dos

---

<sup>23</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.381.

<sup>24</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p . 382.

<sup>25</sup> *Ibid.*, pp. 181-2.

atos terroristas e dos movimentos guerrilheiros; a sua posição de liderança dentro da Igreja na luta por melhores condições de vida, respeito aos direitos humanos e a solidariedade entre as nações, independente das suas condições econômicas.

Apesar da contribuição efetiva de Dom Hélder nesses campos, a embaixada brasileira em Oslo, Noruega, a mando do governo Médici, trabalhou nos bastidores do comitê do Nobel para anular sua candidatura. Esse processo se deu através de uma pesada campanha de parcela da imprensa brasileira e da embaixada brasileira na Noruega nos principais jornais de Oslo, que difamavam o nome de Dom Hélder, para que fosse rejeitado pelo Comitê do Nobel. Concomitantemente, trabalharam para que a maioria, entre os cinco membros do Comitê, não votassem a favor de sua premiação. Um dos artigos publicados naquela época no jornal “O Estado de São Paulo”, estampava o título “Prêmio Nobel à Violência”, e dizia o seguinte:

[...] Na década de 1930, Dom Hélder Câmara era fascista, “camisa verde” e defensor dos adeptos de Adolf Hitler no Brasil. Hoje em dia ele tem se virado no sentido oposto, politicamente, e muita gente o considera comunista. Ele é um grande admirador de Fidel Castro e vê líderes como Ernesto Che Guevara, Camilo Torres como modelos.<sup>26</sup>

O fato de Dom Hélder ter sido indicado várias vezes para receber o prêmio Nobel da Paz e nunca ter conseguido, despertou suspeitas nos setores progressistas da sociedade brasileira. Em 1973, por ocasião da última indicação, Dom Hélder, em uma de suas meditações, escreveu algo que mostrava como concebia esta situação:

[...] que o Nobel da Paz jamais chegou a preocupar-me; que minha candidatura sempre foi lançada, sobretudo, por jovens e trabalhadores, a quem escrevi dizendo que, para mim, o verdadeiro [...] Nobel era a compreensão e a simpatia dos moços e dos operários, dos oprimidos e dos simples.<sup>27</sup>

O retorno de Dom Hélder aos noticiários, e o fim da censura em torno do seu nome, ocorreu em 1977. Estávamos em pleno processo de abertura política – apesar de ainda ocorrerem casos de prisões e torturas – instaurado pelo governo Geisel. Foi numa longa entrevista do Arcebispo a um jornalista do Jornal do Brasil,

---

<sup>26</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 12.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 15.

sucursal Recife<sup>28</sup>, na qual falou sobre o seu ingresso no movimento integralista, o enfrentamento com os militares pós-64, a situação da Igreja latino-americana, as viagens, a censura que sofreu nos últimos anos e sobre a tortura sofrida pelos adversários do regime. Depois desta reportagem, Dom Hélder passou a dar entrevistas para os principais jornais, revistas e até emissoras de televisão do país. Tinha muito a dizer a respeito dos novos rumos do Brasil e do mundo, como também acalantar a sociedade brasileira com suas mensagens de esperança.

## 2.2 As Divergências com a Igreja

Quando nos referimos à Igreja enfatizamos, especialmente, a sua hierarquia<sup>29</sup>. Antes de abordarmos os conflitos ocorridos entre a Igreja e Dom Hélder, é importante enfocarmos a diferença entre a Igreja nordestina e a Igreja de outras regiões do Brasil, para que possamos melhor compreender tais divergências.

A região Nordeste, desde a segunda metade do século XIX, sofreu um processo de abandono e empobrecimento que afetou profundamente as questões sócio-econômicas da maioria de sua população. Essa condição desfavorável levou a Igreja, nessa região, a buscar uma concretização da sua doutrina social<sup>30</sup>. A questão da injustiça se constituiu numa preocupação constante e, a partir da década de 50, essa preocupação tornou-se mais forte por parte de alguns religiosos. Isso ocorreu em função do envolvimento da Igreja com os movimentos camponeses, devido aos graves problemas da concentração de terra naquela região.

<sup>28</sup> Entrevista concedida à jornalista Divane Carvalho do Jornal do Brasil, sucursal Recife, em 24/04/1977.

<sup>29</sup> A Igreja Católica se faz presente em nossa história desde a chegada dos portugueses ao Brasil, em 22 de abril de 1500, e com a celebração da primeira missa em 26 de abril de 1500. Quando citamos a hierarquia da Igreja nos referimos ao alto clero, isto é, aos cardeais, arcebispos e bispos que, ao longo da história do Brasil, estiveram sempre ao lado dos grupos sociais que detinham o poder político e econômico no Brasil Colônia, Império ou República.

<sup>30</sup> A Doutrina Social da Igreja tem na encíclica “*Rerum Novarum*”, de Leão XIII, uma sugestiva sistematização. Esta encíclica passa a servir de parâmetro para outras encíclicas sociais. Para aprofundar o tema cf. Henry GEORGE, *Leão XIII: A Doutrina Social da Igreja*; Idelfonso CAMACHO, *Doutrina Social da Igreja: abordagem histórica*; Pierre BIGO, *A Doutrina Social da Igreja*; id., *Fé Cristã e compromisso social: elementos para uma reflexão sobre América Latina à luz da doutrina social da Igreja*; Gabriel GALACHE, *Síntese da Doutrina Social*; Aderito S. NUNES, *Princípios de Doutrina Social*; C.G. RUTTEN, *A Doutrina Social da Igreja* e P. N. CAMPOS, *A doutrina social da Igreja à luz do Vaticano II*.

A partir do pós-64, a Igreja nordestina, representada pela Regional II<sup>31</sup> – uma divisão feita pela CNBB, constituída pelos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas – fez, nos primeiros quatro anos do governo militar, as principais críticas e oposição ao regime. Dessa maneira, reafirmavam e mantinham sua tradição reformista.

Em *Brasil: Nunca Mais*, lemos:

[...] A transformação política vivida pelo Brasil no início da década de 60 e, especialmente, em 1964, coincidiu com mudanças que a Igreja Católica passava a experimentar a partir do Concílio Vaticano II, num sentido de maior comprometimento com os setores marginalizados da população e seus anseios de justiça. [...] Embora minoritários, já existiam bispos, sacerdotes, religiosas e leigos que assumiam uma atitude contrária, de apoio às Reformas de Base. Bispos, como Dom Hélder Câmara, já começavam a ser conhecidos como identificados com as pressões por mudanças nas estruturas sociais injustas, segundo compromisso assumido durante o Concílio Vaticano II.<sup>32</sup>

A oposição ao regime militar exercida por esses grupos, no qual Dom Hélder era uma das principais vozes, justificava-se pelo contexto de miséria, pobreza, lutas sociais e repressão em que se encontrava a população, como, também, pelas transformações que ocorriam internamente na Igreja Católica. Transformações essas que se deram com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, já na Segunda metade da década de 50, que tinha como objetivo dar uma maior organicidade à ação pastoral.

As novas diretrizes da Igreja traçadas pelo Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII na década de 60 em Roma, fizeram-na adquirir uma nova maneira de agir e direcionar seus objetivos, levando-a a reafirmar e consolidar sua doutrina social preocupada com os pobres e as injustiças sociais. Conforme Serbin descreve em sua obra:

O Concílio Vaticano II reuniu em Roma, de 1962 a 1965, mais de dois mil bispos e centenas de teólogos de todas as partes do mundo [...] O Vaticano II assimilou muitas idéias da América Latina graças à pressão dos bastidores de Dom Hélder

<sup>31</sup> Devido à extensão do Brasil, a CNBB constituiu várias regionais para facilitar a administração.

<sup>32</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *Brasil: Nunca Mais*, p.147. Esta obra foi organizada pela Arquidiocese de São Paulo, tendo como finalidade materializar um momento histórico importante da nossa história – A Ditadura Militar – no aspecto das perseguições, prisões, torturas e assassinatos. Através dos inquéritos policiais fica demonstrada a crueldade cometida com milhares de pessoas que fizeram oposição ao governo. Esta obra não só relatou depoimentos de pessoas que foram presas e torturadas pelos militares como também pretendeu sensibilizar o leitor contra qualquer prática de tortura.

Câmara e Dom Manuel de Larrain, do Chile. Por sua vez, a ênfase do Concílio na justiça social e nos direitos humanos impeliu teólogos, o clero e as freiras da América Latina a se aprofundarem no trabalho com a maioria empobrecida.<sup>33</sup>

É importante ressaltar que a Igreja Católica no Brasil, através de seus membros da CNBB, teve uma destacada participação no Concílio. O religioso brasileiro que mais se destacou foi Dom Hélder. Com vasta experiência no campo da pastoral e dos trabalhos sociais no pós-Concílio, ele contribuíra para uma renovação da Igreja no Brasil e na América Latina. Este seu posicionamento no Concílio e sua maneira de atuar na Arquidiocese de Olinda e Recife foram aspectos preponderantes para que o alto clero tivesse uma redobrada atenção e vigilância sobre o religioso. Ao longo dos anos da ditadura, ele foi uma das mais importantes vozes opositoras ao sistema vigente e à postura conservadora da Igreja diante dos problemas que afligiam o Brasil e o mundo.

Diferentemente da ala progressista da Igreja liderada por Dom Hélder, a CNBB, no ato do golpe militar, dominada pela ala conservadora, emitiu um manifesto apoiando os militares. Naquele momento, ele não exerceu mais a função de secretário geral da entidade, sendo apenas responsável pela secretaria da ação social, sem nenhuma participação nas decisões diretivas e na emissão do manifesto. Lima apresenta o manifesto da CNBB a favor dos militares:

Atendendo à geral e angustiosa expectativa do Povo Brasileiro, que via a marcha acelerada do comunismo para a conquista do Poder, as Forças Armadas acudiram em tempo, e evitaram que se consumassem a implantação do regime bolchevista em nossa Terra. [...] Logo após o movimento vitorioso da Revolução, verificou-se uma sensação de alívio e da esperança, sobretudo porque em face do clima de insegurança e quase desespero em que se encontravam as diferentes classes ou grupos sociais, a Proteção Divina se fez sentir de maneira sensível e insofismável. [...] Ao rendermos graças a Deus, que atendeu as orações de milhões de brasileiros e nos livrou do perigo comunista, agradecemos aos militares que se levantaram em nome dos supremos interesses da Nação.<sup>34</sup>

Durante o período em que os militares estiveram no poder, Dom Hélder foi obrigado a dar vários depoimentos e esclarecimentos: teve que provar sua não ligação com os comunistas ou marxistas; que não apoiava movimentos guerrilheiros

<sup>33</sup> Kenneth SERBIN, *Diálogos na Sombra: Bispos e Militares, Tortura e Justiça Social na Ditadura*, p.99.

<sup>34</sup> Declaração da CNBB sobre a situação Nacional, *apud* Luiz G. S. LIMA, *Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil*, p. 147.

na América Latina; e contestar outras acusações que tinham a intenção de desmoralizá-lo perante a opinião pública. Mas, o que o incomodava profundamente era a desconfiança que a hierarquia da Igreja Católica e o Vaticano demonstravam sobre sua pessoa, principalmente no período pós-golpe de 1964. Apesar da reverência com a qual lidava com seus superiores da Igreja no Brasil e no Vaticano, sempre foi firme em sua maneira de pensar e agir. E, por conta disso, sofreu por parte dos seus superiores um patrulhamento clerical, principalmente na época da ditadura militar.

A pressão e o controle da Igreja e do Tribunal do Santo Ofício se deu em função das suas idéias progressistas e da maneira particular como ele via o mundo e entendia as relações humanas. Chegou-se ao exagero de questionar quanto à sua presença numa celebração na Igreja presbiteriana, o fato de ver os enamorados nas praças ou afirmar a honestidade dos bailes e permitir que jovens, à noite, dançassem na casa episcopal. Dom Hélder apresentava justificativas às acusações que sofria, mas, ao mesmo tempo, lamentava a preocupação do Tribunal do Santo Ofício com questões como estas, ao invés de atentar para o trabalho social realizado na Arquidiocese. A Sagrada Congregação do Santo Ofício não chegou a abrir um processo contra ele devido ao bom relacionamento que mantinha com o Vaticano e com o próprio Papa Paulo VI. Em um de seus encontros com o Papa Paulo VI, em meados da década de 60, o Santo Padre, fez o seguinte comentário:

Qualquer ato seu, qualquer palavra sua tem ressonância mundial. É mais importante para a imprensa européia e norte-americana saber o que você pensa do que conhecer o pensamento de qualquer cardeal, mesmo norte-americano. Digo isto não porque tenha o mais leve receio de seu pensamento ou atuação. Graças a Deus, nos conhecemos há tanto tempo [...] Lembra-se do nosso primeiro encontro? Você cresceu por dentro, mas continua humilde como o quase seminarista que encontrei em 1950. [...] Seu sorriso e seu olhar não envelhecem. A criança continua viva dentro de você. [...] Aproveite esta fama. Sem deixar de ser pastor de Olinda e Recife – graças a Deus você tem alma de Pastor, lembre-se de que não há, na Igreja, muitos cuja voz seja ouvida como a sua.<sup>35</sup>

Paulo VI preocupava-se com a relação de Dom Hélder com o governo brasileiro. O Arcebispo então lhe contou o episódio da missa campal e mencionou a intenção do governo em removê-lo de Recife. O Papa o apoiou na atitude de negar a

---

<sup>35</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 359.

celebração da missa e comentou: “Esta pobre Revolução não resolveu e não resolverá os problemas fundamentais do País. Falta-lhe envergadura para tanto.”<sup>36</sup>

Mas o bom relacionamento entre os dois não foi suficiente para evitar que a Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, vinculada à Secretaria de Estado, enviasse uma carta a Dom Hélder solicitando o texto que pretendia apresentar em uma conferência de bispos latino-americanos, em Mar del Plata, na Argentina em 1966. Neste texto Dom Hélder defendia uma educação popular organizada através do Movimento de Educação de Base (MEB) “conscientizadora” que superasse a “mera alfabetização, mesmo que completada com um simulacro de voto”.<sup>37</sup>

O documento acima nos mostra que a proposta de Dom Hélder para o MEB divergia das idéias de setores conservadores da Igreja e dos interesses da elite da sociedade brasileira. O Vaticano queria evitar confrontos com o governo brasileiro, por isso, ao tomar ciência daquela proposta educacional financiada pelo governo, executada por setores da Igreja e com objetivo de conscientização, enviou um documento ao Arcebispo com o intuito de diminuir o seu envolvimento com relação ao projeto educacional e as críticas ao poder vigente. O documento enviado do Vaticano tinha o seguinte conteúdo:

É recente a acusação das autoridades federais e eclesíásticas e a leigos católicos de unir-se à oposição, que imputa ao governo o abuso de poder e, em particular, a limitação dos direitos civis. Parece que se deva evitar quanto possa reacender tais danos atritos, durante os quais a pessoa do Exmo. bispo de Recife várias vezes esteve em causa.<sup>38</sup>

A preocupação de Dom Hélder com a educação remonta aos tempos de padre no Ceará, bem como em toda a sua vida religiosa. No quarto capítulo, abordaremos a criação do Movimento de Educação de Base (MEB), que se deu em 1961.

Em relação ao seu pronunciamento, o Vaticano exigia do Arcebispo uma postura mais moderada, tanto sobre assuntos de natureza política como em assuntos internos da Igreja. Essas atitudes ambíguas do Vaticano deixaram-no confuso, pois, ao mesmo tempo em que Paulo VI o afagava em seus encontros

---

<sup>36</sup> *Ibid.*

<sup>37</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p 359.

privados nos anos posteriores, seus auxiliares diretos tentavam enquadrá-lo. Alegar que o Vaticano não estava informado sobre a sua atuação era impossível, já que entre 1964 e 1970 foram vários os colaboradores de Paulo VI que visitaram a Arquidiocese de Olinda e Recife.

Em 1967, quando foi publicada pelo Papa Paulo VI a encíclica *Populorum Progressio*<sup>39</sup>, atribuiu-se a Dom Hélder a inspiração para essa escrita do Papa. Dom Hélder interpretou o documento como algo que iria respaldá-lo em sua atuação social e política pelas mudanças estruturais na sociedade brasileira e nas relações de exploração dos países pobres e ricos. Baseado na encíclica, ele iniciou uma nova fase de pregação em suas conferências no Brasil e em outros países. Passou a intensificar as questões mais amplas da exploração capitalista, demonstrando que a expropriação exercida pelos países ricos industrializados sobre os países fornecedores de matérias-primas da América Latina e África era a mola propulsora da miséria e da violência existentes nessas regiões. Ele enganou-se ao achar que tinha o aval do Vaticano; ao contrário, acentuaram-se o patrulhamento e o controle da Santa Sé sobre suas atitudes e pronunciamentos dentro e fora do Brasil.

Por meio de uma carta, do principal auxiliar do Papa, Giovanni Benelli, o Vaticano tentou enquadrá-lo, recomendando que se ativesse mais à atuação dentro de sua Arquidiocese, evitando viagens para conferências no exterior, e quando essas acontecessem, antes de pronunciar-se em público, buscasse o consentimento da autoridade eclesial local. A correspondência oficial dizia:

Secretaria de Estado  
Nº 136378  
Vaticano, 4 de junho de 1969.  
Monsenhor

---

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 360.

<sup>39</sup> A Encíclica *Populorum Progressio* foi publicada pelo papa Paulo VI em 1967. Tal documento não só veio para reafirmar a Doutrina Social da Igreja, como também pode ser considerado uma extensão do Concílio Vaticano II encerrado em 1965. Esta encíclica teve como principal preocupação as questões da miséria e do subdesenvolvimento que afligiam milhões de pessoas no mundo. Seu objetivo foi abrir horizontes de esperança diante de um panorama de dor e sofrimento. Um dos aspectos mais abordados pelo documento foi a necessidade da ajuda das nações desenvolvidas às nações pobres e as em vias de desenvolvimento. O Papa Paulo VI, naquele documento, teve a coragem de salientar o caráter ético e cultural da problemática da relação entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido. E enfatizou a necessidade da intervenção da Igreja, para garantir a igualdade entre os homens ao final do século XX. Para aprofundar o tema consultar o site [www.biblia.int.br/enciclica/solitu.htm](http://www.biblia.int.br/enciclica/solitu.htm), acessado em 18/01/2004.

Acaba de chegar-me sua carta de 13 de maio e é muito de coração que lhe agradeço os esclarecimentos que o senhor me traz sobre suas conferências no estrangeiro, ao mesmo tempo em que reafirma sua intenção de servir à Igreja, segundo a vontade do Santo Padre. Sei que são de seu agrado as relações francas e fraternas que o senhor timbra em manter com a Santa Sé. Por minha vez, conhecendo as dificuldades que suas tomadas de posição podem suscitar fora de sua Diocese, confirmo-lhe o desejo da Santa Sé de vê-lo sempre consultar, antes de suas conferências, a autoridade eclesiástica local a respeito do conteúdo e da oportunidade de suas intervenções. Quanto à diocese do Recife, cuja pesada responsabilidade lhe cabe, o senhor conhece melhor do que eu o imenso campo de apostolado que se abre sem cessar a seu pastor, para a formação do clero, dos seminaristas, dos militantes leigos, de todo o povo cristão, dado que o aprofundamento da fé deve seguir passo a passo com o engajamento social. Para este trabalho pastoral, em colaboração com seus colegas de episcopado brasileiro, faço questão de assegurar-lhe meus votos mais calorosos e minha fervorosa oração. Queira crer, monsenhor, nos sentimentos que me inspiram minha fiel amizade e meu respeitoso devotamento em N.S.

Giovanni Benelli<sup>40</sup>

Ao ler a carta, Dom Hélder teve, num primeiro momento, uma reação dramática: “Tive a sensação angustiante de uma facada no coração.”<sup>41</sup> Um sentimento de tristeza e humilhação tomou-lhe conta:

Pensei concretamente em José. Venceu a Graça. Devo, inclusive, reconhecer que a pastoral tem avançado, mas, pessoalmente, posso dar-me muito mais a ela. Vou tomar ao pé da letra as indicações da Santa Sé [...] Voltou a paz. Voltou a alegria. Ri de mim: no íntimo, eu pensava, talvez, que a Santa Sé voltasse atrás.<sup>42</sup>

Embora fosse capaz de entender as dificuldades nas relações com o Vaticano, o intrigava a falta de apoio do amigo particular, o Papa Paulo VI: “Quando tenho a impressão de que Roma não me entende ou não me aprova, sinto a terra faltar debaixo dos pés. Como te entendo, Cristo, exclamando na Cruz: ‘Meu Pai, meu Pai, porque me abandonaste?’!”<sup>43</sup>

Dom Hélder foi advertido várias vezes, quanto ao Vaticano e ao Papa Paulo VI, em função de sua postura progressista e de seus depoimentos de cunho político e social que divergiam dos princípios dos grupos mais conservadores da Igreja. O mesmo acontecia em relação à CNBB, principalmente pós-64, quando a ala progressista não ocupava mais cargos diretivos na entidade. Em meados de

<sup>40</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, pp. 361-2.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 362.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 362.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 362.

1968, o arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Proença Sigaud, conservador e integrante do movimento de extrema direita – Tradição, Família e Propriedade – fundado em 1960 pelo Dr. Plínio Correia de Oliveira, acusou Dom Hélder de fazer parte de uma minoria subversiva do clero brasileiro simpatizante de Marx e do comunismo.

Essas acusações serviram para que a CNBB, numa reunião da Comissão Central em 1969, assumisse outras acusações de Dom Sigaud ao Arcebispo, tais como: de ter o teólogo José Comblin como mentor intelectual; as suas tentativas de manipular o Núncio, a CNBB e o presidente da entidade; a de incentivar a dissensão entre grupos da CNBB; a questão do financiamento de suas viagens ao exterior; os seus posicionamentos sócio-econômicos; a defesa do modelo político-econômico Tcheco para o Brasil e a América Latina; o apoio ao fim do bloqueio norte-americano a Cuba; a aprovação da entrada da China Comunista na ONU; e se ele aceitaria participar de uma palestra na Escola Superior de Guerra.

A resposta de Dom Hélder, diante desse interrogatório dirigido pelo cardeal Dom Agnelo Rossi, presidente da CNBB, foi tranqüila e transparente. Não havia acusação sem explicação. Afirmou que realmente José Comblin era um grande amigo seu e o auxiliava como sociólogo e teólogo, e que não tinha nada a declarar em relação às acusações de manipulação e cisão na CNBB. As viagens eram pagas pelas entidades que o convidavam. Seu posicionamento sobre questões sócio-econômicas era baseado em informações de técnicos de sua confiança e que em hipótese alguma defendeu algum modelo pronto para a América Latina. Sua defesa pelo fim do bloqueio econômico dos Estados Unidos a Cuba e a integração da China Comunista à ONU, eram sugestões do *Catholic Inter-American Cooperation Program*, CICOP, do Bureau Latino-Americano da Conferência dos Bispos dos Estados Unidos. Ele também as defendia, pois acreditava na democracia como forma de se chegar a um mundo mais justo. A respeito da palestra na Escola Superior de Guerra, afirmou que precisaria ser convidado e ter a certeza que teria plena liberdade para falar e ser ouvido.

Apesar do controle da Igreja Católica e do Vaticano sobre Dom Hélder, o respeito e a cordialidade permearam suas relações com estas entidades. No início da década de 70, conseguiu uma audiência particular com o Papa Paulo VI. Neste encontro, marcado pelo respeito mútuo, ficou determinado que Dom Hélder iria realizar quatro viagens internacionais por ano, continuando a pedir consentimento

prévio da autoridade eclesiástica do local visitado. Dom Hélder não deixaria de informar o conteúdo de suas palestras e conferências também à CNBB e cancelaria qualquer evento fora do país se assim a entidade o desejasse. Nesta visita, foi obtida também a aprovação do lançamento do movimento Ação, Justiça e Paz em todo o mundo, pois no Brasil era inviável prosperar esse movimento em função da conjuntura política da época.

Os confrontos com os militares, com setores da Igreja católica, representado pela ala conservadora da CNBB, como também com o Vaticano, foram momentos muito difíceis na vida de Dom Hélder. Contudo, seus princípios, assim como sua conduta fraterna jamais desapareceram. Esses enfrentamentos não lhe tiraram a motivação de seguir com seus sonhos na esperança de se construir um mundo menos desigual. Na sua praticidade de ver o mundo e as relações entre os homens, as sociedades e as nações, ele construiu sonhos possíveis de serem alcançados. Em suas reflexões, palestras e escritos sempre demonstrou ser um sonhador, que vinculava os sonhos com a realidade, onde os objetivos a serem atingidos estavam ao alcance dos homens, desde que esses agissem e lutassem para alcançá-los.

Havia uma radicalidade em seus sonhos, no sentido de aprofundamento e essência. A pureza do seu pensamento em defesa de suas idéias e princípios deixava a impressão de uma postura radical, na pior concepção da palavra. Mas a sua radicalidade estava na preocupação de ir às raízes dos problemas que afligiam a humanidade. Não sonhava com soluções paliativas; ao contrário, tinha propostas de mudanças estruturais, que resolvessem problemas crônicos que afligiam os menos favorecidos há anos, o Brasil e outras partes consideradas periféricas no mundo.

No próximo capítulo iremos tratar dos sonhos na esperança de Dom Hélder, conhecer os seus sonhos possíveis e entender como eles foram importantes para que ele pudesse expandir e divulgar as idéias nas quais acreditava e defendia. Algo que fez sempre com clareza de oratória e demonstrando na prática do seu dia-a-dia.

## CAPÍTULO 3

### OS SONHOS NA ESPERANÇA DE DOM HÉLDER

Conforme o Mito de Pandora<sup>1</sup>, Zeus viu sua vontade ser contrariada após os homens dominarem o fogo e conseguirem se manter vivos sobre a Terra. Por isso, ordenou a Hefesto que produzisse uma estátua linda de nome Pandora, possuidora de todos os dons – doados por cada um dos deuses do Olimpo – e que a transformasse na primeira mulher. E cada um dos deuses imortais demonstrou sua ira com a desobediência humana e reservou um dom maléfico como presente para a humanidade. Todos esses presentes foram colocados numa caixa e enviados a Pandora que abriu a tampa da caixa e, a partir de então, a humanidade, que até aquele momento habitava um mundo sem doenças ou sofrimentos, viu-se envolvida por inúmeros malefícios: a gota, o reumatismo, a cólica, a inveja, o despeito, a vingança, o ódio e outros que se espalharam pelo mundo. Diante desse fato, Pandora apressou-se em tampar a caixa rapidamente, antes que o único benefício que nela havia escapasse: a esperança.

A descrição mitológica acima comprova que, desde os tempos mais remotos, os homens pensaram, idealizaram e manifestaram o seu desejo de esperança. E este foi construído ao longo da história de diferentes maneiras, devido às diferenças temporais, sociais, culturais e religiosas de cada civilização.

Na Grécia antiga a “esperança viva” como atitude religiosa era desconhecida, mas apresentada como algo a-religioso. Apesar dos gregos reconhecerem a esperança, preveniam-se contra a sua insegurança. Alguns filósofos da Antigüidade Clássica escreveram sobre esperança como, por exemplo, Horácio que denominou

---

<sup>1</sup> Para aprofundar a leitura sobre o mito de Pandora ver Junito de Souza BRANDÃO, *Mitologia Grega*, pp.165-9. Consultar também os sites [www.mitsalito.hpg.ig.com.br](http://www.mitsalito.hpg.ig.com.br); [www.geocities.com/Athens/Crete/2153/pandora.htm](http://www.geocities.com/Athens/Crete/2153/pandora.htm), acessado em 11/01/2003.

*fides* (fé, lealdade) a companheira da *spes* (esperança); ou Sêneca que chamava a esperança de definição de “*um bem incerto*”<sup>2</sup>.

No cristianismo primitivo encontramos a tríade esperança, fé e amor. A esperança foi algo tão fundamental no cristianismo que pode ser entendida como a precursora do nascimento de uma “viva esperança”, isto é, de uma fé viva, onde a salvação prometida já se faz presente, tem início no aqui e no agora.

Quando nos referimos à Bíblia, podemos dizer que existe de antemão uma conotação positiva: é a esperança do bem, da salvação, da confiança. Tanto no Antigo Testamento (Bíblia Hebraica), quanto no Novo Testamento podemos afirmar que a esperança está inserida em três momentos distintos: a expectativa do futuro, a confiança e a paciência; isso demonstra a possibilidade da salvação já estar presente e, por outro lado, estar ainda pendente.

No caso específico da Igreja Católica, a esperança foi vista de diferentes maneiras ao longo da história, já que o cristianismo foi vivido em contextos distintos em cada época. A esperança, no catolicismo medieval, estava concentrada na perspectiva da morte. Os documentos medievais comprovam que o homem medieval vivia a ansiedade da morte e a esperança relacionava-se com a sorte dos mortos<sup>3</sup>. Há os que defendem que a esperança é a demonstração de uma frustrada revolta: são os revolucionários que, inconformados com as estruturas e modelos econômicos, sociais e políticos estabelecidos em suas sociedades, buscam na esperança a possibilidade de um mundo diferente. Comblin relembra que: “[...] a esperança é também modo de viver, modo de ser. Ser cristão é viver uma esperança, isto é, viver segundo o modo da esperança”<sup>4</sup>. Para ele, há uma estreita relação entre a esperança e o cristianismo: a esperança é uma maneira de se viver e uma forma de ser cristão, logo todo cristão tem consigo o desejo da esperança. Neste caso, podemos lembrar Dom Hélder como um cristão que vivenciou a

---

<sup>2</sup> Para aprofundar as discussões em torno da origem da esperança consultar Heinrich FRIES (dir.), *Dicionário de Teologia: Conceitos Fundamentais da Teologia Atual*, pp. 82-7; Xabier PIKAZA; Silanes NERES, (dir.), *Dicionário Teológico*, pp. 114-22.

<sup>3</sup> Para aprofundar o tema consultar Jacques LE GOFF; Jean Claude SCHIMITT, *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol. II, pp. 243-61.

<sup>4</sup> Joseph COMBLIN, *A Maior Esperança*, p.9.

esperança diuturnamente. Comblin afirma em depoimento sobre Dom Hélder: “[...] sempre motivo de esperança, todo dia, todas as manhãs [...]”<sup>5</sup>.

A partir do Concílio Vaticano II e também após a obra de Moltmann, *Teologia da Esperança*, a teologia começou a pensar a esperança numa perspectiva mais realista envolvendo problemas do mundo contemporâneo relacionados com a política, o desenvolvimento e as desigualdades. Moltmann se refere à esperança da seguinte maneira: “Somente a esperança é ‘realista’, porque somente ela toma a sério as possibilidades que impregnam tudo o que é real. Ela não toma as coisas como na sua estática ou inércia, mas como caminham, se movem e são mutáveis em suas possibilidades”<sup>6</sup>.

Comblin, na esteira de Moltmann, relembra que a esperança não deve ser entendida como uma fuga da realidade, mas só será autêntica quando os homens não negarem a realidade. O teólogo também menciona a possibilidade da esperança ser utilizada pelo homem como uma maneira de enfrentar a realidade e, através dela, criar um mundo de fantasias. E, para ele, a autenticidade da esperança se dará quando o homem atingir a maturidade de enfrentar a realidade da vida.<sup>7</sup>

O filósofo Paulo Meneses relembra-nos a força criadora da esperança: “A esperança é uma força dialética do espírito humano [...]. Há na esperança uma negatividade constitutiva: ela se volta contra o mal, que é seu obstáculo, para superá-lo e dar o salto dialético em que se sobe a um nível mais alto e se reencontra com o Bem.”<sup>8</sup>

Quando se trata dos sonhos, na esperança de Dom Hélder, devemos lembrar que encontramos aí uma esperança verdadeiramente cristã. Uma esperança, simples e factível – como a sua vida, o maior legado deixado por ele. Nos momentos difíceis, e foram vários, ele sempre buscou na esperança motivação para superar dificuldades e encontrar as melhores soluções para as situações mais complicadas.

Para melhor entendermos os sonhos na esperança de Dom Hélder, tivemos que focar dois aspectos importantes da sua vida: o fato dele ser nordestino e cearense.

<sup>5</sup> Depoimento, gravado e transcrito no original, do teólogo Joseph Comblin, no Congresso da SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – em 26 de julho de 2000, em Belo Horizonte, MG. O depoimento encontra-se na íntegra no anexo II.

<sup>6</sup> Jurgen MOLTSMANN, *Teologia da Esperança*, p. 13.

<sup>7</sup> Joseph COMBLIN, *A Maior Esperança*, pp. 15-8.

<sup>8</sup> Paulo MENESES, *Os Horizontes da Esperança*, p. 113.

O primeiro aspecto, ser nordestino, diz respeito ao povo que carrega em sua história a exploração e o sofrimento secular. Entretanto, apesar das adversidades, conserva seus traços culturais – o folclore, a música e a religiosidade simples e de fé incontestável. Dom Hélder, ainda que tenha se tornado um cidadão do mundo, nunca deixou de ser, antes de tudo, um nordestino.

O segundo aspecto, ser cearense, que, além de enfrentar os problemas comuns do Nordeste – a marginalização e a ineficiente estrutura fundiária –, tem parte do seu Estado, o Ceará, na área denominada “polígono da seca”. Área que abrange a região Nordeste (sertão) e uma pequena parte da região Sudeste (norte de Minas Gerais) onde ocorrem prolongadas secas, devido ao predomínio do clima semi-árido. Em função dessa característica climática, as atividades agrícolas dependem das chuvas que, às vezes, levam anos para cair na região. Os recursos para a subsistência da população sertanista torna-se algo difícil e sofrido. Por esse motivo, o cearense torna-se um migrante em busca de sonhos e carrega consigo a esperança – com mais intensidade que os nordestinos que vivem em outras áreas – de um dia voltar a viver em sua terra. Segundo Dom Hélder: “O Ceará é nossa terra, nossa mãe, e isso nos comove”<sup>9</sup>.

É interessante lembrar também que, em geral, os místicos nordestinos foram, ou são, cearenses. Lembro os nomes de alguns mais conhecidos como os de padre Ibiapina, Antônio Conselheiro, padre Cícero e Dom Hélder. O que foi comum a todos eles é que foram homens místicos e ativos ao mesmo tempo. Acreditavam e desejavam a esperança, renovando-a diariamente. Sobre a esperança de Dom Hélder, Comblin escreve:

[...] A esperança de Dom Hélder era extraordinária até o ponto de dar aos olhos dos que estavam perto dele, a impressão de ingenuidade. Nos piores momentos do regime militar levantava-se todos os dias com novos motivos para pensar que a libertação já estava chegando. Qualquer indício, ou aparência de indício era suficiente para que tivesse a confirmação das suas previsões. O seu otimismo não aceitava nenhuma forma de desmentido. Sempre tinha no coração a grande visão do mundo novo que estava chegando.<sup>10</sup>

Os sonhos na esperança de Dom Hélder foram vistos através da sua experiência religiosa e social. Um religioso de fé inabalável, que tinha, no

<sup>9</sup> *Apud* Nelmo Roque Ten KATLHEN, *Uma vida para os pobres: Espiritualidade de Dom Hélder Câmara*, p.20.

<sup>10</sup> Joseph COMBLIN, *Espiritualidade de Dom Hélder*, p.4.

entusiasmo do seu trabalho e na crença da realização dos seus sonhos, a permanente esperança, a qual ele carregava sempre consigo e a transmitia às camadas populares, aos membros do clero e a governantes de vários países do mundo, de maneira profética. A esse respeito, Leonardo Boff afirmou:

Dom Hélder Câmara é o maior profeta do Terceiro Mundo, diria, de toda a Igreja Universal. O profeta é o homem da palavra de denúncia, que anuncia, que consola e que constrói o horizonte utópico sem o qual ninguém nem a sociedade pode viver. A palavra do poeta nasce da escuta de outra palavra, a divina, que queima na consciência, que grita da boca dos pobres e que ecoa suavemente do universo.<sup>11</sup>

Para entendermos a esperança de Dom Hélder também como um princípio, é interessante olharmos a tese de Furter, sobre o princípio da esperança, a fim de a compararmos com as ações do arcebispo:

A esperança é um princípio na medida em que reanima o passado, que nos orienta no presente e que visa o futuro. [...] É um princípio que atua e constitui a história humana. [...] A esperança não nasce apenas de uma ilusão dos homens sobre si mesmos, mas radicalmente das suas respostas às suas fragilidades, às suas faltas, aos seus fracassos.<sup>12</sup>

Para Dom Hélder, a esperança era propósito e princípio de vida, juntamente com a fé e a ação. Ele via sinais claros de esperança em todos os lugares: nos países pobres do Terceiro Mundo, nos países ricos industrializados, na religião, mas, principalmente, nas diferentes classes sociais que compunham essa complexidade de povos e culturas tão díspares e divergentes que formam o conjunto da humanidade. A sua grande preocupação foram as injustiças sociais, estabelecidas entre os homens, bem como entre as nações. Em sua vida, sempre procurou dialogar com os diferentes grupos sociais e políticos e com religiosos de outras crenças, a fim de que juntos pudessem chegar a resoluções positivas para diminuir as diferenças sociais no mundo. Nesse sentido, Maria do Carmo Pimenta aponta para indícios que nos ajudam a compreender a presença da esperança na vida de Dom Hélder:

---

<sup>11</sup> Leonardo BOFF, O Magistério do Universo, in: Zildo ROCHA (org.), *Hélder, o Dom: Uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*, p.159.

<sup>12</sup> Pierre FURTER, *A Dialética da Esperança*, pp. 67-9.

[...] que boa a esperança encontrar, sempre mais, as diversas denominações cristãs, sem medo de serem incompreendidas, com a certeza de seguir o Evangelho, denunciando sem medo e sem violência, mas com firmeza e coragem, as injustiças, as opressões, as denominações que esmagam milhões de filhos de Deus [...] que boa esperança encontrar jovens que nos ajudem a prestar atenção aos grandes problemas humanos, a tentar descobrir alternativas de solução [...] e, para concluir, que boa esperança ver a Igreja de Cristo, sempre mais, proferir mil vezes ser uma Igreja perseguida e não uma Igreja comprometida.<sup>13</sup>

Os sonhos que Dom Hélder pretendia alcançar e realizar sempre estiveram impregnados de esperança e realismo, pois em sua maioria eram possíveis de serem alcançados. Para ele, nada era mais importante do que as conquistas e realizações de âmbito coletivo: ele não pensava individualmente, mas sempre coletivamente. Incluir os excluídos e fazer com que eles conquistassem a sua dignidade humana era o seu norte.

Um assunto, historicamente muito polêmico no Brasil e para a Igreja Católica, era a distribuição das suas terras. Dom Hélder, sempre preocupado com as questões sociais, entendia essa questão da reforma agrária como algo primordial para o desenvolvimento da sociedade e um aspecto crucial para o fim da exploração do homem no Nordeste brasileiro e em outras partes do mundo. Ele achava que a reforma agrária em Pernambuco e, posteriormente, em outros Estados brasileiros, poderia e deveria começar pelas terras da Igreja. Em suas reuniões com os membros dirigentes do clero pernambucano, o Arcebispo deixava claro os seus objetivos:

Quero, com urgência urgentíssima, uma relação de todas as terras da Santa Igreja. Vamos marchar para uma programação que, a curtíssimo prazo, nos libere de nossos Estados pontifícios. [...] Na Suíça, há amigos dispostos a criar um fundo rotativo que permita aliar à entrega da terra, assistência técnica, financeira, social[...]<sup>14</sup>

Certa vez, o Arcebispo afirmou a um grupo de trabalhadores rurais da comunidade do Engenho Taquari, num ato de entrega de títulos de propriedade de terra, que: “Deus criou a terra para todos”<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Maria do Carmo PIMENTA, *Ano 2000, 500 Anos de Brasil*, p. 36-7.

<sup>14</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.317.

<sup>15</sup> *O Dom da Paz*. Direção Osmar Barbalho. Obras de Frei Francisco. Recife, 1996.

A luta pela posse de terra no Brasil é histórica, e a Igreja sempre esteve envolvida nos conflitos entre índios, camponeses e o governo. Apesar de a Igreja Católica ter sido ao longo da história uma detentora de extensas propriedades, ela também esteve preocupada com a questão da concentração de terras nas mãos de uma minoria. As situações de extremo conflito no campo, e que provocaram uma desigualdade social com conseqüências sem precedentes no decorrer do século XX, levaram a Igreja a criar uma pastoral específica para o problema da terra: a Pastoral da Terra. Desta preocupação surgiu, em 1980, a carta pastoral sobre a terra, publicada pelos bispos católicos com o título *Igreja e os Problemas da Terra*<sup>16</sup>, na qual fica claro a condenação ao capitalismo agrário, como também insistem em afirmar que o uso da terra é legítimo só por sua função social. Dom Paulo Evaristo Arns falou sobre a nova relação da Igreja com aqueles que não possuem terras:

A terra é um Dom de Deus [...] A Igreja assumiu no Brasil o compromisso de denunciar as situações claramente injustas e a violência que se cometam em áreas de suas dioceses. Como conseqüência dará apoio aos esforços dos homens do campo por uma autêntica reforma agrária e a mobilização dos trabalhadores para exigir a aplicação ou reformulação das leis existentes.<sup>17</sup>

Conforme vimos no primeiro capítulo, a “Operação Esperança” foi uma ação criada por Dom Hélder, a fim de resolver o problema das cheias em Recife, em meados da década de 60, e que se tornou um amplo projeto de desenvolvimento para o Nordeste. Da mobilização desse projeto surgiu a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE.

O que queremos destacar desse momento é a capacidade de Dom Hélder não só em organizar ações, preocupado com o coletivo, mas também de aglutinar grupos heterogêneos e engajá-los nos seus projetos e sonhos. E ele conseguia contagiar os que estavam à sua volta com o seu modelo de esperança. Essa era uma característica dele e da qual se utilizou no seu trabalho com os movimentos sociais, com o clero e com a classe política. Sonhos que captavam o âmago do problema que vão à raiz profunda. Por exemplo, a “Operação Esperança” não foi

<sup>16</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB), *Igreja e Problemas da Terra*. O Documento foi aprovado pela 18ª Assembléia da CNBB, em Itaci, a 14/02/1980.

<sup>17</sup> *Revista Visão*, 15/19 de novembro de 1982, p.29. Para aprofundar a discussão sobre o problema da terra na América Latina e no Brasil consultar: Roy H. MAY, *Los Pobres De La Tierra*; Marcelo de

uma simples ação passageira, paliativa, momentânea, mas um projeto com objetivos possíveis e realizáveis. Ele sonhava com processos de transformação social, organizados e conscientes, pelos quais as comunidades envolvidas pudessem alcançar seus objetivos sem interferência ou influência externa. Como afirmou Comblin: “Dom Hélder esteve sempre à espera de uma transformação”<sup>18</sup>.

Além das preocupações com os problemas sociais, políticos, econômicos e religiosos, no Brasil, ele se empenhou, também, nas discussões que ocorreram no Concílio Vaticano II, participou ativamente das sessões do Concílio, principalmente da quarta sessão, cujo resultado foi a produção dos documentos *Gaudium et Spes* – Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno –, e o decreto “Apostolado dos Leigos.” Segundo Comblin: “No Concílio Vaticano II [Dom Hélder] nunca tomou a palavra, nunca. Mas nos corredores manipulava tudo, nos corredores estava sempre organizando, e estava encarregando outro de falar isso, falar aquilo”<sup>19</sup>.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* – alegrias e esperanças – sobre a Igreja no mundo contemporâneo, foi um dos textos mais significativos do Concílio, pois nele manifestou-se uma nova postura da Igreja e de sua relação com o mundo. No próêmio da *Gaudium et Spes* foi sinalizado o tom de vanguarda do documento, que teve influência direta na formação de vários religiosos daí em diante. Estão registradas, num trecho da introdução, as tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos que sofrem, que também são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo.<sup>20</sup> Este documento procurou mostrar, numa primeira parte, a condição do homem no mundo atual, meados da década de 60. Numa segunda parte, a compreensão do homem e da sociedade através do viés teológico, e, numa terceira parte, alguns temas mais pertinentes para a época foram amplamente discutidos, tais como: o matrimônio e a família, a cultura, a vida econômico-social, a comunidade política, a paz e a comunidade internacional.

---

Barros SOUZA; José L. CARAVAIAS, *Teologia da Terra*; Matias Martinho LENZ (org), *Igreja e a Propriedade da Terra no Brasil*; Comissão Pastoral da Terra, *CPT: Pastoral e Compromisso*.

<sup>18</sup> Depoimento, gravado e transcrito do original, do teólogo Joseph Comblin, no Congresso da SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – em 26 de julho de 2000, em Belo Horizonte, MG. O depoimento encontra-se na íntegra no anexo II.

<sup>19</sup> *Ibid.*

<sup>20</sup> Boaventura KLOPPENBURG; Frederico VIER, *Compêndio do Vaticano II*, p. 143.

A preocupação dos que escreveram esse documento era, em particular, a pessoa humana; esta sim deveria ser salva, e a sociedade humana renovada. O

homem foi a espinha dorsal de toda reflexão, o homem como um todo: corpo, alma, coração, consciência, inteligência e vontade. Havia também o desejo pela fraternidade universal, e esta aconteceria com a colaboração da Igreja, que tem a missão de interpretar o contexto presente, apontar propostas para solucionar os conflitos e responder às eternas interrogações sobre a vida. A Constituição *Gaudium et Spes* na introdução afirma: “É necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole freqüentemente dramática.”<sup>21</sup>

O Concílio Vaticano II tinha um forte interesse em resgatar uma atividade que iniciou-se nos primórdios do cristianismo: a atividade apostólica dos cristãos leigos. Daí a elaboração do intitulado decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o Apostolado dos Leigos<sup>22</sup>, que foi justificado, na época, como uma necessidade, pois a sua vocação cristã não pode estar ausente da Igreja. O aumento da população, o progresso científico e tecnológico e o estreitamento das relações humanas, frutos da modernidade, fizeram com que a participação do apostolado leigo aumentasse de maneira significativa. Isso se justificou pelo fato de haver regiões onde havia escassez de sacerdotes, pois, em alguns lugares, religiosos eram impedidos de exercer seu ministério com liberdade. A participação dos leigos, nestas situações e condições, foi de fundamental importância; sem eles não teria havido a presença e ação da Igreja. Os leigos, na década de 1960, tinham consciência de sua responsabilidade.

No primeiro capítulo do *Apostolicam Actuositatem*, sobre a Vocação dos Leigos para o Apostolado, participação dos leigos na missão da Igreja, afirma-se:

Os leigos, por sua vez, participantes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, compartilham a missão de todo o povo de Deus na Igreja e no mundo. Realizam verdadeiramente apostolado quando se dedicam a evangelizar e santificar os homens e animar e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do Evangelho, de

<sup>21</sup> Boaventura KLOPPENBURG; Frederico VIER, *Compêndio do Vaticano II*, p. 145.

<sup>22</sup> Para uma discussão mais ampla sobre o Leigo cf. Ênio José da Costa BRITO, *O Leigo Cristão no Mundo e na Igreja*.

maneira a dar com a sua ação neste campo claro de testemunho de Cristo e a ajudar à salvação dos homens.<sup>23</sup>

Para Dom Hélder, a Igreja deveria passar por um processo de modernização para poder enfrentar os desafios do final do século XX. Só assim ela conseguiria se fortalecer e conquistar a confiança e credibilidade das novas gerações. Para ele, o Papa deveria convocar uma assembléia extraordinária para estudar problemas e propostas, suprimir os embaixadores e núncios do Vaticano – pois achava que este, no imaginário popular, era o símbolo da riqueza da Igreja –, e que a biblioteca, o arquivo, o museu e os jardins do Vaticano deveriam ser entregues ao povo, sob a administração da UNESCO. Além disso, ele defendia modificações nas estruturas da Igreja, sua visão não se adequava mais com os novos tempos. Era preciso acolher os “sinais dos tempos”. Essas idéias, Dom Hélder apresentou por escrito ao industrial belga Jacques Lannoeye, amigo e colaborador financeiro do cardeal Suenens:

#### Sugestões filiais ao Santo Padre

Em uma carta pessoal ao Santo Padre, terei a confiança de sugerir:

1. A propósito do Sínodo dos bispos que ele anuncie, na sessão de encerramento do Concílio:
  - a) um moto próprio, encarregando a Assembléia Geral de eleger o Papa, salvaguardando, aos atuais cardeais, o direito de participar das eleições;
  - b) uma assembléia extraordinária para estudar problemas como a limitação de filhos e o celibato eclesiástico;
  - c) uma assembléia especial, dedicada ao estudo da responsabilidade da Igreja diante do desenvolvimento.
2. A propósito da Cúria romana, que, também na sessão de encerramento, ele anuncie as grandes linhas de sua reforma e, sobretudo, do Santo Ofício, cujo nome e missão serão certamente mudados.
3. A propósito da promulgação do Esquema XIII:
  - que dê seu apoio ao secretariado para a expansão da justiça e do desenvolvimento no mundo e que deseje este secretariado em moldes ecumênicos;
  - que crie um secretariado cuja função seja de antena sensibilíssima a serviço das pessoas e dos grupos esmagados por qualquer tipo de *opressão... Um secretariado que seja a consciência do mundo, acima, já se vê, de divisões de raças, credos e ideologias;*

<sup>23</sup> Boaventura KLOPPENBURG; Frederico VIER, *Compêndio do Vaticano II*, p. 531.

- que na linha do exemplo prático de presença da Igreja no mundo hoje – depois das viagens, visivelmente inspiradas pela Providência, à Palestina, à Índia e à ONU – anuncie o propósito de atravessar a Cortina de Ferro (claro que a expressão não seria usada), visitando a Polônia.<sup>24</sup>

É interessante recordar que esse interesse de Dom Hélder em que o Papa atravessasse a Cortina de Ferro e chegasse à Polônia concretizou-se no ano de 1979, quando o Papa polonês João Paulo II visitou a sua terra na natal. A respeito disso, Luigi Accattoli escreveu: “Eleito Papa em outubro de 1978, logo manifestou o desejo de visitar a Polônia. A viagem triunfal à sua pátria em junho do ano seguinte repercute como um desafio ao império soviético”<sup>25</sup>.

Essas inovadoras, irreverentes e polêmicas idéias, Dom Hélder apresentava em suas palestras, mundo afora, a religiosos e leigos. Com uma visão diferenciada da maioria dos religiosos, propunha mudanças profundas que abalariam a estrutura da mais tradicional e poderosa instituição religiosa do mundo ocidental. O clero conservador, por essa sua postura, passou a chamá-lo de “bispo comunista”. Ele chegou a afirmar numa época sem data definida que:

Se amando o próximo eu parasse numa linha assistencialista – distribuindo alimentos, vestimenta, remédios, casas – seria tido como criatura extraordinária, como santo [...] Na hora em que vejo que há em nosso continente colonialismo interno e que é indispensável lutar pela promoção humana desses irmãos, a quem um subtrabalho só permite uma subvida: passo a ser tido como subversivo e comunista.<sup>26</sup>

Contra essa acusação, fez as seguintes afirmações: “Não tenho interesse nenhum em fazer o jogo comunista. Mas também não aceito ser escudo e ponta de lança dos capitalismos.”<sup>27</sup>

Na visão de Dom Hélder, ao final do Concílio Vaticano II, apesar da reação e do espaço adquirido pela ala conservadora do clero, algumas decisões lhe deixaram a impressão de que os bispos que defenderam uma Igreja “servidora e pobre” saíram fortalecidos do encontro. Esse grupo de bispos, do qual ele fazia parte, reuniu-se nas catacumbas de Santa Domitila e fez o Pacto das Catacumbas em

<sup>24</sup> *Apud* Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES. *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.322.

<sup>25</sup> Luigi ACCATTOLI, *Karol Wojtyła: O Homem do Final do Milênio*, p. 5.

<sup>26</sup> *Apud* Nelmo Roque Tem KATHEN, *Uma vida para os pobres: Espiritualidade de Dom Hélder Câmara*, p. 62.

<sup>27</sup> Nelson PILLETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o poder e a Profecia*, p. 323.

defesa da “Igreja dos Pobres”, produzindo um “texto pacto” que foi enviado ao Papa Paulo VI.

Dom Hélder mostrou, nesse documento, a sua maneira de pensar e agir. Em suas propostas, sua postura sonhadora se fez presente quando propôs mudanças profundas e significativas nas relações entre o clero e o povo. Para ele, uma Igreja engajada nos problemas sociais, com o intuito de contribuir e solucionar a questão das injustiças sociais, era necessária já que sua missão e, conseqüentemente, do episcopado, é exatamente essa, especialmente nos países do Terceiro Mundo. Boaventura transcreve, em sua obra, o texto Pacto das Catacumbas, cujo redator foi Dom Hélder Câmara:

Nós Bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho; incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós queria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos irmãos do Episcopado contando, sobretudo, com a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis sacerdotes de nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e fiéis de nossas dioceses humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força que Deus nos quer dar a graça [...] Para sempre renunciaremos à aparência e à realidade da riqueza [...] Não possuiremos nem imóveis, nem móveis, nem conta em banco, etc., em nosso próprio nome; se for preciso possuir, poremos tudo em nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativa [...] Cada vez que for possível, confiaremos a gestão financeira e material em nossa diocese à comissão de leigos competentes.<sup>28</sup>

Neste documento ficaram claros os rumos que a Igreja Católica, principalmente a latino-americana, iria tomar num futuro próximo. Dom Hélder, naquele momento, fortaleceu e consolidou a sua liderança no grupo dos bispos latino-americanos defensores da “Igreja dos Pobres”. A atuação desses bispos possibilitou a realização da II Conferência Episcopal Latino Americana em Medellín, na Colômbia, em 1968. Para muitos, uma extensão do Concílio Vaticano II, onde pela primeira vez discutiu-se com profundidade os problemas sociais do continente. O tema geral da conferência foi “Presença da Igreja na Atual Transformação da América Latina”, tendo como tema central “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano”. Esse encontro modificou os rumos da Igreja na América-Latina.

<sup>28</sup> Boaventura KLOPPENBURG; VIER, Frederico (Coord.), *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*, pp. 525-8.

A Conferência de Medellín não foi apenas um fato teológico, mas também histórico. Histórico porque as suas conseqüências foram indubitavelmente decisivas para as transformações políticas e sociais que alguns países iriam sofrer na América Latina. E teológica porque expressa a vida, o sofrimento e a fé de um povo que foi buscar na ação e na fé a sua libertação.

Os cristãos latino-americanos compreenderam, ao longo do caminho que os levou do projeto da Nova Cristandade ao da Libertação Integral, que a situação de subdesenvolvimento é o resultado de um processo, subproduto histórico do desenvolvimento de outros países. [...] Tudo isto despertará uma ação libertadora e uma nova maneira de ser da Igreja, passa-se de uma Igreja comprometida com o *status quo* a uma Igreja dos pobres.<sup>29</sup>

Ao término do Concílio Vaticano II, em novembro de 1965, Dom Hélder fez uma conferência em Roma que teve repercussão internacional. Em suas palavras corajosas transmitia a idéia e a necessidade de se cumprir as decisões tomadas no Concílio. Apenas com o cumprimento das decisões conciliares se construiria uma nova Igreja. No Brasil, a sua relação com os militares ficou ainda mais estremecida, isto porque os seus pronunciamentos nos meios de comunicação eram carregados das idéias produzidas nas inúmeras discussões das quais participou no Concílio. Os militares, cada vez mais, estavam intrigados com o teor de suas mensagens. Em uma palestra após o Concílio Vaticano II Dom Hélder afirmou: “É bom que o bispo entre nas filas e escute o povo”<sup>30</sup>.

Em suas conferências, Dom Hélder deixa explícita a sua preocupação com o mundo subdesenvolvido e demonstra a sua esperança num trabalho da Igreja mais próximo das camadas populares:

[...] a ter bem presentes as indicações conciliares relativas às zonas subdesenvolvidas e à obrigação da Igreja face ao desenvolvimento harmonioso integral. De maneira especial incumbe-nos: estimularmos a cultura popular, sobretudo denunciando o absurdo de tê-la como trilha de comunização; tomarmos posição aberta em favor das Massas que jazem numa situação sub-humana; ajudarmos o desenvolvimento harmonioso e integral do Nordeste, numa perspectiva nacional, continental, de Terceiro Mundo e Mundial.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Ênio José da Costa BRITO, Medellín: Fato Histórico e Teológico, *Revista Espaços*, pp. 152-64.

<sup>30</sup> Nelson PILLETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 326.

<sup>31</sup> Boaventura KLOPPENBURG; VIER, Frederico (Coord.), *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*, p. 147.

Ele mencionava também o problema dos países em desenvolvimento, sufocados pelos países ricos e suas empresas multinacionais. A relação existente entre os países ricos industrializados e os países pobres agrícolas, fornecedores de matérias-primas, era caracterizada, por ele, pela extrema exploração imposta pelos países do Primeiro Mundo; enquanto as relações ocorressem dessa maneira, dificilmente latino-americanos, africanos e parte dos asiáticos conseguiriam sair da condição de povos explorados para satisfazer os interesses das nações capitalistas industrializadas imperialistas. Ao tratar da relação entre países ricos e pobres, opressores e oprimidos, Dom Hélder escreveu em uma de suas obras:

Quem vive em países desenvolvidos e ricos, onde existem zonas cinzentas de subdesenvolvimento e de miséria, se tiver antenas espirituais, ouvirá o clamor silencioso dos sem-vez e sem-voz. E o clamor dos sem-vez e sem-voz é a voz de Deus. [...] Quem é despertado para as injustiças geradas pela má distribuição da riqueza, se tiver grandeza d'alma, captará os protestos silenciosos ou violentos dos pobres. E o protesto dos pobres é a voz de Deus. [...] Quem acorda para as injustiças nas relações entre países pobres e impérios capitalistas ou socialistas, nota que, em nossos tempos, as injustiças já não ocorrem apenas entre indivíduo e indivíduo, ou entre grupos e grupos, mas entre países e países. E a voz dos países injustiçados é a voz de Deus.<sup>32</sup>

Podemos perceber a sua preocupação, no trecho acima, com as injustiças sociais estabelecidas entre os homens, bem como entre as nações, independente dos seus sistemas econômicos serem capitalista ou socialista. Por isso, em sua vida presbiteral, procurou dialogar com todos os grupos sociais e políticos, a fim de que juntos pudessem chegar a resoluções positivas, para diminuir as diferenças sociais, principalmente na América Latina.

Mesmo nas condições mais difíceis e desfavoráveis, onde o diálogo, às vezes, parecia quase impossível, lá estava ele com propostas e disposição para dialogar até a exaustão a fim de que se pudesse chegar a resoluções favoráveis aos excluídos do Terceiro Mundo.

Dom Hélder possuía uma constante preocupação com a exploração sofrida pelos países pobres do hemisfério sul; isso ele deixou transparecer de várias maneiras, dentre elas através da poesia e da música, com a produção da *Sinfonia dos Dois Mundos*:

---

<sup>32</sup> Hélder CÂMARA, *O Deserto é Fértil*, pp. 23-4.

Homem meu, meu Irmão o balanço face ao Ano 2000 do nascimento de Cristo, é terrível. Que fizeste da Ásia? E fizeste da África chão de fogo e de lágrimas? Que fizeste do povo da América Latina oprimido e ferido? [...] América Latina, vila cristã do Mundo pobre, Terra batida, de criança ensolarada. Mas, em breve, o sol vai se esconder. Para não mais se erguer ... Que fizeste?<sup>33</sup>

Estamos convencidos de que seus sonhos estavam diretamente associados à resolução dos problemas sociais que afligiam os povos da América Latina e do Terceiro Mundo como um todo. Dessa situação tirava inspiração para as suas ações coletivas e, de maneira peculiar, canalizava a sua espiritualidade a serviço dos excluídos do planeta. No texto *Dom Hélder, Bispo do Terceiro Milênio*, Comblin escreveu:

O bispo do Terceiro Milênio não se considera uma autoridade na sociedade. Ele tem autoridade para anunciar o Evangelho, mas não para administrar a sociedade, nem para fortalecer a sociedade estabelecida. Não está a serviço da ordem, e, sim, da verdade, ainda que a verdade provoque a desordem. Porque a ordem social não é a finalidade da vida [...]. Dom Hélder recebia visitantes de todos os setores da humanidade, de todas as crenças, de todos os partidos e todas as ideologias, todas as culturas e se sentia à vontade com todos. [...] a maioria das visitas que recebia era de mendigos e pessoas desesperadas pedindo ajuda. [...] O bispo deve ter a porta aberta a todos e não esconder-se por trás das grades psicológicas das cúrias diocesanas e dos antigos palácios episcopais. Dom Hélder foi um profeta porque anunciou o futuro: uma idade nova em que os bispos viverão no meio do mundo, irradiando o Evangelho pelo seu ser e pelas suas palavras. Assim foi o seu ministério episcopal. Nunca quis anunciar esse novo modelo pelo discurso. Anunciou-o antes pelo seu modo de ser e de agir.<sup>34</sup>

Neste texto, Comblin aponta um aspecto importante do modelo de esperança de Dom Hélder: sua maneira de ser e agir estavam acima dos seus discursos. Ele era um bispo aberto ao diálogo com os mais variados setores da sociedade, credos e ideologias. A sua preocupação era apontar os problemas que afligiam os menos favorecidos e encontrar soluções para sanar as injustiças, a exploração, as guerras que assolavam principalmente as populações do Terceiro Mundo.

---

<sup>33</sup> Hélder CÂMARA; Pierre KAELIN, *Sinfonia dos Dois Mundos*. Esta obra foi apresentada pela primeira vez em 1973, na Bélgica, com letra de Dom Hélder e Música de Kaelin. Dom Hélder, nesta poesia, demonstra a sua preocupação com as estruturas injustas, com a miséria, a violência e a repressão. Há um forte apelo pela paz entre as nações e os homens. O principal objetivo da apresentação dessa sinfonia era também conscientizar o mundo, mas principalmente os países ricos, que sem mudanças pacíficas e profundas nos países industrializados, a melhoria nas relações com os países do Terceiro Mundo ficaria cada vez mais difícil de ocorrer. Em consequência teríamos um aumento cada vez maior da fome, da miséria e da violência no mundo. Dom Hélder permaneceu mais de uma década levando através da *Sinfonia dos Dois Mundos* uma mensagem de paz e harmonia para as principais nações do mundo.

<sup>34</sup> Joseph COMBLIN, Bispo do Terceiro Milênio, in: Zildo ROCHA (org), *Hélder, O Dom*, p. 93.

Os momentos mais difíceis e dolorosos, para Dom Hélder, eram quando pessoas o procuravam e contavam que seus familiares – companheiros dele na Operação Esperança – eram seqüestrados e torturados. Ele sempre procurou encorajar e se solidarizar com as famílias, mas sempre ouviu de pais e mães que o Arcebispo estava solto e seus filhos presos e sendo torturados. Nesses momentos tão difíceis ele não se abatia, e tirava de sua fé uma força de esperança. Dessa maneira, ele conseguia, com a sua oratória e com seu testemunho de vida, dialogar com as pessoas e transformar esses momentos tão difíceis num tempo de conversão e, assim, renovar suas esperanças.

Dom Hélder costumava organizar vigílias em áreas em que seus amigos presos trabalhavam como forma de fortalecer as comunidades para enfrentar esses momentos de perseguição política que tanto transtorno trazia às pessoas mais próximas daqueles que sofriam esse tipo de repressão. Essas vigílias passaram a ser momentos de importantes reflexões sobre o que estava acontecendo no país naquele momento. Nas comunidades que envolviam pessoas da Operação Esperança, presas e torturadas, ele criou as vigílias ecumênicas e havia participação também de evangélicos. Ele costumava, também, ir às delegacias de Recife quando alguém lhe informava a respeito da prisão de algum parente ou amigo mais próximo. Frei Betto narra uma passagem curiosa que mostra a habilidade de Dom Hélder em superar situações delicadas:

Seu bispo, a polícia levou nosso pai confundido com um bandido. Estão batendo muito nele.

Dom Hélder compareceu à delegacia:

Seu bispo – exclamou o delegado perplexo – o Sr. por aqui ?

Sim, respondeu Dom Hélder, vim em busca do meu irmão.

Seu irmão!?

Está preso aqui. É o fulano!

O delegado ordenou a imediata libertação do preso.

Mas os Srs, são tão diferentes, observou o delegado, na cor e nome.

Dom Hélder não titubeou, disse a verdade que, talvez, o delegado, não tenha captado:

É que somos filho do mesmo Pai.<sup>35</sup>

Afirmava Dom Hélder:

Dessas vigílias, então, nós saíamos encorajados. É claro que havia medo, porque, afirmo do fundo do coração, nenhum de nós pode dizer como vai reagir diante da

<sup>35</sup> Frei BETTO, *Dom Hélder, um jovem de 90 anos*, in: Zildo ROCHA (org) *Hélder, O Dom*, pp. 47-51.

tortura. Por isso tínhamos de nos encorajar, dizendo: a nossa força não é essa miséria de fraqueza humana. Nossa força é a Sua força, Espírito de Deus. O Espírito falará aos inocentes.<sup>36</sup>

Outros momentos difíceis como esses foram enfrentados por Dom Hélder, com prisões, em condições muito suspeitas, de pessoas ligadas ao Arcebispo. Ele ficava indignado com a maneira repressora e arbitrária que as forças armadas utilizavam para perseguir companheiros da Operação Esperança, ou mesmo companheiros que participavam dos encontros do Movimento de Evangelização. Marcos de Castro relembra que:

Em circular, reproduzida em Informations Catholiques Internationales de 15 de junho de 1975, dizia Dom Hélder: [...] Será que vai voltar o clima de terror do segundo semestre de 1973? Se há crime, por que não usar as intimações oficiais, assinadas pela autoridade competente? Por que não há identificação real dos que prendem, por que não se utilizam eles de veículos oficiais e não comunicam os locais de detenção? [...] Sou um homem de esperança. Mas não quero transmitir ao meu povo esperanças enganadoras [...].<sup>37</sup>

Os sonhos na esperança de Dom Hélder ultrapassaram as questões sociais e políticas, aparecendo também nas questões religiosas, voltadas para o aspecto organizacional da Igreja. Ele acreditava que a Igreja poderia tomar medidas na qual a sua credibilidade aumentaria perante os seus fiéis. Em sua opinião, a Igreja do futuro poderia ser reorganizada a partir da reformulação liderada pelo Papa, e este executar três gestos: fechar o Banco do Vaticano, acabar com os núncios apostólicos espalhados pelo mundo e desfazer-se do Vaticano.

Esta esperança e desejo de transformação, o Arcebispo trazia consigo desde o Concílio Vaticano II e foi reforçada em Medellín. Para ele, essas mudanças não teriam repercussões espirituais, num primeiro momento, mas, sim, estruturais e materiais. Esses três gestos Dom Hélder explicou ao Papa Paulo VI:

Ah, Santo Padre, seria tão bom! Eu sei que o senhor por enquanto não pode. Mas seria uma maravilha se o senhor pudesse fechar o Banco do Vaticano, o Banco Católico do Vêneto, o Banco de Roma e, sobretudo, o Banco do Espírito Santo! [...] De novo quero começar dizendo – repetindo – que sei que o senhor ainda não pode [...] Mas, Santo Padre, o senhor ainda é obrigado a manter o equívoco, me perdoe, de embaixadores em volta do Papa. E mantém núncios apostólicos pelo mundo

<sup>36</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p. 154.

<sup>37</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, pp. 155-6.

inteiro. Ah, pena que o senhor ainda não possa! Mas seria maravilhoso se um dia numa bela missa de Natal, o senhor desse um ciao a seus embaixadores e chamasse de volta a Roma os seus núncios [...] Ah, como seria bom se o senhor pudesse doar o Vaticano para a Unesco, a serviço da cultura mundial! O Vaticano com seus jardins, a sua biblioteca, a sua pinacoteca, que maravilha [...] o senhor, que conhece cada recanto de Roma, descobrir uma casa pequena, uma casa de dimensão humana, que passasse a ser sua nova casa! Uma casa abrindo para uma praça, de tal maneira que o senhor pudesse receber peregrinos do mundo, recebê-los como gente. [...] Como eu gostaria de vê-lo no meio do povo! O povo segurando o Papa, empurrando o Papa, todo mundo dando a mão ao Papa, como com certeza faziam com Cristo. Naturalmente, seus conselheiros dirão que não pode ser, que há perigo até de um atentado. Me perdoe, Santo Padre, mas todas as noites eu peço para que o Papa um dia seja morto. Há tanto tempo que pastor não morre pelas suas ovelhas [...] O Papa respondeu: “Me escreva tudo isso, me escreva tudo isso” – foi a reação imediata e pressurosa de Paulo VI.<sup>38</sup>

Essa sua postura inovadora, fez dele um religioso polêmico, onde as suas opiniões e idéias foram ouvidas e respeitadas por aqueles que o admiravam ou não, dentro e fora da esfera clerical.

Um aspecto importante, que também merece destaque dentro dos sonhos na esperança de Dom Hélder, é a reunião do CELAM, em 1968, em Medellín, na Colômbia. Aquele encontro tornou-se um marco na história da Igreja latino-americana. Podemos afirmar que a partir daquele momento é germinada a semente da Teologia da Libertação<sup>39</sup>, que vai delinear a ação da Igreja nas décadas de 70 e 80 na América Latina. O teólogo Leonardo Boff afirma:

Eu considero Dom Hélder como um dos pais fundadores da Teologia da Libertação, porque foi ele que colocou a centralidade dos pobres desde o começo de sua atividade pastoral. E, ao mesmo tempo, uma reflexão crítica sobre as causas que geram a pobreza e as injustiças. Dessa intuição nasceu a Teologia da Libertação. E é bom que ela tenha nascido de um profeta, porque o profeta intui a profundidade dos problemas e também aponta as saídas verdadeiras para os problemas. É de Dom Hélder a expressão “Libertação Integral”, numa reunião de bispos do CELAM, no Uruguai, foi ele antes que teólogos da libertação, muito antes que os

<sup>38</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, pp. 204-7.

<sup>39</sup> Segundo Frei Betto, em sua obra *Catecismo Popular*, a Teologia da Libertação (TdL) surgiu nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na América Latina, na década de 60. As bases da TdL estão na reflexão de fé dos pobres que está inserida em suas lutas pela libertação. Ela foi sistematizada pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, em 1971. A TdL foi um nova maneira de se fazer teologia, ela marcou a vida da Igreja na América Latina entre 1970-1990. Uma reação mais orgânica à TdL começou já na década de 1980. Para aprofundar a discussão do tema consultar Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da Libertação*; Joseph COMBLIN, *Teologia da Libertação, Teologia Neoconservadora e Teologia Liberal*.

pronunciamentos do Vaticano, nos ensinou que a libertação tem que ser integral, isto é, ela tem que ser econômica, política, social, antropológica e espiritual [...] <sup>40</sup>

Para ele, aquela conferência reunia bispos de vários países da América Latina, oficializada e convocada pelo Papa; representava a continuidade das decisões do Concílio Vaticano II, a confirmação e o fortalecimento do *Pacto das Catacumbas*, onde bispos de todos os continentes, mas principalmente da América Latina, comprometeram-se em construir uma Igreja engajada nas causas dos excluídos, denominada *Igreja dos Pobres*. Mais do que um encontro de bispos eleitos pelas conferências episcopais de seus países, Medellín serviu como denúncia e confirmação histórica de que na América Latina a exploração e o colonialismo interno permaneciam nas relações sociais. Por isso, essa Igreja engajada na causa dos excluídos se fortaleceu na luta contra as injustiças sociais da América Latina. A conscientização e organização das camadas populares passaram a ser o trabalho mais importante da Igreja que tem como objetivo resgatar a dignidade e o respeito do povo latino-americano. Sobre Medellín, Dom Hélder declarou:

[...] Porque nós, aqui desta parte cristã do mundo pobre, nós da América Latina, repetimos aqui as mesmas injustiças que os países ricos cometem com relação aos países pobres. Temos aqui em nosso continente o colonialismo interno. Ricos de nossos países obtêm a própria riqueza esmagando concidadãos. E o grave é que nós, homens da Igreja, padres e, sobretudo, bispos, com as melhores intenções, vivíamos de tal maneira preocupados com a chamada ordem social que nem percebíamos as tremendas injustiças que se escondiam – e ainda se escondem – por trás da pseudo-ordem social, que é muito mais uma desordem estratificada [...] <sup>41</sup>

Beozzo, sobre Medellín afirmou que:

Medellín não repete o Vaticano II. Medellín refaz, num certo sentido, o Vaticano II e, em muitos pontos, dá um passo além: aí emerge pela primeira vez a importância das comunidades eclesiais de base, esboça-se a teologia da libertação, aprofunda-se a noção de justiça e de paz ligadas aos problemas da dependência econômica, coloca-se o pobre no centro da reflexão da Igreja no continente. <sup>42</sup>

<sup>40</sup> Depoimento, gravado e transcrito no original, do teólogo Leonardo Boff, no Congresso da SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – em 26 de julho de 2000, em Belo Horizonte, MG. O depoimento na íntegra encontra-se no anexo III.

<sup>41</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p. 46.

<sup>42</sup> José Oscar BEOZZO, *A Igreja do Brasil: De João XXIII a João Paulo II. De Medellín a Santo Domingo*, pp. 117-8.

Para Dom Hélder, esse encontro foi um divisor de águas para história da Igreja na América Latina. E para ele fica a certeza de que é fundamental que os problemas sociais sejam resolvidos a partir das suas raízes. Para isso, as transformações devem ocorrer com as modificações dos modelos das estruturas. Ele afirmou:

Gosto muito da expressão que nos vem de nossos irmãos franceses: L' Eglise servante et pauvre (A Igreja servidora e pobre). O Santo Espírito nos interpelou, nos convocou. Abriu-nos os olhos sobre o dever de cristãos, sobretudo de pastores, a fim de agirmos como o Cristo que, pertencendo a todos, se identificou com os pobres, os oprimidos, com todos aqueles que sofrem. Começamos a procurar como a Igreja toda, mas em primeiro lugar cada um de nós, poderia ser "servidor e pobre" [...]<sup>43</sup>

Na avaliação de Dom Hélder, Medellín possibilitou o início de uma reparação histórica, pois a Igreja tem uma enorme responsabilidade. Foi a partir daí que começou a se discutir seriamente o problema da exploração dos povos da América Latina. Ele falou em "[...] colonialismo interno termo que lembra o meio rural latino-americano, em grande parte continua em plena Idade Média [...]"<sup>44</sup>.

No Manifesto Evangélico lançado por Dom Hélder na X Reunião do CELAM, em Mar Del Plata, na Argentina, dois anos antes de Medellín, ele afirmou que: "A Igreja está indissoluvelmente ligada a todo esse passado histórico com seus valores, suas autênticas conquistas, seus momentos de apogeu: mas também com seus fracassos, seus contravalores e aberrações [...]"<sup>45</sup>.

Para ele, neste momento a Igreja é convocada para denunciar a exploração sobre os mais pobres, os sistemas opressores e excludentes, que foram construídos sobre o modelo ibérico cristão. E não apenas como uma entidade observadora que emite seu parecer sem nenhum comprometimento *a posteriori*; mas como uma instituição que reconhece sua parcela de responsabilidade e culpa nesse processo histórico.

A partir de Medellín, a ala progressista da Igreja passa a questionar com ênfase os sistemas econômicos e políticos que vigoravam na América Latina. Dom Hélder já atuava aos moldes de Medellín desde 1964, quando foi nomeado

---

<sup>43</sup> Hélder CÂMARA, *Las Conversiones de un obispo*. Conversaciones com José de Broucker, pp.154-5.

<sup>44</sup> Idem, *Presença da Igreja no Desenvolvimento da América Latina*, p. 10.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 7.

Arcebispo de Olinda e Recife, onde ele assumiu definitivamente a causa dos pobres, lutando e sofrendo por essa causa, para ele tão nobre. Essa sua ação e postura lhe outorga ser “a voz dos que não têm voz”. Nesse momento, ele passa a denunciar todo e qualquer tipo de injustiça cometida aos perseguidos políticos, aos menos favorecidos e aos excluídos da sociedade. Essa postura o levou, muitas vezes, a ser acusado, por setores conservadores da Igreja e da sociedade civil, de ser um seguidor do marxismo.<sup>46</sup> Assim Dom Hélder refere-se a Marx:

Se Marx tivesse visto em volta de si uma Igreja encarnada, continuadora da encarnação de Cristo; se tivesse convivido com cristãos que amassem, com atos e de verdade, os homens como expressão, por excelência, do amor a Deus; se tivesse vivido em dias do Vaticano II que assumiu o que de melhor diz e ensina a teologia das realidades terrestres, não teria apresentado a religião como ópio para o povo, e a Igreja como alienada e alienante.<sup>47</sup>

Ainda em relação a Marx e ao marxismo, ele dizia: “[...] penso que Marx nunca pensou em transformar Marx em dogma”<sup>48</sup>. E em outro lugar vemos: “Devemos reconhecer que não há um único tipo de socialismo”<sup>49</sup>.

Seu pensamento estava voltado para a valorização da dignidade humana, a fim de tirar o homem da histórica situação e condição de marginalizado. Por isso, era visto, em alguns setores da Igreja e da sociedade, como um executor da prática marxista e não como um sacerdote. Ele mesmo confirmava: “Lembrava, enfim, que na América Latina era indevidamente acusado de comunista, porque tentava defender os direitos das pessoas vitimadas pelo abuso e violência”<sup>50</sup>.

Ao final deste capítulo, quero mencionar o filósofo da religião Ernst Bloch que disse muitas coisas sobre a esperança, mas duas estão diretamente relacionadas a Dom Hélder, e defendia a idéia de que a esperança poderia ser aprendida. E mais, achava que a esperança era o mais importante aprendizado que um homem obteria na vida. Segundo ele: “[...] o homem esperançoso alarga constantemente seus

---

<sup>46</sup> Marxismo é o conjunto de concepções de Karl Marx e Frederich Engels, que estão embasadas sobre o materialismo histórico e o socialismo científico, constituindo ao mesmo tempo uma teoria geral e o programa dos movimentos operários. O materialismo histórico é a maneira pela qual é possível abolir a filosofia como instrumento especulativo da burguesia e fazer dela instrumento de transformação do mundo a serviço do proletariado. Para uma primeira aproximação com o assunto consultar as obras de José Paulo NETTO, *O que é Marxismo*; e Eric FROMM, *Conceito Marxista do Homem*.

<sup>47</sup> Hélder CÂMARA, *Presença da Igreja no Desenvolvimento da América Latina*, p.6.

<sup>48</sup> José de BROUCKER, *Dom Hélder Câmara: La Violence d' un Pacifique*, p.147.

<sup>49</sup> Hélder CÂMARA, *Universidad y Revolucion Hélder Câmara*, p. 36.

<sup>50</sup> Hélder CÂMARA, *Evangelho com Dom Hélder*, p.171.

horizontes e não tolera uma 'vida de cão'. Sonha com uma vida melhor e luta por consegui-la"<sup>51</sup>.

Para Bloch, a esperança poderia ser também frustrada, isso porque os homens passam por desgraças, desilusões ideológicas, desencantos políticos, repressão, perdas de entes mais próximos por diferentes motivos, o convívio com a violência, mais especificamente a Primeira e Segunda Guerra Mundial, enfim vários fatores que levam os homens a um processo de frustração.

Quando pensamos em Dom Hélder, percebemos que, ao longo de sua vida, mais do que aprender a ter esperança ele ensinou e motivou todos aqueles que tiveram a satisfação e o prazer de conviver com ele a viver com esperança.

Dom Hélder teve também as suas desilusões, em sua vida política e religiosa, mas não foram motivos para perder a esperança que carregava consigo; pelo contrário, essas desilusões o entusiasmavam ainda mais a não se render diante dos problemas. Sua postura o tornou ainda mais digno e ético perante os seus adversários políticos ou religiosos.

Sua esperança teve sempre como único objetivo: lutar pela paz e pela dignidade humana, onde o homem, independente da sua condição étnica, social, econômica, política e religiosa, tivesse os seus direitos, como ser humano, respeitados.

E por fim, não poderia deixar de citar o poema "Evocação a Mariama", onde Dom Hélder demonstra toda a sua preocupação com os excluídos historicamente da sociedade e a sua luta incansável pela paz e harmonia entre os homens e as nações. É latente em suas palavras a esperança constante de que os homens chegarão a sua plenitude respeitando uns aos outros cada um com suas diferenças culturais. "Evocação à Mariama", poema oração de Dom Hélder:

Mariama! Nossa Senhora!  
 Mãe de Cristo e mãe dos homens, Mariama.  
 Mãe de todos os homens de todas as raças, de todas as cores de todos os cantos da terra.  
 Pede ao teu Filho que esta festa não termine aqui.  
 A marcha final vai ser linda de viver.  
 Mas, é importante, Mariama que a Igreja de teu Filho não fique em palavras, não fique em aplausos.

---

<sup>51</sup> Manuel FRAIJÓ, *Fragmentos de esperança*, p. 18. Para aprofundar o tema da esperança em Ernst Bloch ver Otto Johann BAUMGARTL, *Utopia Social: O Pensamento Utópico de Ernest Bloch no Espelho da Realidade Latino-Americana*.

É importante que a CNBB, embarque de cheio na causa dos negros, como entrou de cheio na pastoral da Terra e na pastoral dos Índios.  
 Não basta pedir perdão pelos erros de ontem!  
 É preciso acertar o passo hoje, sem ligar ao que disserem.  
 Claro que dirão, Mariama, que é política, que é subversão, que é comunismo.  
 É evangelho de Cristo, Mariama!  
 Mariama, mãe querida! Problema de negro acaba se ligando com todos os problemas humanos, com todos os absurdos contra a humanidade, com todas as injustiças e opressões.  
 Mariama, que se acabe, mas que se acabe mesmo, a maldita fabricação de armas.  
 O mundo precisa fabricar é paz!  
 Basta de injustiças!  
 De um sem saber o que fazer com tanta terra, e milhões sem um palmo de terra para morar.  
 Basta de um tendo de vomitar para comer mais e 50 milhões morrendo de fome num ano só.  
 Basta de um com empresas se derramando pelo mundo todo, e milhões sem um canto onde ganhar o pão de cada dia.  
 Mariama! Nossa Senhora! Mãe querida!  
 Nem precisa ir tão longe como no teu hino, nem precisa que os ricos saiam de mão vazias e os pobres de mãos cheias...  
 Nem pobre, nem rico!  
 Nada de escravo de hoje ser senhor de escravos amanhã.  
 Basta de escravos!  
 Um mundo sem senhores e sem escravos, um mundo de irmãos, de irmãos não só de nome e de mentira.  
 De irmãos de verdade, Mariama.<sup>52</sup>

Essa postura de Dom Hélder em toda a sua vida levou-o à construção de uma maneira de pensar e agir que se transformou numa prática que podemos chamar de uma *Pedagogia da Esperança*, e que terá uma forte ação e influência na formação de religiosos e pedagogos a partir da década de 50, principalmente na América Latina. Iremos abordar, no próximo e último capítulo, esse aspecto educacional que Dom Hélder deixou como legado à sociedade.

---

<sup>52</sup> Hélder CÂMARA, *Invocação à Mariama*, in: Compact Disc, *Missa dos Quilombos*.

## **CAPÍTULO 4**

### **DOM HÉLDER E A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA**

Neste capítulo não vamos abordar o trabalho de Dom Hélder na educação formal, mas sim como seu modelo de esperança se transformou numa prática pedagógica. Isso porque religiosos brasileiros e latino-americanos, principalmente, tiveram-no como um ícone da Igreja na segunda metade do século XX, sendo que a partir dos anos 1950 passaram a atuar baseados no seu pensamento e prática.

Desde o início de sua vida religiosa, como padre no Ceará e depois como bispo-auxiliar e arcebispo no Rio de Janeiro, até o arcebispado em Olinda e Recife, Dom Hélder sempre exerceu influência sobre aqueles que estiveram ao seu lado. O seu carisma e a sua liderança, natos em sua personalidade, estiveram sempre presentes em sua trajetória de vida.

A sua liderança, na maioria das vezes, foi exercida de maneira democrática, sem nenhum tipo de autoritarismo. Um legado deixado por ele foi a valorização que deu aos grupos, às comunidades: pensava sempre no coletivo, achava que era dessa maneira que a sociedade iria atingir as transformações por ela almejadas.

No começo de sua vida religiosa no Ceará passou a integrar a Ação Integralista Brasileira – AIB (1932–1937), movimento que defendia a criação de um Estado nacional corporativo, católico, anti-liberal, anti-burguês, anti-norte-americano, anti-soviético e anti-comunista. A AIB tinha os seus princípios político-ideológicos baseados no totalitarismo, no autoritarismo e na opressão, seguia como exemplos os regimes totalitários da Europa, o salazarismo português, o franquismo espanhol, o fascismo italiano e o nazi-fascismo alemão.

A participação de Dom Hélder na AIB teve origem no tipo de formação doutrinária e ideológica recebida por ele durante o período em que foi seminarista em Fortaleza (1923-1931). Ele sempre afirmou que o seminário foi importante na sua formação de sacerdote, mas reconhecia também que o seminário não lhe deu uma visão social ajustada ao seu tempo. Com isso, o integralismo na sua vida foi resultado de uma visão errônea que lhe foi transmitida no seminário. Assim afirmou Dom Hélder:

Eu saí do seminário com uma convicção clara: o mundo ia dividir-se cada vez mais entre capitalismo e comunismo. Então, a mim me parecia que dos males o menor. E como o comunismo era apresentado como intrinsecamente mau, sendo materialista, e o capitalismo, que podia ter seus defeitos, ao menos não era tão perigoso assim, optei pelo menos mau. Mas, hoje, quanto mais eu medito no capitalismo – embora não tenha nenhuma ilusão quanto ao que seja a prática do comunismo na Rússia e na China –, mais reconheço que um sistema econômico, qualquer que seja o nome que venha ter (porque hoje há capitalisms, é importante acentuar o plural), que coloque o lucro como preocupação dominante e às vezes até, pode-se dizer, como preocupação exclusiva, este é também um sistema intrinsecamente materialista, desumano.<sup>1</sup>

Para um jovem sacerdote, como era o seu caso, o integralismo foi importante na medida em que ele, saindo do seminário cheio de sonhos e ideais, queria construir um mundo melhor e mais justo para homens, mulheres e crianças. E como muitos jovens, ele foi atraído pela força da propaganda do anticomunismo da época, e que ficou ainda mais intensa pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no chamado período da Guerra Fria (1945-1989). Ele relembra uma explicação sobre o comunismo quando seminarista:

Certa vez um líder católico, homem muito sincero, foi fazer uma conferência aos seminaristas de Fortaleza, querendo transmitir-lhes um horror sagrado ao comunismo e nos disse – imagine que ingenuidade, coisa ridícula – que nada se poderia esperar de um regime que tem como símbolos a foice, usada pela morte para ceifar vidas, e o martelo, símbolo da destruição.<sup>2</sup>

Dom Hélder lamentou várias vezes, ao lembrar que chegou a considerar comunista e discordar das idéias de um educador como Anísio Teixeira.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p.58.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p.59.

<sup>3</sup> Anísio Spínola Teixeira (1900-1971), importante educador brasileiro do século XX, criador de uma prática pedagógica baseada nas idéias do pedagogo Dewey, denominada Educação Progressiva. Foi

A saída de Dom Hélder da AIB esteve diretamente relacionada com o contexto histórico e político daquele momento. Em novembro de 1937, o então Presidente da República, Getúlio Vargas, articulou e impôs um golpe político, cujas conseqüências foram o fechamento do congresso, o cancelamento das eleições presidenciais e a criação do Estado Novo. A partir daí temos a dissolução da AIB, o que inviabilizou a militância de Dom Hélder no integralismo.

Neste momento, ele já percebia que as concepções autoritárias e conservadoras daquele catolicismo, herdado do seminário, estavam “fora de lugar”. Temos, a partir daí, o início de sua conversão à democracia e a elaboração de um processo de construção de uma Igreja com uma maior participação dos leigos e preocupada com as questões sociais. Além disso, a partir de então, através de suas idéias e ação, ele construiu o que nós vamos chamar de uma *pedagogia da esperança*.

Esta sua conversão se deu a partir do contato do sacerdote com o pensamento do filósofo francês Jacques Maritain, intermediado pelo sociólogo e escritor Alceu Amoroso Lima, ex-simpatizante do integralismo. Foi ele a pessoa que mais o influenciou em sua mudança de pensamento.

Na leitura da obra *Humanismo Integral*, indicado pelo amigo Alceu, Dom Hélder deixou-se influenciar pelas idéias de Maritain, incentivado também pela condenação do Papa Pio XI pelo nazismo e pelas dificuldades que a Igreja começava a encontrar no relacionamento com os fascistas na Itália. Gabaglia descreve como o nazismo e o fascismo foram vistos, no Brasil, na segunda metade da década de 1930:

A luta contra o Cristianismo tornara-se patente e odienta. Os compromissos da Concordata não são mais respeitados. As atividades apostólicas do Clero e das organizações católicas são acoimadas de políticas e ferreamente reprimidas [...] Contra os desdobramentos aberrantes do nazismo, o Santo Padre não se cansa de protestar [...] No Domingo da Paixão, 14 de março de 1937, após uma conferência com os três cardeais alemães e os bispos de Berlim e Munique reunidos no quarto do Papa enfermo, Pio XI lança a Encíclica *Mit bremender Sorge* que condena a doutrina racista [...] A indignação nazista mede-se pela violência dos ataques

---

o autor intelectual do projeto da Universidade de Brasília, da qual foi o primeiro reitor. Ele defendia a necessidade de adaptar a educação às diversidades sociais, fazendo dela um instrumento de mudança e progresso. Para um maior aprofundamento sobre o educador consultar as suas obras: *Educação Progressiva* (introdução à filosofia da educação inspirada em Dewey e outros pensadores norte-americanos e ingleses) (1932); *A Educação e a Crise Brasileira* (1956); *Educação não é Privilégio* (1957).

jornalísticos à Igreja, à pessoa do Papa e do seu Secretário de Estado. No entanto, forma-se o Eixo Roma-Berlim e o Santo Padre vê com desolação a Itália contaminada pelos fanatismos doutrinários de sua aliada. A 3 de maio de 1938, Hitler é recebido triunfalmente em Roma. A capital italiana em delírio enche-se de cruzes gamadas. Pio XI manda apagar todas as luzes do Vaticano e retira-se para Castelgandolfo. Parece-lhe uma blasfêmia ver hasteadas, em Roma, naquela data litúrgica de 2 de maio, as insígnias de uma “cruz inimiga da verdadeira Cruz”.<sup>4</sup>

Na obra *Humanismo Integral*, Maritain propunha que houvesse a reconciliação entre o catolicismo e a democracia, e a total condenação dos regimes totalitários – tanto de esquerda quanto de direita. É nessa fonte que Dom Hélder começou a beber seus primeiros goles de democracia e construir um conjunto de práticas que se tornaria um modelo pedagógico nos anos 60 e 70. Piletti e Praxedes escreveram sobre o *Humanismo Integral* de Maritain:

Maritain defende uma “nova vida cristã para o mundo”, em que predomine a democracia e seja respeitado o pluralismo político e religioso. Tanto fiéis como infiéis devem “participar de um mesmo bem comum temporal”, devendo ser preservada a liberdade dos indivíduos e dos grupos, pois, a seu ver, “a sociedade não é composta somente de indivíduos, mas das sociedades particulares por eles formadas, e uma cidade pluralista reconhece a estas sociedades particulares uma autonomia tão alta quanto possível”.<sup>5</sup>

Naquele momento, as idéias de Maritain vão de encontro ao pensamento do integralista Dom Hélder. Contudo, há um acentuado antagonismo entre as idéias de Maritain e o pensamento de Dom Hélder quando jovem, que escreveu no jornal *O Nordeste*, em 1934:

[...] uma vez organizado o Estado integral este não poderá permitir que se formem fora do seu círculo de ação quaisquer forças de ordem política, social ou econômica que o possam ameaçar. Nesta esfera da vida nacional, tudo deve ser controlado e orientado pelo Estado integral.<sup>6</sup>

Sem sombra de dúvidas, podemos afirmar que seu encontro com o pensamento de Maritain, através das obras *Humanismo Integral* e *Cristianismo e Democracia*, foi um divisor de águas em sua vida. De maneira paulatina, ele incorporou em seu cotidiano as propostas de Maritain baseadas num “novo estilo de santidade”, onde a força, a agressividade e a coação deram lugar à penitência, à

<sup>4</sup> Laurita GABAGLIA, *O Cardeal Leme*, pp. 374-5.

<sup>5</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.139.

<sup>6</sup> Hélder CÂMARA, *O Nordeste*, apud Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES. *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.139.

simplicidade e à pobreza, criando, assim, uma “nova ordem social cristã”. Maritain, em sua obra *Cristianismo e Democracia*, diz que:

Não se pode mudar à vontade os nomes pelos quais gerações de homens sofreram e esperaram. O problema não é encontrar um nome novo para a democracia, e sim descobrir sua verdadeira essência e realizá-la. O problema é passar da democracia burguesa, ressecada por suas hipocrisias e pela falta de seiva evangélica, a uma democracia inteiramente humana, da democracia falida à democracia real.<sup>7</sup>

Não podemos deixar de salientar o momento histórico vivido por Dom Hélder nos anos finais da Segunda Guerra Mundial. A derrota dos regimes totalitários estava delineada e os ares da democracia expandiam-se pelos quatro cantos do mundo. No Brasil, o Estado Novo sofreu as conseqüências do novo realinhamento das forças mundiais, sendo extinto ao final da Segunda Guerra Mundial.

Nesse momento, Dom Hélder não mais compactua com as idéias fascistas defendidas pelo extinto integralismo de Plínio Salgado, perspicaz e dotado de uma fina sensibilidade, percebe as transformações políticas e ideológicas que estavam acontecendo no Brasil e no mundo. Ele também sofreu a influência de grupos e movimentos em favor da democracia dos direitos humanos, além da sua empolgação com o pensamento de Maritain:

[...] a ação católica deve encaminhar para a ação política e preparar a solução dos problemas sociais, na medida em que lhe pertence formar, no seio de suas comunidades temporais respectivas, católicos verdadeira e inteiramente instruídos da doutrina comum da Igreja, em matéria social, notadamente capazes de insuflar na vida uma inspiração autenticamente cristã.<sup>8</sup>

Piletti e Praxedes apresentam trechos de um discurso de Dom Hélder em 1944, numa cerimônia de formatura em que foi paraninfo, na Faculdade Católica de Filosofia, onde ele mostra a sua nova maneira de pensar:

[...] depois de avaliar que estava afastada “a hipótese de uma vitória nazista sobre o mundo” e de que as democracias venceriam “lado a lado com a Rússia Soviética”, pedia que os cristãos evitassem “o farisaísmo de julgar que nós burgueses representamos a ordem social e a virtude, ao passo que os comunistas encarnam a desordem, o desequilíbrio e o desencantamento das forças do mal” e completou: “nós também temos nossas falhas e nossos pecados [...] pois encobrimos injustiças sociais gritantes com esmolas generosas e espetaculares”.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Jacques MARITAIN, *Cristianismo e Democracia*, p.25.

<sup>8</sup> Idem, *Humanismo Integral*, pp. 259-60.

<sup>9</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.158.

Na segunda metade dos anos 40, o Brasil passava por uma fase de transição política e social, muitas pessoas saíam do campo para trabalhar nas indústrias das grandes cidades. O Partido Comunista Brasileiro ganhava força política diante da classe trabalhadora urbana. Esses fatores provocaram, de certa maneira, uma crise na Igreja Católica, devido à perda de fiéis em função do êxodo rural, com o agravante que nas grandes cidades o catolicismo tinha que concorrer com outros credos: o protestantismo, o espiritismo e a umbanda. Com isso a hierarquia da Igreja Católica foi obrigada a analisar aquele momento e rever as suas práticas se quisesse ainda manter a sua hegemonia como a principal religião do país.

O processo de reorganização da Igreja Católica começou a partir da Semana Nacional de Ação Católica, em 1946, organizada por Dom Hélder, bispo-auxiliar da cidade do Rio de Janeiro. Mas isso se acentua após o evento da II Semana Nacional de Ação Católica realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1947, quando os bispos presentes convidaram-no a assumir o cargo de vice-assistente nacional da Ação Católica. Dom Jaime fez a nomeação de Dom Hélder:

Atendendo às necessidades da Ação Católica e as qualidades que ocorrem na pessoa do Revmo. Monsenhor Câmara, havemos bem nomeá-lo Vice-Presidente Nacional da Ação Católica, visto que nessa nomeação, que ora tornamos pública, estão de acordo os Exmos. Revmos. membros da Comissão Episcopal da ACB. Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1947, Jaime, Cardeal Câmara. Presidente da Comissão Episcopal e Presidente Nacional da ACB.<sup>10</sup>

É importante lembrar que a Ação Católica Brasileira (ACB) foi um movimento controlado pela hierarquia da Igreja e fundado pelo cardeal Leme em 1935, que tinha naquela época o objetivo de formar leigos para colaborar com a missão da Igreja: “salvar as almas pela cristianização dos indivíduos, da família e da sociedade”, missão da época de sua fundação.

O objetivo principal da Semana Nacional de Ação Católica foi reunir bispos, sacerdotes e leigos a fim de discutirem “os problemas que extrapolavam a dimensão das dioceses”, e serviu também para a se fazer a renovação, a reorganização da coordenação do apostolado dos leigos da Ação Católica. Daquele momento em diante, Dom Hélder passou a mostrar a sua capacidade de organização, liderança e objetividade. Ele montou uma equipe composta, principalmente, de mulheres – já

---

<sup>10</sup> *Revista do Assistente Eclesiástico*, 1947, n.1, p.7. Esta revista foi criada por Dom Hélder em 1949 quando de sua ação como assistente geral da Ação Católica no Rio de Janeiro.

participantes da Ação Católica – que voluntariamente se engajaram nos trabalhos dessa nova fase da Ação Católica. A primeira demonstração de eficiência dessa equipe foi a elaboração da *Revista do Assistente Eclesiástico*, muito útil para a articulação da Ação Católica.

Nesta fase, a Ação Católica sofreu uma intensa influência das concepções do padre belga Jose Cardjin, fundador da Juventude Operária Católica (JOC) e criador da trilogia “ver, julgar e agir”, pois, para ele, “sendo o homem em grande parte fruto do meio, não há reforma espiritual profunda dos indivíduos sem concomitante reforma do meio em que vivem e trabalham.”<sup>11</sup> Essas concepções de Cardjin levou o padre José Távora a fundar, na Arquidiocese do Rio de Janeiro, a Juventude Operária Católica (JOC).

Através do processo de consolidação dessa nova postura da Ação Católica, Dom Hélder começava a aparecer no cenário nacional como uma figura de destaque na Igreja. Ele defendia que o catolicismo tivesse uma maior responsabilidade social e não apenas se preocupasse com as questões espirituais; mas, para isso, ele precisava e defendia uma maior participação dos leigos, que deveriam atuar também no seu trabalho, na escola e nos seus espaços sociais. Aqui ele já demonstra a sua preocupação na criação de uma ordem social mais justa e voltada para o coletivo.

Na própria hierarquia da Igreja, antigos militantes da Ação Católica discordavam e faziam severas críticas a essa nova proposta de se abrir mais espaço para a participação dos leigos na organização das atividades sociais proposta pela Igreja.

As concepções de Maritain e Cardjin foram sendo assimiladas e incorporadas por Dom Hélder nas atividades da Ação Católica Brasileira de maneira que em pouco tempo suas idéias foram difundidas em várias partes do Brasil. Para ele, era fundamental atingir as camadas mais jovens da população com essas novas idéias, pois dessa maneira ele garantiria o fortalecimento da Igreja que, naquele momento, enfrentava uma condição desfavorável devido à presença de outras religiões e ao crescimento do Partido Comunista do Brasil. Esse processo de renovação da Ação Católica culminou num encontro organizado por ele, que teve o apoio da Comissão Episcopal da ACB: a IV Semana Nacional do Movimento, que ocorreu na cidade do

---

<sup>11</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES. *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 165. Para uma visão de conjunto da vida e obra de Jose Cardjin ver A. J. BIRK. *Um Mundo a construir*.

Rio de Janeiro, em junho de 1950, postulava uma reformulação estatutária da Ação Católica Brasileira. Por que Dom Hélder defendia uma reforma do estatuto da ACB?

Dentro da nova mentalidade criada a partir das suas idéias para ACB, propunha-se a criação de movimentos específicos para que pudesse haver a participação dos leigos e, conseqüentemente, um maior dinamismo do clero na busca de resolução para os problemas sociais que afligiam a sociedade brasileira, principalmente os mais necessitados. Laurita Raja Gabaglia escreve sobre a nova estrutura da ACB:

Desapareceram as quatro organizações fundamentais e foram substituídas pelas chamadas “estruturas”, correspondentes às principais mentalidades ou meio nos quais [...] se agrupam os homens modernos: os meios agrário, operário, burguês ou independente e estudantil ou intelectual. Essas estruturas formaram a Ação Católica Especializada, e da Ação Católica em geral passaram a fazer parte todas as associações católicas de piedade e apostolado.<sup>12</sup>

Como resultado dessa reestruturação e reformulação da Ação Católica temos a criação dos grupos específicos nos quais os leigos passaram a atuar – na Juventude Operária Católica que já existia e incorporou-se a ACB –, e as demais – a Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Agrária Católica (JAC) e a Juventude Independente Católica (JIC). E, em segundo lugar, a consolidação da ACB como um modelo de prática democrática na Igreja e nos grupos específicos de atuação, que tinham como objetivo construir uma sociedade mais justa, fraterna e humana.

Com essa nova organização da Ação Católica, Dom Hélder demonstrou a sua capacidade de fazer mudanças inovadoras e dar um rumo à missão da Igreja, além de vir no apostolado dos leigos algo positivo para o fortalecimento da Igreja como também a possibilidade de realizar trabalhos mais efetivos direcionados às questões sociais.

A intensa atuação de Dom Hélder na Ação Católica levou-o a iniciar um processo de discussão com as autoridades eclesiais a fim de convencê-las a pensar na criação de uma organização do episcopado brasileiro. O resultado dessa

---

<sup>12</sup> Laurita R. GABAGLIA, *O Cardeal Leme, apud Walter PRAXEDES, Dom Hélder Câmara e a Educação Popular no Brasil*, p.79

discussão foi a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), assunto já abordado no primeiro capítulo.

A partir da fundação da CNBB, ele, através do seu cargo de secretário geral somado à sua experiência na área da educação, fez com que a entidade estivesse constantemente presente nas discussões relacionadas à educação.

Havia uma diferença naquilo que ele pensava a respeito de educação para o Brasil em relação à Associação de Educação Católica (AEC). A AEC defendia os interesses das escolas católicas particulares. Enquanto representante do episcopado brasileiro, Dom Hélder deveria defender os interesses da Igreja e, assim, apoiar de maneira incondicional o ensino privado e elitista das escolas religiosas.

Apesar da responsabilidade como diretor de uma entidade que representava os interesses da Igreja Católica, ele não deixava de pensar e defender idéias e projetos nos quais acreditava. Para a educação, defendia um projeto no qual o acesso ao conhecimento fosse algo popular, a fim de que pudesse atingir as camadas carentes que viviam principalmente nas áreas rurais.

Em 1963, em solenidade no Ministério da Educação, na qual se apresentava o Plano Nacional de Educação para o período de 1963-1970, elaborado pelo educador Anísio Teixeira, combatido pela ala conservadora da Igreja, que solicitou ao governo a sua exoneração do cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), Dom Hélder, ainda secretário geral da CNBB, mostrou sua personalidade e firmeza de opinião, como descreveu o escritor Josué Montelo, que vivenciou aquele momento:

Na solenidade, Dom Hélder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro e membro do Conselho Federal de Educação, pede a palavra, e louva o plano, e apóia Anísio, calidamente, desasombradamente. Anísio Teixeira, a dois passos de mim, ouve com emoção as palavras de Dom Hélder. Tem um brilho feliz nos olhos contraídos, seu rosto moreno resplandece. E eu, daí a momentos, ao cumprimentar Dom Hélder: “Sou testemunha da emoção de Anísio com o seu discurso.” E Dom Hélder, ao pé da minha orelha: “Só eu sei quanto me pareço com Anísio.”<sup>13</sup>

Como secretário geral da CNBB, ele tinha que defender, de certa maneira, os interesses da ala conservadora da Igreja. Mas foi ele um dos mais importantes incentivadores do Movimento de Educação de Base (MEB) – idealizado por Dom José Távora, grande amigo de Dom Hélder – organizado pela CNBB e financiado

---

<sup>13</sup> *Apud* Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.270.

pelo governo federal. Pela primeira vez, através da CNBB no MEB, a Igreja se viu envolvida num projeto de educação popular, o que foi muito importante para o processo de alfabetização e conscientização da população rural brasileira na década de 60.

A origem do MEB se deu a partir de uma experiência realizada pelo bispo auxiliar de Natal, Dom Eugênio Sales que, com o apoio da Ação Católica Brasileira, criou a Emissora de Educação Rural de Natal. O trabalho de alfabetização realizado por esse programa educacional atingiu resultados positivos e o programa foi estendido a outras cidades do Nordeste. Quando Dom José Távora<sup>14</sup> se tornou bispo de Aracaju, planejou transformar aquele programa radiofônico num projeto nacional de educação para trabalhadores rurais no Nordeste, daí nasceu o MEB. Dom Hélder e Dom Távora foram os dois principais religiosos do Nordeste a convencer o presidente Jânio Quadros a acreditar na proposta e autorizar o governo a financiar o projeto de educação básica.

Apesar do MEB ter sido organizado pela CNBB com apoio do governo federal, através do Ministério da Educação, sua independência e liberdade filosófica e pedagógica foi mantida até 1964 e, assim, eles conseguiram realizar os seus projetos e traçar os seus objetivos. O MEB defendia uma pedagogia voltada para a educação integral, principalmente dos trabalhadores rurais, e não apenas à sua alfabetização. Este trabalho pedagógico esteve atrelado à proposta da Ação Católica Brasileira que tinha como principal objetivo o desenvolvimento da *consciência política, social e religiosa* do estudante trabalhador. Esse processo de conscientização se deu através da valorização da oralidade e dos costumes de cada comunidade a fim de que os trabalhadores pudessem entender a realidade que os cercava e, a partir daí, transformá-la através de uma ação coletiva. O título de uma das cartilhas do MEB traduzia a sua pedagogia: “Viver é lutar”.

Um fato que mostrou a importância de Dom Hélder para a consolidação do Movimento de Educação de Base, foi a lembrança do relator do documento oficial do Comitê Nobel do Parlamento da Noruega, quando avaliou a possibilidade de condecorá-lo com o Prêmio Nobel da Paz entre 1970 e 1974. Afirmou Jacob Sverdrup:

---

<sup>14</sup> Dom José Vicente Távora, arcebispo católico brasileiro da arquidiocese de Aracaju desde 1960. Pioneiro nas experiências de educação de adultos através das escolas radiofônicas em seu Estado e presidente do movimento de Educação de Base (MEB) desde o seu início.

[...] deve-se mencionar o grande programa de educação de adultos, onde Hélder Câmara figura como protagonista. Iniciado esse programa no Nordeste brasileiro, foi o mesmo sancionado pela Igreja, e Câmara foi chamado a negociar com as autoridades, a fim de obter subvenção oficial [...] O programa contava com a subvenção do Estado e a benção da Igreja mas tomou, aos poucos, um rumo que despertou reação das autoridades e criou dissensão dentro da Igreja. A elaboração do programa demonstra bem a filosofia de Câmara. O ensino era apenas um meio para tornar os alunos membros cientes e ativos da sociedade. Esse despertar social foi guiado num certo sentido para libertar o povo das forças que o oprimiam. Através do ensino, o povo deveria ser ativado para um processo de desenvolvimento social [...]<sup>15</sup>

Em síntese, Dom Hélder defendia uma educação popular através do MEB, embasada na **conscientização** – processo pedagógico de cunho político que possibilita às pessoas tomarem consciência de serem cidadãos livres, sujeitos de direitos e deveres individuais e sociais – e na **esperança**, mola precursora geradora do processo de transformação de uma sociedade. Paulo Freire descreve a origem do termo conscientização:

Na América Latina e nos Estados Unidos acredita-se que fui eu o homem quem criou esta palavra, mas a verdade é outra: ela nasceu de uma série de reflexões que uma equipe de professores desenvolveu no ISEB (Instituto Superior de Estudos do Brasil), instituto que estava associado ao Ministério da Educação Nacional e que foi criado depois da chamada Revolução Libertadora do Brasil, em 1964. A palavra foi criada por um dos professores daquela equipe. (...) e foi precisamente no ISEB que escutei pela primeira vez a palavra conscientização, e ao ouvi-la logo percebi a profundidade de seu significado, pois estava absolutamente convencido de que a educação como prática de liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação até a realidade<sup>16</sup>.

A difusão do termo se deu com Dom Hélder: “foi D. Hélder Câmara que se encarregou de difundi-la e de traduzi-la em inglês. Assim, pela influência de Dom Hélder Câmara, mais que pela minha, a palavra entrou na Europa e nos Estados Unidos”<sup>17</sup>. No âmbito da Igreja, ele foi um grande interlocutor de Paulo Freire, através da obra *Pedagogia do Oprimido*, exercendo ampla influência na sociedade brasileira. Considerou que essa obra era: “[...] de alcance decisivo para se obter a

<sup>15</sup> Jacob SVERDRUP, *Relatório sobre Dom Hélder*, p.XIV. Sverdrup, doutor em filosofia e professor da Universidade de Oslo, foi consultor do Comitê Nobel em 1970.

<sup>16</sup> *Apud* Francisco de Assis S. ALFENAS, *Paulo Freire e Medellín: a Construção de uma Pedagogia Libertadora*, pp.51-2.

<sup>17</sup> *Apud* Francisco de Assis S. ALFENAS, *Paulo Freire e Medellín: a Construção de uma Pedagogia Libertadora*, p.52.

medida adequada de conscientização, evitando que o oprimido de hoje se transforme no opressor de amanhã”<sup>18</sup>.

Paulo Freire, que nutriu profunda admiração por Dom Hélder, dele afirma: “[...] gente que eu posso dizer que não era assistencialista. Gente que era progressista, gente comprometida. Comprometida com os pobres [...]”<sup>19</sup>. E nada era e é mais digno em uma sociedade do que o cidadão ter a esperança, através do conhecimento e da conscientização, da possibilidade de transformar, de modificar coletivamente a sua realidade e construir uma nova sociedade. Dessa maneira, esse cidadão estará sendo o agente da sua história e da história da sua comunidade, estado ou país.

As práticas pedagógicas do MEB atingiam religiosos, leigos e o povo, convidando-os a construir uma nova sociedade. Afirmou Luís Eduardo Wanderley, sobre as atividades do MEB que redefiniu “[...] a atuação prática dos cristãos na sociedade brasileira [...] Os leigos assumiram novas tarefas, trouxeram reflexões teóricas e teológicas para o interior da Igreja no Brasil e introduziram a questão política de maneira aguda, que iria reacender nos anos pós-70”<sup>20</sup>.

Foi a partir da consolidação do MEB, entre os anos de 1961-1964, que a Igreja se viu envolvida na criação do que podemos chamar de *Igreja Popular*, onde os seus resultados diretos foram a criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), as comissões pastorais e os projetos sociais alternativos. Essa Igreja popular, que segue as propostas vindas do grupo da “Igreja dos Pobres”, formada no Concílio Vaticano II, onde a prioridade são os excluídos.<sup>21</sup>

Neste aspecto, Dom Hélder foi um dos principais precursores da construção de uma Igreja engajada social e politicamente na causa dos pobres, dos injustiçados e excluídos. E através de sua ação na CNBB começou-se, a partir da década de 60,

---

<sup>18</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.410.

<sup>19</sup> Celso Rui BEISIEGEL, *Política e Educação Popular*, p.35.

<sup>20</sup> Luís Eduardo W. WANDERLEY. Educar para Transformar: Educação Popular, Igreja Católica e Política no Movimento de Educação de Base, *apud* Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.271.

<sup>21</sup> Para uma compreensão da gênese da “Igreja Popular” ver Sérgio TORRES (Org.) *A Igreja que surge da Base* (Eclesiologia das Comunidades Cristãs de Base). Esse texto recolhe as conferências do IV Congresso Internacional Ecumênico de Teologia realizado em São Paulo, em 1980. O Congresso reuniu teólogos e teólogas da América Latina. Ver, também, Leonardo BOFF, *Eclesiogênese. As Comunidades Eclesiais de Base reinventam a Igreja*; Gustavo do Passo CASTRO, *As Comunidades do Dom: Um Estudo de CEB's no Recife*.

a se construir uma Igreja onde termos como “conscientização”, “libertação”, “emancipação” e “consciência crítica” faziam parte do vocabulário e da prática do catolicismo brasileiro.

Por volta de 1967, a Igreja Católica passa por um momento histórico relevante, devido aos resultados do Concílio Vaticano II, reforçado pela encíclica *Populorum Progressio*. Neste contexto, Dom Hélder ficou conhecido pelas autoridades eclesásticas e leigas do catolicismo como um dos principais articuladores das transformações propostas para a Igreja. Devido ao seu destaque nos bastidores do Vaticano, como salientamos anteriormente, ele começou a ser convidado a participar de encontros, palestras e conferências em vários países do mundo; teve início, então, a trajetória de conferencista internacional do Arcebispo de Olinda e Recife.

Tínhamos, na segunda metade da década de 60, uma situação contraditória: a hierarquia católica e leiga progressista, estudantes, trabalhadores e militantes de esquerda do mundo queriam conhecer suas idéias, ouvir seu discurso transformador e a sua proposta educacional conscientizadora. E, no Brasil, as autoridades eclesásticas conservadoras e os militares entendiam o seu discurso como algo subversivo, capaz de fomentar, na sociedade, o descontentamento com o atual regime político e a situação sócio-econômica do país, e levar essa mesma sociedade a um processo de rejeição do *status quo* e de mobilização para promover movimentos que defendessem práticas socialistas.

Em suas conferências no Brasil e em outras partes do planeta, Dom Hélder não se limitava aos assuntos de cunho religioso e espiritual, abordava também problemas políticos, sociais, educacionais e econômicos do mundo contemporâneo. Participou de centenas de conferências e palestras. A indicação de alguns títulos revelam a atualidade e riqueza dos temas abordados por ele: na solenidade de formatura na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, 1966, *Superação do Colonialismo Interno*; conferência em Buenos Aires, 1966, *Presença da Igreja no Desenvolvimento da América Latina*; discurso no lançamento do Manifesto da Ação Católica Operária, em Recife, 1967, *Nordeste, Desenvolvimento Sem Justiça*; conferência em Milão, 1967, *Recife e Milão, Irmãos em Responsabilidade em Face do Desenvolvimento*; conferência em São Paulo, na Pontifícia Universidade Católica, 1967, *Imposições da Solidariedade Universal*; conferência em Montreal, 1970, *Projetos de Desenvolvimento e Preocupação com*

*Mudanças Estruturais*; conferência ecumênica sobre a Guerra do Vietnã, em Kansas City, 1972, *Se Queres a Paz, Trabalha pela Justiça*; Prece Ecumênica em Recife, 1973, *Responsabilidade dos Cristãos em Face do Mundo de Hoje*; e a Palestra em Lima, 1975, *Conflitos Sócio-Políticos na América Latina: Situação Atual e Perspectivas, de um Ângulo Pastoral*.

Para Dom Hélder, os problemas que afligiam o planeta estavam diretamente relacionados com a bipolaridade mundial, mas não apenas a bipolaridade ideológica, capitalismo e socialismo; mas também com a exploração dos ricos sobre os pobres, independente do sistema político ou econômico existente nas nações. Para ele, enquanto essa desigualdade existisse não haveria justiça e paz entre os homens. Apresentou essa idéia a governantes e religiosos de todo o mundo, independente da ideologia ou credo, na esperança de envolvê-los num processo de mudanças. Ele afirmava que sua missão era ajudar a humanidade na busca do “desenvolvimento integral”, que envolvia um trabalho simultâneo em várias frentes:

Frente Pessoal: Conscientizar os seres humanos para que combatessem “a presença permanente e insidiosa do egoísmo” em si mesmo;

Frente Local (na Diocese, na Cidade e no Estado ): “Viriam colocações sobre o esforço de promoção humana, de conscientização das massas, a ajudar para que se tornem povo”, a exemplo do trabalho que tentava realizar por meio da Operação Esperança;

Frente Regional: dada as especificidades da região Nordeste, seu trabalho seria convencer a sociedade civil e as autoridades governamentais sobre a importância de uma “planificação global para a região, a exemplo do que era tentado na SUDENE, porém evitando o que se chamava “desvirtuamento do órgão”, que o levava a promover o crescimento econômico – “tornando os pobres mais pobres e os ricos mais ricos” – em não um desenvolvimento com justiça;

Frente Nacional: a luta seria por mudanças estruturais, por intermédio da promoção das reformas de base e pela integração entre várias regiões do país;

Frente Continental: “pronunciamentos sobre o desenvolvimento e a integração da América Latina, sem imperialismos externos nem internos”, e a busca de uma relação de amizade e igualdade com os Estados Unidos;

Frente do Terceiro Mundo: alertar a humanidade sobre suas responsabilidades diante da miséria e da opressão existentes na América e na Ásia;

Frente Internacional: denunciar os imperialismos capitalistas e socialistas, responsabilizando-os pelas injustiças no Terceiro Mundo, em razão das relações de exploração existentes no comércio internacional<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.367.

O que Dom Hélder pretendia, em suas conferências nos cinco continentes era: “a mobilização simultânea de milhões e milhões de pessoas que, no mundo inteiro, amam a paz e têm sede, por vezes inconsciente, da verdade, do belo e do bem”, para “levar o mundo a uma civilização harmônica e solidária”<sup>23</sup>.

Para ele, havia alguns aspectos que deveriam ser olhados com mais atenção, que ele chamava de “principais campos de ação” nos quais se deveria atuar no mundo contemporâneo. Dessa maneira, ele realizou uma síntese desses campos. Em relação aos líderes espirituais se confia o encargo:

- a) nos países desenvolvidos: de levar à convicção de que não haverá paz sem justiça e de que o desenvolvimento é o novo nome da paz;
- b) nos países subdesenvolvidos: de ter presente que Deus não entrega aos pastores apenas a alma e sim criaturas humanas, com alma e com corpo; de ter como dever pastoral, da maior importância e gravidade, lutar para que as criaturas humanas que se acham em nível infra-humano atinjam, quanto antes, o nível humano.<sup>24</sup>

Quando começou a participar das conferências e palestras, ele se tornou um “cidadão do mundo”, e a sua preocupação era fazer com que as injustiças e desigualdades sociais do mundo diminuíssem. E isso só seria possível com uma organização de grupos militantes atuando em “campos de ação” deflagrando um movimento de opinião pública mundial favorável ao “desenvolvimento harmônico e solidário”. O seu pensamento social, político e econômico não era exclusividade sua, o seu interesse era servir como instrumento para difundir idéias sobre a importância do desenvolvimento econômico como único caminho para a superação das injustiças.

Dom Hélder sofreu uma forte influência de Celso Furtado, que via o desenvolvimento como um “instrumento de humanização do capitalismo” e “também como o melhor caminho para a neutralização dos movimentos de esquerda e socialistas, tais como as ligas camponesas”.<sup>25</sup>

Ao afirmar que “não haverá paz sem justiça e que o desenvolvimento é o novo nome da paz” e “como o desenvolvimento promoveria o bem-estar, naturalmente estaria assegurada a ordem social, cujo desdobramento político, no mundo ocidental, é a democracia”, Dom Hélder inspirava-se na *Populorum*

<sup>23</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 367.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 368.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 369.

*Progressio* de Paulo VI e nos ensinamentos de Celso Furtado<sup>26</sup>. Dom Hélder confirmava essas influências:

Minha posição consiste em considerar o desenvolvimento o problema n.º 1 do continente. Problema humano ao qual a Igreja não pode, de modo algum, ser insensível. Nosso problema é de paz social. Ou nos desenvolvemos ou, então, o continente se ensangüentará. Aí, sim, virá o comunismo.<sup>27</sup>

Em suas conferências, ele utilizava-se muito do pensamento do jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin<sup>28</sup>. Através das leituras de Chardin, ele construiu uma nova visão de mundo, onde o cristão não devia olhar para o mundo querendo fugir dele, e sim olhá-lo e amá-lo, ou seja, o homem é como “co-criador”, responsável por complementar a criação divina. Por influência de Chardin, passou a respeitar a ciência e ver a pesquisa científica como uma maneira do homem chegar ao “coração da matéria”, num caminho evolutivo rumo a “super-humanidade” em que existiria “a máxima abertura para a pessoa humana”, e seria possível o seu encontro com o “Cristo alfa e ômega, princípio e fim”.<sup>29</sup>

Leitor atento e voraz desde a sua juventude, Dom Hélder adquiriu uma cultura livresca, vastíssima, sem a exclusão das teorias consideradas heréticas pelo catolicismo oficial, como o freudismo e o marxismo. Apesar disso, é possível identificar três componentes essenciais nas concepções filosóficas, políticas, sociais e econômicas que defendia: o pensamento filosófico e teológico de Teilhard de Chardin o conciliara com o conhecimento científico; as concepções cepalinas fundamentavam suas propostas econômicas para a superação das injustiças dentro dos países desenvolvidos; do ponto de vista político a obra madura de Jacques Maritain, desde o final dos anos 30, dera grande impulso que faltava para a conversão de seu pensamento autoritário integralista numa visão de mundo democrática e pluralista, ao mesmo tempo que cristã-católica. Só mesmo o clima de polarização ideológica e de intolerância à diversidade de pensamento existente no Brasil a partir do golpe militar pode explicar por que as propostas de Dom Hélder em suas conferências, baseadas, fundamentalmente, nessas três fontes, eram rotuladas de comunistas. Aliás, no seio da Igreja, o setor integrista se aproveitaria das acusações da direita política contra Dom Hélder para também rotular de comunistas

<sup>26</sup> Celso Furtado, doutor em economia, que teve intensa atuação na América Latina e no Brasil nos anos 60 e 70. Em suas obras estudou os problemas brasileiros do desenvolvimento econômico do Brasil e os relacionou com os fatores políticos e sociais.

<sup>27</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 370.

<sup>28</sup> D. Romano RÉZÉK, OSB, Pequena biografia e cronologia de suas obras. Para aprofundar o estudo, consultar as obras de Pierre Teilhard de CHARDIN, *Gênese de um pensamento; O Fenômeno Humano; Hino do Universo*.

<sup>29</sup> Nelson PILETTI, Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 370.

suas propostas de reforma da Cúria Romana e de atualização da doutrina da estrutura da Igreja.<sup>30</sup>

Dom Hélder chegou a declarar na época: “Se dou comida aos pobres eles me chamam de Santo. Se eu pergunto por que os pobres não têm comida, eles me chamam de comunista”.<sup>31</sup> A partir de 1969, tornou-se difícil o seu acesso aos meios de comunicação – rádios, jornais, revistas e televisão – devido ao acirramento da censura imposta pelo governo militar. No início dos anos 70, era reconhecido como uma liderança na luta em defesa dos direitos humanos e da paz mundial. Era um forte candidato ao prêmio Nobel da paz<sup>32</sup>. Alguns jornais estrangeiros chegaram a considerá-lo “o homem de maior influência na América Latina, depois de Fidel Castro”<sup>33</sup>.

Apesar da peregrinação internacional, com palestras e conferências, a sua prioridade era o trabalho na Arquidiocese, com a ação pastoral vinculada à proposta do Movimento de Educação de Base. Seu objetivo era consolidar o movimento “evangelização conscientizadora”, que há anos vinha sendo elaborado. O intuito desse movimento era organizar pequenos grupos de moradores em áreas populares, discutir o evangelho e debater os problemas da comunidade. A partir daí implantar projetos para a resolução dos problemas de injustiça social que assolam o Nordeste, a América Latina, a Ásia e a África. Nasceram, na Arquidiocese de Olinda e Recife, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).<sup>34</sup> Dom Hélder fala sobre as CEB's para o mundo:

---

<sup>30</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 371.

<sup>31</sup> Esta referência foi retirada de uma lista de frases de expressão de Dom Hélder intitulada “*Frases de Dom Hélder*”, cuja data não é definida.

<sup>32</sup> A censura imposta pelo governo do presidente Emílio G. Médici e o boicote do governo brasileiro à sua indicação ao prêmio Nobel da paz foram trabalhados anteriormente, no segundo capítulo desta dissertação.

<sup>33</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p.378

<sup>34</sup> CEBs, Comunidades Eclesiais de Bases, nasceram no Brasil nos anos 60 com o intuito de reunir as camadas populares para celebrar e refletir sobre sua fé a partir da realidade social em que viviam e “à luz da Palavra de Deus”. Reunem-se em pequenos grupos organizados em paróquias (urbano) ou capela (rural), por iniciativa de padres, bispos e leigos. As primeiras surgiram no Rio Grande do Norte, na arquidiocese de Natal. São comunidades porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. São eclesiais, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (camadas populares).

A Comunidade de Base tem dimensão humana, o que permite que todos conheçam a todos. Os problemas não são de casos de moral extraídos de livros, mas acontecimentos reais, que saltam da vida. Na Comunidade de Base, para que o diálogo seja efetivo e válido, todos aprendem a falar e a calar, a falar e a ouvir, a alegrar-se vendo o próprio pensamento enriquecer-se com os pontos de vista até com as discordâncias dos irmãos. [...] Na Comunidade de Base os irmãos se apóiam mutuamente, cada um guardando a própria liberdade e o grupo renunciando, expressamente, a exercer pressões sobre os seus. [...] Na Comunidade de Base, em geral, todos trabalham ou procuram trabalho [...].<sup>35</sup>

Para Dom Hélder, as CEBs eram uma “esperança viva de renovação das estruturas da Igreja”<sup>36</sup> tendo a incumbência de promover a humanização através da religiosidade, e esta, contribuindo para a “libertação social” das camadas populares. Ele dizia: “[...] nas nossas Comunidades de Base, também se espalha – e se espalha cada vez mais – a certeza de que, quando o pequeno acreditar no pequeno, quando o menor que padece acreditar no menor, então, sim, o mundo será melhor”<sup>37</sup>.

Uma de suas preocupações era com os extremismos, tanto de direita, que pretendia esmagar as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a pretexto do perigo de serem instrumentalizadas pelos marxista-leninistas, como pela tentativa que existia delas de fato receberem essa instrumentalização pela extrema esquerda. A cada encontro das comunidades, Dom Hélder achava muito importante haver espaço e tempo para orar e estudar e que se incentivasse a auto-organização política das comunidades, a fim de lutarem por seus direitos, sem a utilização da violência. Frei Gilberto Gorgulho afirma que as CEBs:

São uma escola de crescimento da consciência oprimida, revoltada, agressiva, que caminha até chegar a uma consciência moral, a uma consciência evangélica. São um fator de transformação, porque somente a consciência moral, quer dizer, a percepção do que é verdadeiro, do que é justo, do que é injusto, (clareza na percepção pessoal e grupal) tem força de transformação, força de libertação.<sup>38</sup>

Na Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Hélder foi o grande incentivador para que os trabalhadores rurais e urbanos e as camadas desfavorecidas da sociedade se organizassem através das Comunidades Eclesiais de Base. Esse apoio levou a região de Pernambuco a ser uma das que mais se destacou na

<sup>35</sup> Dom Hélder CÂMARA, *Minorias Abraâmicas e Estruturas da Igreja*.

<sup>36</sup> Nelson PILETTI; Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*, p. 391.

<sup>37</sup> *Apud* Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p.217.

criação das Comunidades Eclesiais de Base, principalmente as comunidades rurais, onde a exploração e a luta pela posse de terras foi mais intensificada. Em Recife, esse trabalho teve seu início com um pequeno projeto liderado e organizado por Dom Hélder denominado *Projeto Esperança*, abordado no primeiro capítulo desta dissertação. Ele colaborou com o desenvolvimento e consolidação das CEBs, principalmente em Olinda e Recife, através da sua experiência na ACB e no MEB e do seu apoio aos religiosos e leigos seguidores da Teologia da Libertação (TdL).

O trabalho das comunidades eclesiais de base deveria estar alicerçado num aprendizado através da ação, conscientização e oração. Para Dom Hélder, era importante que no trabalho realizado nessas comunidades ocorresse um processo de transformação, isto é, se criasse uma sociedade justa e digna para homens e mulheres. Ele entendia que o trabalho dos missionários tinha um papel fundamental em todo o processo, porque estes não vinham trabalhar para o povo, e sim, com o povo, aprendendo, ensinando e vivenciando os problemas, e junto com a comunidade tentavam buscar soluções. Dessa maneira, ele semeou nas mentes e nas almas das pessoas a sua pedagogia da esperança. Para Dom Hélder: “[...] O verdadeiro educador é muito mais que um despertador. É alguém que vem acordar aquilo que está meio adormecido dentro de nós”<sup>39</sup>.

Essa tentativa de levar as camadas mais carentes da população a um processo de conscientização através da sua própria realidade só foi possível em função da criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que foram fundamentais para que o povo pudesse pensar, idealizar e construir, em sua comunidade, um mundo possível de melhores condições de vida para todos. Dom Hélder fazia a seguinte reflexão a respeito das CEBs:

Então, o mistério das Comunidades Eclesiais de Base está nessa mudança de atitude. Em lugar de a gente pensar que o povo é formado de uns incapazes, de uns imbecis que não têm nada a dar, a gente acredita no povo. São criaturas humanas que têm cabeça pra pensar, são filhos de Deus que têm boca para falar. Então nós acreditamos nos pequenos projetos de dimensão humana. Nós queremos é isso. Porque, o que é que adiantam aí super-projetos, se só são magníficos para que os ricos se tornem mais ricos e o mundo se torne cada vez mais desumano. Queremos projetos de dimensões humanas precisamente para que haja mais vida humana. Queremos é isso, um mundo mais respirável, menos desumano, quantas vezes será preciso repetir?<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Apud José J. QUEIROZ (org), *A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base*, p.19.

<sup>39</sup> Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p. 231.

<sup>40</sup> Apud Marcos de CASTRO, *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*, p 231.

Esse foi o trabalho realizado por ele, ao longo das décadas de 60 e 70, em busca de um mundo mais justo, solidário e sem violência, onde as diferenças étnicas, religiosas e sociais não seriam algo impeditivo para se construir um mundo de irmãos. Isso o projetou para o mundo, e fez com que ele viajasse por todos os continentes levando uma palavra profética grávida de esperança para homens e mulheres de boa vontade. Recebeu títulos de *doctor honoris causa* em várias universidades nacionais e estrangeiras. É importante destacar o primeiro título recebido no Brasil: em 1982, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, quando o então reitor Dom Paulo Evaristo Arns lhe agradeceu com tal honraria, a de *Doctor Honoris Causa em Direitos Humanos*. Dom Hélder na ocasião deixa uma mensagem aos jovens:

Um cristão jamais pode perder a esperança. Podemos e devemos fugir de falsas promessas. Mas por mais que descubramos situações graves no Brasil e no mundo – no Brasil, agravadas pelo que se passa no mundo – para quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, há claros sinais de esperança, a começar pela atitude dos jovens.<sup>41</sup>

O trecho do discurso acima é importante, primeiro porque acontece num momento histórico ímpar no Brasil e para Dom Hélder. O Brasil estava iniciando o seu processo de redemocratização que, apesar do governo militar, caminhava a passos largos para a consolidação da democracia política em nosso país. Em segundo lugar, merece destaque o reconhecimento da universidade brasileira ao religioso, profeta e místico, Dom Hélder Câmara que, após anos de silêncio, não só voltava a expor suas idéias em público, bem como recebia pela primeira vez no Brasil, um título de *doctor honoris causa*.

Nesse discurso, ele apontou aspectos que sempre foram muito importantes em sua vida: o cristianismo, os jovens e a esperança. Através da esperança cristã e da esperança, ele construiu um modelo de ação no qual, sem violência, ele atingiu de maneira violenta a todos os setores da sociedade que deveriam ser transformados para que os homens construíssem uma sociedade mais justa. A Igreja conservadora, o regime militar e os imperialismos foram os setores de maior atenção por parte do religioso. Conforme depoimento de Dom Antônio Fragoso sobre Dom Hélder: “Um homem que teve a coragem de ser não violento a vida

---

<sup>41</sup> Hélder CÂMARA, *Só a verdade vos libertará*.

inteirinha, de ser o mais violento dos bispos do Brasil. Porque ele desmanchava por dentro os conteúdos, assim, de totalitarismo, de opressão, de Dominação”<sup>42</sup>.

Enfim, foram suas atividades na Ação Integralista Brasileira, na Ação Católica Brasileira, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Movimento de Educação Básica, no Concílio Ecumênico Vaticano II, na Conferência Episcopal de Medellín, nas Comunidades Eclesiais de Base, somados à sua visão profética e preocupada com os excluídos e as desigualdades sociais cometidas a eles, é que Dom Hélder construiu um estilo único e insofismável de pensar, ser e agir.

---

<sup>42</sup>Dom Hélder Câmara. *Em Busca da Profecia*. Direção Érika Bauer, produção Cor Filmes, 2003.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve como principal objetivo resgatar e manter viva a memória de Dom Hélder Câmara e possibilitar, assim, às novas gerações o encontro com mais uma obra que fala sobre a sua pessoa. E para que manter viva a memória deste homem, deste religioso, desse guerreiro, desse profeta?

Dom Hélder, ao longo de sua vida, passou por diferentes fases. Desde a sua formação como padre até sua aposentadoria como Arcebispo em Olinda e Recife, não foi um mero observador dos acontecimentos, muito pelo contrário, foi alguém que, no seu espaço e em sua época, pensou, agiu, atuou de tal maneira que fez história. Ele viveu num período no qual ocorreram transformações profundas na sociedade e no mundo: as relações econômicas e políticas, o desenvolvimento industrial e tecnológico, as novas idéias advindas do homem da sociedade industrializada. Todos esses fatores, de maneira direta ou indireta, vão interferir na formação e no comportamento de Dom Hélder durante sua vida religiosa e fora dela.

É importante destacar que ele foi uma pessoa que interagiu de maneira intensa com todas essas novas situações e com aqueles que com ele conviveram ou apoiando-o ou se opondo às suas idéias.

Em nenhum momento ele teve medo de viver e enfrentar as dificuldades, que não foram poucas; sempre defendeu com argumentos profundos e sensatos os seus pontos de vista e a sua maneira de entender o mundo. Mesmo discordando de seus opositores, tinha a sensibilidade de reconhecê-los e respeitá-los, pois não via neles inimigos, mas sim irmãos que divergiam no campo das idéias.

Foram muitos os enfrentamentos: com o clero, com os militares, com os países imperialistas que exploram de maneira austera e desumana as populações dos países do Terceiro Mundo. Sua postura diante dessas situações foi sempre

marcada por aquilo que caracterizou Dom Hélder em toda a sua vida: a esperança. Ele foi um homem, um religioso e um profeta da esperança – a meu ver, o aspecto mais importante em sua vida. Acho que o verdadeiro dom de Dom Hélder foi carregar sempre consigo a chama da esperança. Ele conseguia transmitir e contagiar as outras pessoas com o seu otimismo com a mesma intensidade que o tinha dentro de si.

Em suas conferências, nacionais ou internacionais, ou em seus encontros com camponeses no sertão nordestino, o tom de Dom Hélder era único: era o tom da esperança, onde prevalecia a incansável batalha por aqueles que “não têm vez e não têm voz”. Por quantas vezes ele se pronunciou e discursou a favor desses e, mais importante, agiu, praticou ações que dessem a esses melhores oportunidades de vida.

Para Dom Hélder, a paz e a justiça social foram bandeiras e compromissos não só do religioso, mas também do homem que, não só comprometido com sua religião, mas com o seu povo, com a humanidade, lutou para que se construísse um mundo no qual os homens pudessem viver com mais respeito e dignidade.

Outro aspecto que merece destaque: a sua trajetória como religioso, trajetória profética, sempre à frente de boa parte dos seus companheiros, quando se tratava da renovação da Igreja. Ele teve, ao longo de sua vida religiosa, sensibilidade para perceber as mudanças do mundo e, em decorrência disso, teve a perspicácia de rever valores, refletir e propor mudanças na Igreja. O “pensamento helderiano” não pode ser entendido se não se levar em conta o processo de mudança vivido por ele.

Diversos autores influenciaram Dom Hélder nesta caminhada de lutas para a renovação da Igreja e da sociedade. Graças à sua extraordinária capacidade para ouvir, refletir e agir, sempre viveu no provisório.

Dom Hélder participava de um grupo dentro da Igreja que queria vê-la num diálogo com a história e assumindo sua missão de servir no mundo tão conturbado. Isso explica sua intensa participação no Concílio Vaticano II e nas Assembléias episcopais de Medellín, Puebla e Santo Domingo. Ele mostrou nesses **encontros** a sua habilidade e visão profética da necessidade da construção de uma nova Igreja, uma Igreja voltada para os pobres e os excluídos da sociedade: a “Igreja dos Pobres”.

O projeto de renovação da Igreja na América Latina conseguiu um grande número de bispos, padres, religiosos e religiosas, leigos e leigas. Dom Hélder foi, para esse grupo, uma referência.

Igreja, povo de Deus, preocupada em devolver ao homem e à mulher latino-americana a dignidade de filhos de Deus, preocupada em conscientizá-los para assumirem a tarefa da construção de uma sociedade mais justa. A Igreja, povo de Deus, precisa dar razão de sua esperança.

Dom Hélder exerceu um papel de fundamental importância para o povo e para a Igreja e, através de suas idéias e atitudes, construiu um modelo de esperança que se tornou referência para gerações que acreditam na paz e na justiça social.

Temos hoje a possibilidade de tê-lo como um ícone de nossa história e um exemplo de ser humano. A lembrança de sua vida nos ajudará a manter a chama acesa da esperança para lutarmos constantemente na construção de um mundo mais justo e fraterno.

## ANEXO I

### Dom Paulo Evaristo Arns

Entrevista com Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal Emérito de São Paulo, SP, gravada e transcrita do original, no Mosteiro São Francisco, São Paulo, SP, em 18/05/2000.

**Martinho:** Para o senhor, qual a importância de Dom Hélder para Igreja Católica no Brasil e no mundo?

**Dom Paulo:** Bem, evidentemente esta pergunta abrange toda a atividade e toda a vida de Dom Hélder Câmara e será difícil resumi-la em poucas palavras, mas eu gostaria de dizer, sobretudo, da experiência que eu próprio tive com Dom Hélder Câmara. Quando eu ainda era bispo-auxiliar, fui escolhido para secretário da educação na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Então, eu me reunia com o grupo de Dom Hélder e podíamos assim conversar à vontade. Eu me lembro bem que tivemos uma reunião no Rio de Janeiro justamente naquele momento em que morreu aquele estudante em 1968. Houve uma grande passeata, e o bispo com o bispo-auxiliar do Rio acompanharam essa passeata dos estudantes, também nós estávamos pré-ocupados. Os jornalistas – o tempo ainda era de liberdade de imprensa, liberdade relativa de imprensa – , procurando respostas, perguntaram a mim também: “O senhor é bispo em São Paulo. O que o senhor acha do comunismo estar dominando São Paulo toda?” E eu respondi: “Eu acho que vocês estão completamente enganados.” Porque eu visitava, a cada semana, uma fábrica ou muitas fábricas conforme o tamanho delas e mandava preparar o ambiente para os trabalhadores católicos, sempre perguntando se eu deveria ir como bispo ou com

terno como estou diante de você. Eles sempre respondiam: “nós queremos que todo mundo conheça o nosso bispo assim como ele aparece diante do povo, assim como ele aparece diante de Deus, assim como ele aparece nas cerimônias, nós queremos que conheçam nosso bispo”. Minha impressão foi sempre positiva, altamente positiva, de todos os nossos trabalhadores em São Paulo. Lembro-me que o ministro do trabalho, do regime militar, ficou tão furioso que escreveu um artigo no Jornal O Estado de São Paulo, e o próprio Jornal também escreveu um artigo de fundo contra mim dizendo que eu estava exagerando só para conquistar os operários. Então dom Hélder chegou perto de mim e disse: “Filho, você está começando em São Paulo, mas continue dessa forma que você vai ver como vale a pena nós sermos amigos do povo”. Essa é a primeira grande característica de Dom Hélder, amigo do povo! Onde ele chegava, era considerado como um bem feitor, como um amigo.

Em uma outra ocasião – esta já foi alguns anos depois – eu tinha sido nomeado arcebispo de São Paulo, mas ainda não era cardeal, Dom Hélder chegou aqui acompanhado de Dom José Maria Pires, bispo da Paraíba, com diversos líderes mineiros católicos, estavam em minha casa e discutíamos, numa reunião normal, o que se podia fazer para evitar excessos dessa chamada revolução de 64. Neste momento chegou a notícia de que haviam prendido um padre e uma assistente social. Deixei passar a reunião até ao meio-dia e, enquanto os outros foram para o refeitório e depois descansar um pouco, porque iríamos recomeçar às duas horas, fui para a cadeia, para a prisão. Fui travestido de todas as insígnias de arcebispo e encontrei na porta um senhor que era da região norte, meu conhecido, e eu disse para que ele abrisse depressa para eu poder entrar. E quando ele abriu, num movimento espontâneo, eu entrei e logo saltaram em cima de mim seis ou oito militares. Perguntaram o que eu fazia ali dentro, e eu disse para se ajoelharem, pois estavam diante de um bispo e todos os presos, pela Constituição brasileira, tem direito à assistência religiosa. “É sábado, eu quero dar assistência religiosa e quero entrar.” Eu tinha levado a Constituição do Brasil e a abri exatamente no artigo em que dizia que todos tinham direito à consciência religiosa. “Se vocês não me deixarem entrar, vou denunciá-los.” Eles me deixaram entrar. Vi o padre, a assistente social, os dois estavam feridos, machucados. “Mas eu quero ver os outros presos”, e vi uma porção de presos, pois estavam lá dentro. Então voltei e contei esse caso para os que estavam reunidos. Dom Hélder disse:

“É denunciando que essas pessoas desistem de fazer as obras más contra os prisioneiros, nunca devemos deixar passar um ferimento ou uma violação da dignidade humana sem denunciá-la.”

Tomando consciência do que ele dizia, eu então elaborei dez pontos, mandei imprimir e afixar em todas as portas das Igrejas de São Paulo – foi o primeiro grande protesto público, em São Paulo, que se fazia contra a tortura. E Dom Hélder, quando viu isso na manhã seguinte, falou na missa que da mesma forma que Cristo salvou São Pedro no momento em que este iria afundar-se no mar, assim, ele iria salvar qualquer um de nós quando estivéssemos em perigo de vida. Nós deveríamos continuar lutando. Era, portanto, um homem otimista, isto é muito importante. Dom Hélder, apesar de ser muito inteligente, intuitivo, ver as conseqüências negativas, também via sempre o lado positivo possível em qualquer situação.

Uma terceira coisa que me lembro, e que gostaria de dizer aqui, é algo que foi muito importante para nós, muito importante mesmo. O povo de São Paulo queria a todo o preço ver sempre de novo Dom Hélder entre nós. E um dia perguntaram para mim, como grã chanceler da Universidade Católica, por que eu não dava o título de *doctor honoris causa* para Dom Hélder Câmara. Respondi que a nossa universidade é um pouco diferente das outras, ela não costuma conceder muitos títulos de doutorado assim, e seu desse para Dom Hélder iriam dizer que eu estaria dando para um religioso e um amigo, portanto alguém privilegiado e que poderia dar, por exemplo, para Alceu de Amoroso Lima. Imediatamente retrucaram dizendo que para o Dr. Alceu já havia sido dado. Então, resolvi pedir ao conselho universitário que discutisse a questão, passando pelas diversas instâncias até chegar à última pessoa, que sou eu que devo dar a aprovação final. E nós aprovamos a resolução de dar a Dom Hélder o título de *doctor honoris causa* em direitos humanos. Na véspera da concessão do título, no Tristão de Ataíde, eu pensei que o Tuca, que comporta mil e duzentas pessoas, estivesse cheio e ele estava praticamente vazio; não poderia acontecer a mesma coisa. Avisei aos vigários da periferia o dia e a hora (8 horas da noite) que Dom Hélder iria receber o título *honoris causa*, e às 6 horas não havia mais um lugar livre nem dentro nem fora. Tivemos que colocar alto falantes fora para que o povo não forçasse e houvesse uma dificuldade lá dentro. E Dom Hélder Câmara, com toda a sua humildade e simplicidade, saldou os nordestinos contando pequenas histórias dentro desse TUCA que tinha visto os maiores artistas brasileiros apresentarem as suas peças; e ele contando as

pequenas histórias! O povo aplaudia com amor e com veneração extraordinária. Dom Hélder sabia adaptar-se a todas as situações, particularmente a situações dos pobres, dos pequeninos, apesar de sua inteligência privilegiada e de estar habituado também a tratar com pessoas de alta categoria ou pessoas de grande instrução, mas ele sabia adaptar-se a todas as situações. Essa é uma terceira questão que eu gostaria de realçar.

Nós chegamos a tal grau de amizade que Dom Hélder um dia me disse: “nós somos mais do que irmãos”. “Eu imaginei, respondi, que eu podia escolher um tio entre os bispos, porque o Papa chama os bispos de irmãos, os cardeais ele chama de filho, agora se eu sou filho do seu irmão, então eu sou seu sobrinho, não sou? Eu não quero ter três mil e quinhentos tios no mundo, são três mil e quinhentos bispos, eu não quero ter três mil e quinhentos tios no mundo, quero ter um só, só você, você aceita?” Ele me abraçou e daí para frente me chamava, mesmo em público e às vezes em situação constrangedora, de sobrinho, sobrinho Paulo, e eu lhe chamava de tio Hélder. Assim nós passamos até o final da vida. Eu celebrei a missa de trigésimo dia, celebrei com muita emoção porque fui convidado de todas as partes, embora tenham me dito que talvez fosse melhor eu não ir em função de um grupo dissidente de Olinda e Recife. Fui visitar aquele grupo e todos me disseram que “foi bom que o senhor veio, porque sem o senhor o enterro de Dom Hélder seria certamente um desaparecimento do corpo dele. Assim ele está presente na sua pessoa e estamos todos contentes que o senhor esteja aqui.” Espero ser amigo deles por toda a eternidade.

**Martinho:** Que exemplo, que modelo Dom Hélder deixou para a sociedade?

**Dom Paulo:** Eu acho que numa cidade como São Paulo, o Arcebispo dirá, em primeiro lugar, que a maior vergonha do mundo é a cidade de São Paulo ser classificada como a que menos bem distribui as rendas. Quer dizer, que é a mais injusta na distribuição de rendas que entram e que são as principais do país. Então eu acho que a defesa dos pobres está na generosidade, ou seja, na ação não qualitativa, mas sim de justiça social em toda sociedade em relação aos bens da Pátria, que são os bens da grande família; nós somos uma grande família. Penso que Dom Hélder certamente diria: “São Paulo converte e crê no Evangelho porque ele ensina a dividir os bens e não a concentrar os bens”. Eu acho que esta nova

técnica de globalização trouxe um grande mal estar ao coração de Dom Hélder, porque concentrou ainda mais os bens do que o próprio capitalismo, e fez com que os pobres fossem mais pobres e sofressem mais, e os ricos fossem mais ricos e ainda fossem ainda mais gananciosos. Precisamos mudar completamente o nosso sistema de distribuição de bens no Brasil, porque menos de 10% possuem mais do que 50% de toda a população brasileira. Assim, podemos dizer que somos realmente o oposto do que Cristo pregou e Dom Hélder viveu, ensinou e pediu que nós definíssemos no mundo inteiro.

**Martinho:** O senhor acha que Dom Hélder conseguiu colocar a sua ideologia de uma sociedade mais justa totalmente em prática?

**Dom Paulo:** Eu acho que nenhuma pessoa coloca os seus ideais onde Cristo os colocou, e chega a realizar o que deseja realizar na Terra. Isso também deve ter acontecido com Dom Hélder. Ele deve ter sempre pensado “eu fiz pouco ou muito pouco”. Até pensando na vida dele, muitas vezes reflito nos grandes sermões que ele fez para as pessoas mais influentes da Terra que ele encontrou na vida. Ele nunca deixou de dizer a verdade, sempre disse a verdade de uma maneira bem clara, e sempre teve que experimentar depois que a palavra dele não produziu o fruto que poderia ter produzido. Agora, ele disse uma vez, uma frase que você pode anotar para toda a sua tese e sua exposição: **“Quando o nosso sonho é autêntico ele acaba por realizar-se”**. Quando o nosso sonho é um sonho autêntico, então ele acaba sendo realizado um dia. Esse sonho de ser realidade aquilo que a gente imagina, isso para Dom Hélder acho que foi um grande consolo e um grande conforto. (...) Quando voltei da Europa – estudei cinco anos na França, fiz meu doutorado na Sorbone –, fui ao Rio de Janeiro. Naquele momento, Dom Hélder era monsenhor Hélder, chamavam-no de padre Hélder. Querendo falar com ele, fui logo para a sua primeira apresentação. Foi uma apresentação muito rica, foi o momento em que o representante do Brasil na Unesco – a Unesco cuida da cultura nas nações unidas, na França sempre estive presente em todas as sessões na fundação –, iria discutir com Dom Hélder. O representante, em um determinado instante, disse que não era cristão, e Dom Hélder respondeu: “o senhor diz que não é cristão, mas quem nos julga é o Cristo, e Ele disse que o senhor é discípulo dele; o senhor está lutando para que o Brasil tenha cultura, tenha ensino, tenha tudo. Mas o senhor tem

como secretário um padre católico [e tinha mesmo um padre salesiano como secretário]. Então é sinal que o senhor ama o Cristo.” Eu estava presente naquele momento. Depois procurei falar com Dom Hélder, mas não consegui, era muito difícil. Um dia, através de uma pessoa, cheguei perto, mas não me apresentei, nem ele, apenas o cumprimentei, pedi a benção e me retirei. Isso aconteceu quando voltei da Europa, em 1952, no Rio de Janeiro, quando Dom Hélder era quase que a imagem católica do Rio.

**Martinho:** Como o senhor vê o imaginário de libertação construído por Dom Hélder ao longo de sua carreira religiosa?

**Dom Paulo:** Há três fatos que a gente pode enumerar nesse ponto. Em primeiro lugar, a fundação do CELAM, o Conselho Episcopal Latino Americano, fundado para que a América Latina se libertasse, assim como aquele grupo do Concílio Ecumênico tinha imaginado. Aliás, existe até um livro publicado pela livraria dos jesuítas sobre o grupo que defendia que a Igreja deveria voltar aos princípios como era no tempo de Cristo: simples, viver com o povo e não com o poder. E Dom Hélder, ao fundar o CELAM, queria isso. Foi quando ele imaginou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Como secretário, ele sempre usou os métodos de se fazer as coisas pequenas com meios pequenos para que elas depois cresçam assim como a semente e depois se desenvolvam numa árvore, ou numa flor ou em alguma coisa semelhante.

A terceira coisa, que me parece muito importante, foi o que Dom Hélder fazia nas reuniões de Medellín e Puebla. Assisti sobretudo a de Puebla; ele sabia trabalhar nos corredores, era uma arte. Depois de uma seção importante, onde havia intervenções que às vezes podiam desviar até a comunidade toda reunida, Dom Hélder sabia dar sempre aquele toque necessário para que as pessoas influentes depois levassem as idéias de libertação para todo o povo e, sobretudo, dando força ao grupo paralelo que estava – eram mais de cem teólogos – alojado bem pertinho da nossa residência de bispos participantes dessa reunião. E esse grupo recebeu de Dom Hélder todo o apoio e, digamos, toda alimentação para continuar a Teologia da Libertação. Mas eu penso que Dom Hélder foi mais importante pelo exemplo do que pela palavra ou pregação, a vida dele foi realmente uma história para ser contada a todas as gerações.

## ANEXO II

### Joseph Comblin

Depoimento, do teólogo Joseph Comblin, gravado e transcrito do original, no Congresso da Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – em 26 de julho de 2000 em Belo Horizonte, MG.

**Comblin:** Olha, se você quiser entender Dom Hélder, primeiro terá que entender o Ceará. E aí então, imbuir-se da alma cearense, pois aí está o ponto de partida, porque afinal ele nasceu e cresceu nesse ambiente messiânico da espera permanente de um mundo novo, um mundo diferente, um mundo da salvação. Dom Hélder sempre esteve à espera de uma transformação: “o regime militar vai acabar, vai terminar”; e o pontificado atual não, “mas a coisa vai modificar, eu acho que o Papa atual está se transformando porque agora ele está se interessando pelo problema social”, ou então, “acho que o Papa está muito doente, muito doente”. Sempre um motivo de esperança, todo dia, todas as manhãs. E então, “Não, mas vocês são muito pessimistas, são muito pessimistas.”

**Martinho:** Esse Papa que ele falava que estava muito doente, ele se referia a quem?

**Comblin:** O Papa atual. E então, quando ele teve que renunciar, dissemos: “Dom Hélder, agora vai ser terrível, agora vão destruir tudo o que o senhor fez aqui”. “Não, vocês não confiam no Espírito Santo, não vai ser assim não, o Papa não vai fazer isto, não, você vai ver que não, vai ser uma coisa boa”, ele respondeu. Sempre, todas as manhãs ele se levantava com isso. O povo é assim no Ceará, não comia em um

dia, mas no dia seguinte levantava acreditando que “hoje eu vou achar alguma coisa para comer”.

**Martinho:** E o senhor acha que isso é uma característica específica do povo do Ceará?

**Comblin:** Específica. Muito mais no Ceará, embora todo nordestino tenha um pouco. Mas o cearense tem muito, pois têm também os modelos de profeta que todo mundo conhece e todo mundo venera. Esse é o ponto de partida. Ele nunca se tornou um intelectual, sempre foi do seu povo mesmo, profundamente impregnado, todas as suas reações não vinham de uma intelectualidade, mas de uma sensibilidade. Aí era extraordinariamente sensível a tudo que acontecia, captando logo, captando todos os sinais, todas as coisas. Muito sensível, como um camponês cearense. Assim, não adianta querer interpretá-lo em categorias intelectuais, pois ele não cabe nessas categorias de intelectuais, mas sim na categoria sabedoria de um camponês – cearense iluminado por uma esperança messiânica, mas que ao mesmo tempo é muito vivo, sabe imediatamente o que é favorável e o que não é favorável, o que se deve pensar dessa pessoa ou daquela outra. E muito hábil para saber manipular, orientar, aproveitar, seduzir, convencer. Um jeito também cearense de saber se aproximar das pessoas, de agradar, como conseguir alguma coisa, como mudar, até aonde insistir ou que não convém insistir, por onde se orientar. Então foi sempre o grande articulador, em tudo. Nunca mandou, só dava instruções. Mas sempre se fazia o que ele desejava porque ele sabia como interferir. No Concílio Vaticano II nunca tomou a palavra, mas nos corredores manipulava tudo, estava sempre organizando e encarregando outros de falar isso ou aquilo.

E mesmo depois da CNBB – ele a governou desde a sua fundação, durante mais de 15 anos – ainda era um grande articulador. Ele articulou a candidatura de Aloísio Loschieder, depois a de Ivo Loschieder.

Muito envolvido com o concreto da vida, o concreto da existência e, sobretudo, das relações humanas. Era muito simpático, aberto e procurava contato com todo mundo. Ele sempre sabia o que queria e como deveria falar com uma determinada pessoa para consegui-lo. Ele gostava imensamente disso, de saber relacionar-se com as pessoas. E com isso conseguiu, claro, fazer a CNBB, o CELAM e no Vaticano II conseguiu muitas coisas no grupo dos pobres, que outros não teriam

conseguido. Mas sempre é uma maneira muito brasileira, ou melhor, muito cearense, pois não é todo brasileiro que é assim. Se você quiser compreender vá lá passar alguns meses e vai entender como andam as coisas.

**Martinho:** Para entender Dom Hélder tem que entender o espírito do Ceará?

**Comblin:** Para entender Dom Hélder precisa entender o Ceará, procure entender o padre Cícero. Ele conheceu o padre Cícero.

**Martinho:** O senhor acha que é importante estar lendo padre Cícero para poder compreender também Dom Hélder?

**Comblin:** Também, porque padre Cícero também era um homem que sabia se relacionar.

Dom Hélder sempre tinha uma visão positiva das coisas. Em toda pessoa ele encontrava o valor, sempre uma visão otimista de todo mundo, o que fazia com que tanta gente se aproximasse dele. Digo isso, pois as pessoas sabiam que sempre seriam bem recebidas, sempre bem acolhidas, mas sempre envolvidas, em função do seu jeito muito humilde de aproximação, mas na realidade ele iria orientar as coisas.

Contudo, sem uma doutrina intelectual, pois percebeu, a partir de sua sensibilidade, o que era para fazer, por onde ia a história, por onde caminhavam as coisas. Por isso é que houve, penso, três momentos fundamentais que provocaram nele uma transformação, embora outros possam ser acrescentados. O primeiro ocorreu depois do Congresso Eucarístico no Rio de Janeiro, em 1955: a entrevista que teve com o cardeal Gerlier, o francês arcebispo de Lion, que o felicitou pela ótima organização do Congresso, maravilhosa organização, e lhe perguntou: “O senhor que organizou tão bem, por que não dá um jeito com essas favelas que estão aí?” Porque naquele tempo ainda na frente da praia do Flamengo, do aterro do Flamengo, estavam as maiores favelas, depois os governadores tiraram. Quase que era o cartão postal do Rio de Janeiro. Ao lado do Corcovado havia as famosas favelas do Rio, não havia isso em outras regiões, outras cidades, o Rio de Janeiro era a capital das favelas. Conta Dom Hélder que ele se pôs de joelho, tomou as mãos do cardeal e as beijou, e depois disse: “Sr. Cardeal, a partir de hoje minha vida vai mudar, eu vou me

dedicar aos pobres dessa cidade”. E mudou completamente, montou a Cruzada São Sebastião e começou articular um mundo de gente para meter-se nessa questão das favelas. Essa foi a sua primeira conversão.

A segunda, acho, foi quando chegou ao Recife, quando foi nomeado, poucos dias depois do golpe militar. No Recife foi justamente o mais fácil, porque lá estava Miguel Arraes, que foi preso, bem como muita gente que estava com ele. E o exército fazia um terror muito forte porque pensava que Miguel Arraes iria ser o líder comunista, iria revolucionar o Brasil. Por isso o golpe foi mais forte. Dom Hélder chegou neste momento e teve que tomar posição, teve que se definir, o que fez naquele famoso discurso que foi publicado em muitos lugares, no qual dizia que sua porta estava aberta, que era livre, que era amigo de todos (portanto, de comunistas, de subversivos, etc.), quando se rejeitava algumas coisas. Dessa forma, entrou em conflito com os militares. Desde o início os militares tinham a certeza de que ele não estava apoiando o golpe, enquanto a Conferência Episcopal toda apoiava. O golpe foi dado e daí começou sua longa trajetória para converter seus irmãos do episcopado, mostrar os fatos, a realidade, o erro que tinham cometido até que colocassem Dom Aloísio Loscheider à frente da CNBB. Porque o cardeal Rossi estava totalmente convertido aos militares.

Nesse momento, Dom Hélder começou a descobrir que tinha uma missão especial: agora a missão era lutar contra esse sistema militar. Iniciou, então, uma nova articulação, não chegava ao Recife para simplesmente administrar uma diocese. Nunca se preocupou muito com a administração, porque tinha o Dom Lamartine. Ele era um excelente administrador e os dois se davam muito bem, sempre juntos, sempre unidos, ainda que fossem bem diferentes. Dom Lamartine administrava muito bem a diocese e Dom Hélder se dedicava a uma vocação mais ampla: atender mais gente, receber mais gente e articular essa conversão da Igreja do Brasil. Penso que esse foi o segundo momento importante.

E o terceiro foi o discurso da Mundialite, pronunciado em Paris em 1969, no qual denunciou as torturas. Porque o silêncio era generalizado, como fora na Argentina. Ninguém falava nada, todo mundo sabia, mas ninguém falava para não criar problemas com os militares. Ele chegou a Paris com o discurso preparado, inicialmente falando de coisas bonitas, mas generalidades sem muita importância. E aí um amigo que tinha preparado o encontro disse: “Dom Hélder, aqui o senhor tem plena liberdade, estamos aqui em Paris, e pode dizer tudo que quiser,

absolutamente, inclusive sobre a França, não tem nenhum problema. E se o senhor não falar nada daquilo que está acontecendo no Brasil, vai ser uma grande decepção.” Dom Hélder botou o discurso no bolso, improvisou, e fez o famoso discurso: “Vou contar o que eu vi.” Contou, então, sobre as torturas que tinha visto na cadeia de Recife, quando foi visitar estudantes e outros torturados, mesmo sabendo que com isso marcaria o início de uma “guerra”. Isso para o governo militar não poderia ser perdoado. Daí começou de fato a guerra, começou a ser atacado, atacado sistematicamente: foi chamado de bispo marxista, vermelho e todo esse negócio. Já não podia mais recuar, estava no meio do conflito. Toda a sua vida de bispo em Recife foi marcada com essa opção inicial que lhe valeu naturalmente a rejeição de todo clero conservador, de todas as classes tradicionais de Recife: há paróquias que nunca visitou, pois nunca foi convidado, porque o vigário era totalmente contra ele. Esses momentos eram como todos outros, nos quais Dom Hélder captava o sinal, pensava o que deveria ser feito, mas não que tivesse um plano previsto, um projeto, mas respondia exatamente à circunstância. Daí em diante mudou, mudou na sua vida, porque o mundo mudara e as necessidades também, isso era inevitável.

**Martinho:** Qual foi a importância de Dom Hélder na construção da Teologia da Libertação?

**Comblin:** Ele não era teólogo, mas é claro que era um desses bispos que justamente por ter entrado em conflito, assumiu a defesa dos oprimidos, dos pobres. A Teologia da Libertação partiu da referência de determinados bispos que fizeram Medellín, que fizeram o CELAM daquele tempo, essa referência é constante, e Dom Hélder estava entre eles. Quer dizer, quando se fala em lutar pelos pobres, no concreto é o que faz Dom Hélder, então era a referência concreta para uma teologia que queria ser justamente uma reflexão sobre a prática, sobre o agir. Ele escreveu muito, sobretudo poesias; ele escrevia todo dia, porque se levantava cedo, às duas horas da madrugada para rezar e para escrever, uma vida contemplativa. Parece que deixou seis mil páginas de poesias, algumas foram publicadas. Mas teologia não, muitas vezes eu lia e corrigia seus discursos, a pedido dele. A Conferência Episcopal do Brasil foi o grande apoio de sempre, ainda é, porque fora disso os outros episcopados não querem nem saber. Houve uma parte de conferência

episcopal no Chile, no Peru e em alguns países na América Central, mas poucos. O grande apoio do mundo episcopal sempre foi brasileiro, sempre foi a CNBB, cujo autor foi Dom Hélder, que durante vinte e cinco anos apoiou e sustentou as Comunidades Eclesiais de Base, a Teologia da Libertação. Mas muito discretamente, nunca apareceu. Ele sabia preparar as eleições episcopais, lançar uma candidatura, e aí fazer a campanha discretamente até ganhar, e sempre ganhava.

## **ANEXO III**

### **Leonardo Boff**

Depoimento, de Leonardo Boff, gravado e transcrito do original, no Congresso da Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – em 26 de julho de 2000, em Belo Horizonte, MG.

**Leonardo Boff:** Eu considero Dom Hélder como um dos pais fundadores da Teologia da Libertação. Porque foi ele que colocou a centralidade dos pobres desde o começo da sua atividade pastoral e, ao mesmo tempo, uma reflexão crítica sobre as causas que geram a pobreza e a injustiça. Dessa intuição nasceu a Teologia da Libertação, e é bom que ela tenha nascido de um profeta, porque o profeta intuí a profundidade dos problemas e também aponta as saídas verdadeiras dos problemas. É de Dom Hélder a expressão “libertação integral”. Numa reunião de bispos no CELAM, no Uruguai, foi ele que, antes dos teólogos da libertação, muito antes do pronunciamento do Vaticano, nos ensinou que a libertação deve ser integral, isto é, ela deve ser econômica, política, social, antropológica e espiritual. E não só intuiu a raiz de onde vem a Teologia da Libertação, criou o seu vocabulário fundamental. Ele foi o nosso ícone, o nosso arquétipo, que realizou de uma forma mais plena ao nível hierárquico, ao nível eclesial, os ideais da libertação. Era uma pessoa extremamente livre na sua palavra, nos seus gestos, no seu pensamento. Era um arcebispo, bispo, mas nunca se comportou dentro dos cânones oficiais, institucionais do episcopado. A forma como se vestia como simples padre, o senso de profunda fraternidade com todos os seres humanos, homens e mulheres, o desenvolvimento profundo que ele tinha da dimensão da ânima, isto é, do enternecimento, da morização, fazia dele uma figura de grande irradiação; ele não

só falava da libertação, mostrava o que era ser um cristão libertado, cristão comprometido, corajoso, aliás cheio de alegria da graça divina. Eu o conheci em todas as fases da minha vida, desde jovem estudante de teologia, depois como teólogo e sempre nos sentimos profundamente solidários e irmãos. Guardo duas recordações inesquecíveis para mim: um bilhete que ele me mandou uma vez, de próprio punho dizendo: “Quando nas madrugadas levanto para meditar lembro dos irmãos Boff, Clodovis e Leonardo, eu rezo e danço”; e quando, alguns dias antes dele morrer, no começo de agosto, nos abraçamos e ele disse: “Nós sempre fomos irmãos, nós sempre fomos amigos, nós sempre nos entendemos”.

Eu senti nele um reforço permanente de toda a minha atividade de teólogo, sempre estive do meu lado me apoiando, buscando mediações de compreensão junto aos outros bispos. Porque ele via a causa da libertação, da teologia, dos pobres, que era uma causa do seu coração.

Então, ele será possivelmente o grande profeta do Terceiro Mundo, profeta da paz, da justiça, da libertação, e um nome que nós pronunciaremos com orgulho. Diz-se que o cristianismo pode produzir uma figura de tal densidade humana. E será o cristão do século XXI, que une compromisso profundo com o mundo, com a justiça, com os pobres e com a profunda mística, encontro com Deus e suavidade da graça. Ele sabia unir essas duas dimensões que, traduzidas em termos de um código antropológico, significa profundo rigor no discurso, na denúncia, não conseguia nada nos sistemas que oprimem, profundo vigor, simultaneamente, profunda ternura com as pessoas, com as coisas, com toda a natureza, especialmente com os pobres. A ternura e vigor, o feminino e o masculino, que andam juntos, é a dimensão do melhor da natureza com o melhor da graça. Dom Hélder é um fenômeno teológico, temos que pensar na figura dele como um fenômeno teológico, como Gandhi: neles há uma densidade do sagrado junto com a densidade do humano que desafia a compreensão. E eu gostaria que mais pessoas analisassem o mistério Hélder Câmara, mas é um mistério de enternecimento. Não é um mistério que nos mete medo, mas um mistério que nos atrai, que nos fascina. E eu creio que, neste sentido, ele será a permanente referência dos cristãos novos e da atualização do evangelho, não só para o nosso tempo, para todos os tempos. No sentido de unir história, concreção com utopia, reino de Deus como a revolução absoluta com os passos concretos que antecipam e historicizam esse reino, que temos que reforçar a causa dos pobres, criar comunidades, resgatar a dignidade dos humildes, abraçar a Terra

como templo de Deus. Tudo isso nós encontramos em Hélder e é o legado que ele nos deixou e que devemos assumir com extrema responsabilidade.

**Martinho:** Qual foi o principal legado deixado por Dom Hélder, para a Igreja Católica, para a América Latina e para o mundo?

**Leonardo Boff:** Acho que é um legado que se desdobra em uma articulação de duas coisas. Primeiro, entender que se o cristianismo não coloca no centro o pobre e a causa do pobre ele perde a herança de Jesus, ele não está na tradição de Jesus. Então o pobre tem uma centralidade que nos permite ficar sempre no segmento de Jesus e anunciar o Evangelho como a boa notícia para os pobres, porque é uma boa notícia de libertação dos pobres, de vida dos pobres, da dignidade dos pobres. Ele nunca teve um conceito pauperista dos pobres; o pobre é aquele que tem dignidade, que tem criatividade, que tem inteligência, que tem fé, que tem esperança e não é escutado, por isso ele é duplamente pobre, porque é pobre em termos de não ter as condições físicas de sobrevivência. E, também, pobre porque a riqueza que ele tem, espiritual e humana antropológica, não é reconhecida, não é valorizada, não é acolhida da centralidade do pobre. Segundo, buscarmos sempre as causas que geram esse pecado, da pobreza, então não só a afetividade ocorre através do pobre, mas também denúncia dos mecanismos que geram e reproduzem a pobreza. E aqui, pra mim, está um ponto da contribuição de Dom Hélder que não foi assimilado pelo cristianismo central, que tinha uma visão moral compassiva dos pobres, nunca uma visão de causalidade de estrutura que gera a pobreza. E esse legado foi assimilado pela Igreja latino-americana nos seus documentos todos, especialmente o documento de Puebla onde se lê que “a pobreza é consequência de mecanismos econômicos, políticos, culturais” e, por isso, pobreza não é pobreza, é empobrecimento, a pobreza é produzida, por isso ela é injustiça. Esse legado dos pobres e a denúncia da causa que gera a pobreza é, para mim, o testamento espiritual, intelectual, teológico que ele deixou e que deverá ser assimilado mais e mais na sociedade, para então ser possível a superação dos paternalismos, das políticas só de boa vontade e assistencialistas, e buscar políticas estruturais que mudem o mundo para que não haja pobres, que não haja causas geradoras de injustiça.

**Martinho:** Nós podemos dividir a história da Igreja na América Latina antes e depois de Dom Hélder?

**Leonardo Boff:** Com referência a Dom Hélder acho que sim, porque sua grande obra eclesial no Brasil, na América Latina e muitos lugares do mundo, foi criar as conferências episcopais; ele criou no Brasil, ele ocasionou a emergência da conferência latino-americana e, em muitos países da Europa, da África, ele ocasionou o surgimento das conferências nacionais, criou um estatuto que já tem o seu direito, a sua legitimidade, a sua cidadania em toda a Igreja. Isso é a criação genial do espírito de Dom Hélder Câmara. Então, podemos dizer que há um antes e um depois, no sentido da profecia que a missão da Igreja não é só uma missão religiosa, é também uma missão profética, uma missão social, libertadora, isso foi incorporado na consciência coletiva da Igreja. E não se entende aqui Igreja fora, sem ser uma Igreja que incida na sociedade em termos da justiça, da benevolência para com os pobres e o senso da dignidade humana nos seus direitos. Isso é contribuição inequívoca de Dom Hélder Câmara. (...) Acho que a Teologia da Libertação na América Latina, no Brasil, não se entenderia sem Dom Hélder (...) Então, eu prefiro deixá-lo como marco eclesial, porque nele não há ambigüidade, não há polêmica (...) Dom Hélder é uma luz que não projeta sombras, ela é transparência daquilo que deve ser.

**Martinho:** Para terminarmos eu queria que o senhor resumisse numa frase o que significou Dom Hélder para a Igreja Católica, para América Latina e para a história da humanidade?

**Leonardo Boff:** Para mim, Dom Hélder concentra na sua figura as dimensões melhores do humano e do divino: ele foi um profeta, um pastor, um poeta; foi o ser humano que podemos ver unidos o projeto infinito do desejo de vida e justiça e a fragilidade da figura humana, na sua pequenez, na sua fugacidade, na singela e humilde passagem por esse mundo. Dom Hélder unia tudo isso, e se eu quisesse dizer que o melhor do humano se resume em ter o vigor do espírito e a ternura de Deus, diria que Dom Hélder unia isso: ele era terno e vigoroso, terno e fraterno e tinha a fraternura da graça e da vida.

## **ANEXO IV**

### **Dom Cândido Padim**

Entrevista com Dom Cândido Rubens Padim, bispo Emérito de Bauru, SP, realizada no Mosteiro São Bento, São Paulo, SP, em 21/04/2001.

**Martinho:** Como o senhor conheceu Dom Hélder Câmara?

**Dom Cândido Padim:** Quando ele era secretário da CNBB no Rio de Janeiro, eu fui designado assessor da seção de educação da CNBB, então tínhamos encontros e reuniões freqüentes no famoso Palácio São Joaquim, que é atualmente a sede da arquidiocese.

**Martinho:** Como foi o seu relacionamento com Dom Hélder no período em que estiveram juntos na CNBB?

**Dom Cândido Padim:** Bom, especialmente ao grande estímulo que ele deu aos grupos da Ação Católica. Porque já antes de ser bispo do Rio de Janeiro, ele era assistente da Ação Católica, associação que existia, mas cada diocese tinha o seu grupinho. Dom Hélder deu uma dimensão nacional de organização da Ação Católica. Ele tinha um carisma especial para promover reuniões e tinha um modo muito pessoal de discutir os problemas, não era nada acadêmico ou esquema doutrinário, mas muito mais a partir dos acontecimentos e dos fatos da realidade. Acho que este aspecto de Dom Hélder é muito importante. Mostrar a atuação apostólica da Igreja sempre dentro dos acontecimentos da época: todos aqueles

fatos que aconteciam, especialmente a criação do Movimento de Educação de Base, o MEB, que teve uma atuação muito grande no Nordeste, aliás eu participei da direção do MEB quando fui bispo auxiliar do Rio de Janeiro. Paulo Freire também colaborou no sentido de criar uma rede de educação de adultos a partir dos fatos acontecidos e não simplesmente o bê-á-bá da lousa. Então, essa maneira de tratar os problemas apostólicos a partir dos fatos acontecidos deu à Ação Católica uma dimensão muito grande de atualidade. Os problemas eram vividos, não eram doutrina simplesmente, mas fatos vividos, esse, penso, foi um aspecto com o qual Dom Hélder contribuiu bastante. Nós nos reuníamos praticamente toda semana e discutíamos esses problemas. Osmar Fávero, e também o que foi reitor da PUC, Luís Eduardo Wanderley, também foram da direção quando eu fui assistente nacional da Ação Católica.

**Martinho:** O que mais o senhor admirava em Dom Hélder Câmara?

**Dom Cândido Padim:** Principalmente a simplicidade dele de não atuar a partir de esquemas e colocações muito teóricas e doutrinárias. Era um homem simples que vivia o acontecimento dos fatos e tinha um relacionamento com as pessoas de amizade profunda, não era somente o gesto orientado. Então, acho que esse aspecto, essa dimensão de encontro pessoal e a visão dos acontecimentos como fatos a serem vividos, isso marcou muito a atuação de Dom Hélder.

**Martinho:** A construção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil foi uma obra idealizada por Dom Hélder e, sem ele, ela não existiria. Ou isso já era um processo dentro da Igreja Católica independente da atuação de Dom Hélder?

**Dom Cândido Padim:** Bom, sem dúvida, havia uma tendência para essa forma de atuação, mas não se tinha a idéia de uma instituição que tivesse dimensão nacional. É interessante notar esse aspecto: embora a Igreja seja universal, sempre atua em cada país com os bispos próprios do país. No entanto, antes do Concílio Vaticano II, a Igreja tinha uma organização a partir das dioceses muito monárquicas, diria, cada bispo era o monarca da sua diocese. Isso não favorecia a atuação conjugada entre elas. É interessante notar que havia uma idéia de respeitar a autoridade do bispo na sua diocese. O Concílio Vaticano II justamente mudou essa visão da Igreja, cada

bispo é bispo da Igreja universal, ele é responsável por toda a Igreja e não apenas pela sua diocese. Então, a partir do Concílio Vaticano II, pouco a pouco, foi se criando várias forças de atuação conjunta, tanto é que no início passou a chamar Pastoral de Conjunto, que mudou inteiramente o sentido do modo de atuar, quer dizer, procurar a convergência, procurar a comunhão dos agentes, mesmo dos agentes de pastoral para que a ação seja unitária e não isolada em departamentos isolados. É verdade que a fundação oficial da CNBB foi antes do Vaticano II, alguns anos, aproximadamente quatro ou cinco. E ao mesmo tempo criou-se o CELAM, o Conselho Episcopal Latino Americano. Foi pouco depois da criação da CNBB, tanto CNBB como CELAM são já antecipações do Vaticano II. O CELAM foi criado em 1955, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro. E com isso a idéia de uma ação colegiada dos bispos foi fortalecida pelo Concílio Vaticano II, que depois do Concílio teve um desenvolvimento muito grande: ações conjuntas e não apenas de cada bispo em sua diocese. Esta idéia Dom Hélder realizou dentro da Ação Católica Nacional.

**Martinho:** Na sua opinião, Dom Hélder conseguiu realizar a prática do seu ideal de libertação no sentido de conscientização da sociedade em sua história de vida religiosa?

**Dom Cândido Padim:** Conseguir realizar é sempre uma coisa relativa, quer dizer, a gente começa um movimento, mas ele nunca será completo. De modo que como início sim, mas não foi imediata esta mudança da pastoral da Igreja, foi muito lenta. Porque, em certas regiões, a gente não encontra uma adesão de muitos leigos para serem agente de pastoral. Só aos poucos é que essa idéia de agente pastoral foi se desenvolvendo entre os leigos, não havia essa idéia de que o leigo pudesse colaborar junto com o bispo ou junto com o pároco na sua diocese. Então, sim, aos poucos foi aumentando a participação dos leigos.

**Martinho:** Como o senhor explica a aceitação de Dom Hélder perante o Vaticano, quando ele é orientado a não se envolver da forma que ele se envolvia com os problemas políticos e sociais do Brasil no período do regime militar?

**Dom Cândido Padim:** Olha, você tem que entender que a atuação de um bispo tem antes de tudo a preocupação da unidade da Igreja. E a atuação da Igreja e especialmente dos bispos no setor social não era muito presente antes do Vaticano II. Não só não era muito presente, mas não era muito recomendado se implicar com as questões políticas. Esse problema da implicação da Igreja com as questões políticas é um problema que – muita gente não percebe – está ligado a uma problemática cultural, não propriamente religiosa. Isto é, o que se entende por atuação política? Antes do Vaticano II, o entendimento comum era que atuação política se referia aos partidos políticos, eram os candidatos, e o governante era o responsável. Então, intrometer-se em questões políticas vinha complicar a atuação da Igreja, pois esta é universal, (...) a Igreja é para todo o povo, portanto ela não pode estar preferindo este ou aquele partido, ela tem que atuar no sentido universal. Por isso que havia esse recolhimento da Igreja em relação às coisas políticas. Isso não aconteceu só no Brasil; isso era uma idéia infelizmente quase que universal. E é ainda hoje na Europa, por exemplo, especialmente na França; a Itália, com a criação do partido democrata cristão, já mudou um pouquinho. Mas em outras situações o bispo sempre se reserva para não se incluir na política. Porém, o Concílio Vaticano II chamou a atenção para o sentido político da vida social. Para você poder ter uma participação na sociedade, você tem que atuar nos problemas que são decisivos para a sorte do povo. Ora, esta maneira de enxergar a ordem política não é partidária, mas é uma preocupação pela justiça e pela fraternidade, que é para todos. Então, a partir do Vaticano II, especialmente por causa do documento do Concílio que é a *Gaudium Spes*, documento este que fala justamente a partir dos fatos da vida do homem, a Igreja começou a assumir uma atuação política, mas não partidária e sim de transformação da sociedade, transformação política. O fato de, por exemplo, as Comunidades de Base do Nordeste começarem a discutir a reforma agrária é um fato político, isso é evidente. A partir daí a Igreja foi assumindo uma atuação política, mas política no sentido humanista, o homem dedicado ao desenvolvimento da sociedade humana, e não por causa desse ou daquele partido. A partir daí é que a Igreja foi assumindo, pouco a pouco, especialmente as encíclicas que começaram a aparecer (...) a *mater et magister* e depois a *populorum progressio* de Paulo VI. Assim, os próprios Papas passaram a incentivar, mas uma coisa é a orientação, digamos, dos documentos da Igreja, outra coisa é o funcionamento dos departamentos da cúria romana. Isso é uma coisa que talvez

vocês não percebiam. Na cúria romana são pessoas que vêm da mentalidade antiga. Dessa forma, qualquer bispo que comece a falar, em termos nacionais e internacionais, em justiça social já é visto com certa cautela. (...) Então, tudo o que Dom Hélder realizava, encontrava obstáculo justamente na atuação governamental, no caso da América Latina toda, porque a segurança nacional foi na América Latina toda, não foi só no Brasil, na Argentina, no Chile. Por isso Roma fica sempre cautelosa para não deixar a Igreja ser arrastada por essas questões. Podemos ver duas coisas a partir de Roma: os documentos, as encíclicas que têm uma orientação extraordinária, total, universal e as preocupações dos departamentos da cúria romana. Essa cautela excessiva de não implicar com o governo. (...) Havia uma defasagem entre o que se entendia como doutrina da Igreja e o que fazia fulano de tal.

**Martinho:** Qual foi o maior legado deixado por Dom Hélder aos cristãos e não cristãos do planeta?

**Dom Cândido Padim:** Principalmente confiar nos ideais e na razão dos pequeninos, a base, esse pessoal que não tem poder, no sentido político de poder e dar a esse pessoal toda condição para poder atuar.(...) Esse aspecto que eu acho importante, Dom Hélder chamou a atenção para atender a situação dos pobrezinhos que não têm vez. Eu me lembro que na posse dele em Recife, eu estava ao seu lado no palanque e do outro lado estava o general comandante da região militar. O discurso dele foi daquele jeito. Ele disse que nós tínhamos que não só fazer planos de governo, mas tínhamos que ouvir o que o “Zé da Esquina” está precisando. Essa visão era a própria ação da Ação Católica a partir do Vaticano II, e que Dom Hélder incentivou enormemente e deu um apoio muito grande na atuação, isso eu acho importante.

## BIBLIOGRAFIA

- ACCATTOLI, Luigi. *Karol Wojtyła: o Homem do Fim do Milênio*. Trad. Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Paulinas, 1999.
- ALBERIGO, Giuseppe; BEOZZO, José Oscar. *História do Concílio Vaticano II: O Catolicismo rumo à nova era. O anúncio e a preparação do Vaticano II*. Trad. João Rezende Costa. Petrópolis: Vozes, 1996, v.I.
- ALBERIGO, Giuseppe; BEOZZO, José Oscar. *História do Concílio Vaticano II: A formação da consciência conciliar. O primeiro período e a primeira intersessão (outubro de 1962 a setembro de 1963)*. Trad. João Rezende Costa. Petrópolis: Vozes, 2000, v. II.
- ALFENAS, Francisco de Assis Silva. *Paulo Freire e Medellín: a construção de uma pedagogia libertadora*, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil: nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na Virada da Questão Social 1930-1964. Anotações para uma História da Igreja no Brasil. Ensaio de Interpretação*. Rio de Janeiro: Vozes/Educam, 2000.
- BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de. *Dom Hélder. O Artesão da Paz*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2000. (Coleção Brasil 500 Anos)
- BAUMGARTL, Otto Johann V. P. *Utopia Social: O pensamento utópico de Ernst Bloch no espelho da realidade latino-americana*, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- BEISIEGEL, Celso Rui. *Política e Educação Popular: A Teoria e a Prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil. De João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

- BEOZZO, José Oscar. *Cristão na Universidade e na Política: História da JUC da AP*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BETTO, Frei. *Catecismo Popular*. São Paulo: Ática, 1992.
- BIGO, Pierre. *A Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Fé Cristã e Compromisso Social: Elementos para uma reflexão sobre a América Latina à Luz da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- BIRK, A. J. *Um Mundo a Construir*. O Apostolado dos leigos no Pensamento de J. Cardijn. São Paulo: Loyola, 1975.
- BOFF, Leonardo. *Eclesiogênese*. As Comunidades Eclesiais de Base reinventam a Igreja. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BOFF, Leonardo. *Igreja Carisma e Poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1994. v. I.
- BRITO, Ênio José da Costa. *O Leigo Cristão no Mundo e na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1980.
- BRITO, Ênio José da Costa. Medellín: Fato Histórico e Teológico. *Revista Espaços*, São Paulo, v. 6, n. 2, pp. 152-64, dez. 1988.
- BROUCKER, José de. *Dom Hélder Câmara: La Violenza d'un Pacifico*. Roma: Saggi Esperienze, 1970.
- BRUNEAU, Thomas. C. *O Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- CAMACHO, Idelfonso. *Doutrina Social da Igreja: abordagem histórica*. São Paulo: Loyola, 1995.
- CAMPOS, P. N. *A Doutrina Social da Igreja à Luz do Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1966.
- CARDONHA, José. *A Igreja e o Golpe de Estado Militar de 1964*, 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- CASTRO, Gustavo do Passo. *As Comunidades do Dom: Um Estudo de CEB's no Recife*. Recife: Funda / Ed. Massangana, 1987.
- CASTRO, Marcos de. *A Igreja e o Autoritarismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Dom Hélder: Misticismo e Santidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Gênese de um pensamento: cartas 1914-1919*. Porto: Tavares Martins, 1966.
- \_\_\_\_\_. *O Fenômeno Humano*. 3.ed. Porto: Tavares Martins, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Hino do Universo: a missa sobre o mundo, três histórias no estilo de Benson. A potência espiritual da matéria, pensamentos escolhidos por Fernande Tradivel*, 1994.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Igreja e Problemas da Terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*. Brasília: CNBB, 1991.
- COMBLIN, Joseph. *A Maior Esperança*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- \_\_\_\_\_. *A Ideologia da Segurança Nacional. O Poder Militar na América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Bispo do Terceiro Milênio*. In: ROCHA, Zildo (org.). *Hélder, O Dom: Uma Vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Teologia da Libertação, Teologia Neoconservadora e Teologia Liberal*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Membros e Endereços*. Brasília: CNBB, 2002.
- COMISSÃO Pastoral da Terra. *CPT: Pastoral e Compromisso*. Petrópolis: Vozes, Comissão Pastoral da Terra, 1983.
- DALE, Romeu (Org.). *A Ação Católica Brasileira*. São Paulo: Loyola / CEPEHIB, 1985. (Coleção Cadernos de História da Igreja no Brasil, 5)
- DREIFFUS, Rènè A. *1964 A Conquista do Estado: Ação, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. Vol. 7, pp. 1717-1718.
- FERRARINI, Sebastião Antônio. *A Imprensa e o Arcebispo Vermelho (1964-1984)*, 1989. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- FRAIJÓ, Manuel. *Fragmentos de Esperança*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- FREI FRANCISCO, Obras de. *O Dom da Paz: 65 Anos de Sacerdócio de D. Hélder Câmara*. São Paulo: Paulinas, 1996.

- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. New York: Herder and Herder, 1970 (manuscrito em português de 1968). Publicado com prefácio de Ernani Maria Fiori. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- \_\_\_\_\_. *À Sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho da Água, 1995.
- FRIES, Heinrich (dir.). *Dicionário de Teologia: Conceitos Fundamentais da Teologia Atual*. Trad. Teólogos do Pontificado Pio Brasileiro de Roma. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983-1987. v. 2.
- FROMM, Eric. *Conceito Marxista do Homem*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.
- FURTER, Pierre. *Dialética da Esperança: Uma interpretação do Pensamento Utópico de Ernst Bloch*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GABAGLIA, Laurita Pessoa Raja. *O Cardeal Leme*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962.
- GALACHE, Gabriel. *Síntese da Doutrina Social*. São Paulo: Loyola, 1963.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada: As Ilusões Armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. v. I.
- \_\_\_\_\_. *A Ditadura Envergonhada: As Ilusões Armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. v.II.
- \_\_\_\_\_. *A Ditadura Derrotada: O Sacerdote e o Feiticeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. v. III.
- \_\_\_\_\_. *A Ditadura Escancarada: O Sacerdote e o Guerreiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. IV.
- GEORGE, Henry. *LEÃO XIII: A Doutrina Social da Igreja*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.
- GOFF, Jacques Le; SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Trad. Hilário Franco Junior. São Paulo: EDUSC / Imprensa Oficial SP, 2002, v. II.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.). *Presença Pública da Igreja no Brasil*. Jubileu de Ouro da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2003.

- KATLHEN, Nelmo Roque Ten. *Uma Vida para os Pobres: Espiritualidade de D. Hélder Câmara*. São Paulo: Loyola, 1991.
- KLOPPENBURG, Boaventura.(org.). Pacto da Catacumbas, in *Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes,1966. v. V.
- KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- LENZ, Matias Martinho (org.). *Igreja e a Propriedade da Terra no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1980.
- LIMA, Haroldo. *História da Ação Popular da JUC ao Pcdob*. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.
- LIMA, Luis Gonzaga de S. *Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil: hipóteses para uma transformação*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MAGALHÃES, Valdo de Barros. *A Prisão de Padres Estrangeiros no Brasil. 1968 a 1980: Uma Controvérsia de Interesses entre a Igreja Católica e o Regime Militar*. 1998. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense,1989.
- MARCONI, Paolo. *A Censura Política na Imprensa Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Global, 1980.
- MARITAIN, Jacques. *Humanismo e Integral – Uma Visão nova na Ordem cristã*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941.
- \_\_\_\_\_. *Cristianismo e Democracia*. 3.ed. Trad. e introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1949.
- MAY, Roy H. *Los Pobres de La Tierra: Hacia una pastoral de la tierra*. San José: Departamento de Investigaciones (DEI), 1986.
- MENDONÇA, Sônia R. ; FONTES, Virginia M. *História do Brasil Recente (1964-1980)*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- MENESES, Paulo. Os Horizontes da Esperança. *Síntese*, São Paulo, n. 87, 2000.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Herder, 1971.
- NETTO, José Paulo. *O que é Marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- NOTÍCIAS DA IGREJA UNIVERSAL, n. 46/47, 1-5, fev. 1968.

- NUNES, Aderito S. *Princípios da Doutrina Social*. 2. ed. Lisboa: Moraes, 1961.
- PAIVA, Vanilda. *Pedagogia e Luta Social no Campo Paraibano. Síntese*, São Paulo, 29 (1983): 73-99; 30 (1984): 63-91.
- PALÁCIO, Carlos. *Uma Consciência Histórica Irreversível 1960-1979: Duas Décadas da História da Igreja no Brasil. Síntese*, São Paulo, v. IV, n. 17, pp. 19-40, set/dez. 1979.
- PIKAZA, Xabier; NERES, Silanes (dir.) *Dicionário Teológico*. I.F.L. Trad. Honório Dalbosco Ferreira. São Paulo: Paulus, 1998.
- PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: Entre o Poder e a Profecia*. São Paulo: Ática, 1997.
- PIMENTA, Maria do Carmo. *Ano 2000, 500 Anos de Brasil: Uma Visão de Fé, Esperança e Amor nas Mensagens Fraternas de Dom Hélder Câmara*. São Paulo: Obras de Frei Francisco e Paulinas, 2000.
- POTRICK, Maria Bernarda (org). *Dom Hélder, Pastor e Profeta*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- PRAXEDES, Walter L. de Alencar. *Dom Hélder Câmara e a Educação Popular no Brasil*. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de São Paulo. São Paulo.
- QUEIROGA, Gervásio F. de. *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil : Comunhão e Corresponsabilidade*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- QUEIROZ, José J. (org). *A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- RÉZÉK. Romano. *Pequena Biografia e Cronologia de suas Obras*. <http://sites.uol.com.br/pteilhard>. Acesso em 11/11/2002.
- REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade 1964-1984*. São Paulo: Uel, 2003.
- ROCHA, Zildo (org.). *Hélder, O Dom: Uma Vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RUTTEN, G. C. *A Doutrina Social da Igreja*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra: Bispos e Militares, Tortura e Justiça Social na Ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SIGRIST, José Luís. *A JUC no Brasil: Evolução e Impasse de uma Ideologia*. São Paulo: Cortez/Unimep, 1982.
- SILVEIRA, Ênio. *Arquiteto de Liberdades*. Rio de Janeiro: Bretand Brasil, 1998.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Brasil: De Castelo a Tancredo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SOUZA, Luiz Alberto Gomes de. *A JUC: Os Estudantes Católicos e a Política*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SOUZA, Marcelo de Barros; Caravias, José Luis. *Teologia da Terra*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1998. (Tomo IV, série V: Desafios da Vida na Sociedade)

SVERDRUP, Jacob. *Relatório sobre Dom Hélder*. Prêmio Nobel da Paz. Oslo: Grondahl, 1970.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação Progressiva*. Introdução à filosofia da educação inspirada em Dewey e outros pensadores norte-americanos e ingleses. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932.

\_\_\_\_\_. *Educação e a Crise Brasileira*, 1956.

\_\_\_\_\_. *Educação não é Privilégio*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

TEIXEIRA, Francisco M. P.; TOLTINI, Maria E. *História Econômica e Administrativa do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

TORRES, Sérgio (Org.). *A Igreja que surge da Base*. São Paulo: Paulinas, 1982. (Eclesiologia das Comunidades Cristãs de Base)

### **Obras, discursos, depoimentos e vídeos sobre Dom Hélder**

ARNS, Dom Paulo Evaristo. Depoimento gravado no Mosteiro São Francisco, São Paulo, em 18 de maio de 2000.

BOFF, Leonardo. Depoimento gravado no Congresso da Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, em 26 de julho de 2000.

CÂMARA, Hélder. *Universidad y Revolucion Hélder Câmara*. Textos organizados por Fernando Matta. Chile: Universidad Católica de Chile, 1962.

CÂMARA, Hélder. *Superação do Colonialismo Interno*. Discurso de paraninfo na formatura da Escola de Direito da UFRN, Natal, 1966.

\_\_\_\_\_. *Presença da Igreja no Desenvolvimento da América Latina*. Conferência em Buenos Aires, 1966.

CÂMARA, Hélder. *Minorias Abraâmicas e Estruturas da Igreja*. Palestra proferida na reunião dos Colaboradores da Freckenhoster Kreises, Munique, Alemanha, em 22 de junho de 1972.

\_\_\_\_\_. *O Deserto é Fértil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. Hélder CÂMARA, *Las Conversiones de un obispo*. Conversaciones com José de Broucker, Santander, Sal Terrae, 1980.

\_\_\_\_\_. *Só a Verdade os Libertará*. Discurso na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no recebimento do título de *doctor honoris causa*, em 04 de março de 1982.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho com dom Hélder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

CÂMARA, Hélder; KAELIN, Pierre. *Sinfonia dos Dois Mundos*. 1984

*Dom Hélder Câmara. Em Busca da Profecia*. Dir. Érika Bauer. Cor Filmes, Brasília, 2003.

*Dom Hélder Câmara. O Bispo Rebelde*. Dir. Érika Bauer. Cor Filmes, Brasília, 2004.

*Dom Hélder Câmara. O Santo Rebelde*. Dir. Érika Bauer. Cor Filmes, Brasília, 2004.

Invocação a Mariama, Dom Hélder Câmara. *Missa dos Quilombos*. Milton Nascimento, Pedro Casaldaliga e Pedro Tierra. Faixa 12. Prod. e dir. Marcos Ferreira e Milton Nascimento. Quilombo Criação e Produção Mercury e Poligram, projeto nascimento, 1995. CD.

*O Dom da Paz: 65 Anos de Sacerdócio de D. Hélder Câmara*. Dir. Osmar Barbalho. Obras de Frei Francisco, Recife, 1996.

PADIM, Dom Cândido Rubens. Depoimento gravado no Mosteiro São Bento, São Paulo, em 21 de abril de 2001.

*Palavras de um Profeta*. Prod. Arquidiocese de Salvador. Paulinas Video, BA, 2000.

[www.biblia.int.br/enciclica/solitu.htm](http://www.biblia.int.br/enciclica/solitu.htm)